

GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA
LÍNGUA APINAJÉ

FRANCISCO EDVIGES ALBUQUERQUE



**GRAMÁTICA PEDAGÓGICA
DA LÍNGUA APINAJÉ**



Universidade Federal do Tocantins

Reitor: Alan Barbiero

Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários - PROEX: Marluce Zacariotti

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPESQ: Márcio Antônio da Silveira

Diretor do Campus de Araguaína: Luiz Eduardo Bovolato

Coordenação do Projeto de Educação Escolar Apinajé na Perspectiva Bilingue e Intercultural:
Francisco Edviges Albuquerque

Diretor de Educação Básica Presencial/DEB/CAPES: João Carlos Teatini

Coordenação Geral da CGC/DEB/CAPES/MEC: Carmem Moreira de Castro Neves

Coordenadora de Fomento da CGC/DEB/CAPES: Fernanda Litvin Villas Boas

Equipe Técnica/CAPES: Carine Pereira Mariani, Janaina Cássia Carvalho e Sílvia Helena Rodrigues

Coordenação Regional/FUNAI/ Palmas: Cleso Fernandes de Moraes

Chefe do NPPDS/FUNAI/ Palmas: Corina Maria Rodrigues Costa

Coordenação Técnica da FUNAI/ Tocantinópolis: Josevan da Cruz Vilanova

Diretoria de Educação Indígena e Diversidade/SEDUC/TO: Maximiano Bezerra

Supervisor Pedagógico Indígena/DERET/Tocantinópolis: João Joviano de Medeiros Neto



Grão Chanceler: Dom Washington Cruz, CP

Reitor: Prof. Wolmir Therezio Amado

Editora da PUC Goiás

Pró-Reitora da Prope e Presidente do Conselho Editorial: Profa. Dra. Sandra de Faria

Coordenador Geral da Editora da PUC Goiás: Prof. Gil Barreto Ribeiro

Conselho Editorial: Profa. Dra. Regina Lúcia de Araújo; Prof. Dr. Aparecido Divino da Cruz;
Profa. Dra. Elane Ribeiro Peixoto; Profa. Dra. Heloisa Capel; Profa. Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cav-
alcante; Prof. Dr. Cristóvão Giovani Burgarelli; Ms. Heloísa Helena de Campos Borges;
Íuri Rincon Godinho; Maria Luísa Ribeiro e Ubirajara Galli.



GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DA LÍNGUA APINAJÉ

Francisco Edviges Albuquerque



GOIÂNIA, 2011

**Professores Indígenas
Apinajé colaboradores do
Projeto**

Amindor Corredor Almeida Apinajé, Ana Rosa Ribeiro Salvador Apinajé, Carlos Tep-Krut Fernandes Apinajé, Cassiano Sotero Apinajé, Davi Waimimem Chavito Apinajé, Emílio Dias Apinayé, Eloíza Apinajé, Eva Apinajé, Francisco R. da Costa Apinajé, Gilberto Dias Morais, Gilberto Pereira Apinayé, Iramar Dias de Sousa Apinajé, Itamar kamàt Apinajé, Ivan Corredor Apinajé, José Dorico Apinajé, José Eduardo Dias Pereira Apinayé, Josué Dias de Sousa Apinayé, Júlio Kamêr Apinayé, Jurandy Pereira Apinayé, Lucas Dias Laranja Apinajé, Maria Célia Dias de Souza Apinajé, Maria Cipand Apinajé, Maria Dos Reis Corredor, Paulo Laranja Apinayé, Percília Dias Morais, Roberto da Mata Apinajé, Rogério Evangelista Dias Apinajé, Rosana Dias Apinajé, Silivan Oliveira Apinayé, Vanderlei Sotero Apinajé, Vílson Corredor Apinajé, Willian Dias Laranja Apinajé.

**Professores Indígenas
Apinajé Revisores**

Ana Rosa Ribeiro Salvador Apinajé, Emílio Dias Apinayé, Josué Dias de Sousa Apinayé, José Eduardo Dias pereira Apinayé, Júlio Kamêr Apinayé, Maria Célia Dias de Souza Apinajé e Paulo Laranja Apinayé.

Assessoria Linguística

Francisco Edviges Albuquerque

Equipe do Projeto:

Coordenação

Francisco Edviges Albuquerque

Professores Colaboradores

Miguel Pacífico Filho e Thelma Pontes Borges

Bolsistas de Graduação

Alex Dias da Conceição Silva, Carlos Joeverson Azevedo de Oliveira, Ediléia Maria da Sila, Fernanda de Oliveira Fernandes e Gustavo Carvalho Viveiros.

Bolsista de Mestrado

Severina Alves de Almeida

**Professoras de Educação
Intercultural (Bolsistas)**

Ana Rosa Ribeiro Salvador Apinayé e Maria Célia Dias de Sousa Apinayé

Capa

Francisco Edviges Albuquerque e Josévaldo Bringel da Cruz

Diagramação e Digitação

Josévaldo Bringel da Cruz

Revisão

Homeu Henkes

Adaptação Gráfica

Félix Pádua

Projeto: A Educação Escolar Apinajé na Perspectiva Bilingue e Intercultural

Esta publicação foi viabilizada com recursos do Programa do Observatório da Educação Escolar Indígena/
CAPES/SECAD/INEP - Edital 001/2009 - Projeto 014.



Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)

Apoio:



PROEX - Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários

PROPESQ - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

LALI - Laboratório de Línguas Indígenas / Campus de Araguaína

NEPPI - Núcleo de Estudo e Pesquisa com Povos Indígenas / Campus de Araguaína

Editora da PUC Goiás

Rua Colônia, Qd. 240-C, Lt. 26 - 29, Chácara C2, Jardim Novo Mundo

CEP. 74.713-200 – Goiânia – Goiás – Brasil

Secretaria e Fax (62) 3946-1814. Coordenação (62) 3946-1816

www.pucgoias.edu.br/editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GO, Brasil

G745 Gramática pedagógica da língua Apinajé / Francisco Edviges
Albuquerque, (coord.). – Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2011.
140 p.

ISBN 978-85-7103-713-7

1. Língua indígena – gramática. 2. Língua Apinajé – gramática.
I. Albuquerque, Francisco Edviges. II. Título.

CDU: 811.87'36

Todos os direitos reservados aos índios Apinajé: Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio de processo, especialmente por sistemas gráficos, microfilmicos, fotográficos, reprográficos, fonográficos, videográficos, internet, *notebook*. A violação dos direitos autorais é punível como crime (art. 184 e parágrafos, do Código Penal, cf. Lei nº 6.895, de 17/12/80) com pena de prisão e multa, conjuntamente com busca e apreensão e indenizações diversas (art. 102, 103 parágrafo único, 104, 105, 106 e 107 itens 1, 2 e 3 da Lei nº 9.610 de 19/06/98. Lei dos Direitos Autorais).

Apresentação

A elaboração desta Gramática partiu de uma constatação de que alunos e professores apinajé dispunham de bons métodos didáticos para falar, ler e escrever em língua materna, mas necessitavam de uma gramática específica de sua língua, pois todos os livros e materiais didáticos que existem nas escolas de suas aldeias visam apenas à sistematização do português. Assim, professores e alunos Apinajé sentiram a necessidade de um subsídio didático adequado na sua língua materna.

A Gramática Pedagógica da Língua Apinajé se compõe de quatro partes:

A primeira parte (Língua Indígena Brasileira) aborda as línguas indígenas brasileiras, as famílias de línguas, a família Tupi-Guarani, o Tronco Macro-Jê, informações históricas sobre os Apinajé, o território, ocupação das terras, situação atual Apinajé e alguns conceitos linguísticos.

Na segunda parte (Fonética e Fonologia Apinajé) são analisados detalhadamente o alfabeto apinajé, as vogais e as consoantes, símbolos utilizados na transcrição fonética dessa língua, classificação dos fonemas; descrição das vogais, o modo e o ponto de articulação em apinajé, as vogais e semivogais, sílaba, divisão silábica, acentuação gráfica, padrão silábico, algumas reflexões sobre a escrita apinajé, discussão e revisão da escrita ortográfica, representação gráfica dos fonemas.

A terceira parte (Morfofossintaxe Apinajé) apresenta uma abordagem dos processos morfofossintáticos da língua apinajé, a estrutura das palavras, classificação dos elementos mórficos, processos de formação de palavras em apinajé, as classes de palavras, classificação das classes de palavras, flexão de gênero, número, modo e tempo, formação do plural em apinajé, a sintaxe, frase, oração e período, tipos de predicado, termos essenciais, acessórios e termos integrantes apinajé.

Na quarta parte (particularidades da Língua Apinajé) são abordadas as particularidades da língua, perguntas e respostas afirmativas e negativas, sentenças transitivas, os tipos de oração, formas imperativas, a negação em apinajé, frase nominais, o genitivo e a nominalização.

Esta gramática é fruto de uma experiência de 15 anos de convivência e pesquisa entre os povos apinajé, através da implantação do Projeto de Apoio Pedagógico à Educação Escolar Apinajé, que há onze (11) anos vem contribuindo significativamente para a educação escolar bilíngue e intercultural nas escolas desses povos, e em 2009, com a implantação do Projeto a Educação Escolar Apinayé na Perspectiva Bilíngue e Intercultural, aprovado pelo Programa do Observatório da Educação Escolar Indígena, através do Edital nr. 001/2009/CAPES/SECAD/INEP.

Ao longo desses anos de experiência com os Apinajé, eles têm depositado total confiança em nosso trabalho. A partir dessa relação de confiança e seriedade, os professores apinajé solicitaram a elaboração de uma Gramática que descrevesse os aspectos de sua língua materna, uma vez que durante suas aulas teóricas e práticas sentem a necessidade de uma gramática que leve em consideração os aspectos linguísticos, fonéticos, fonológicos e morfofossintáticos do Apinajé.

Francisco Edviges Albuquerque

Sumário

Primeira parte: Línguas Indígenas Brasileiras

1. Línguas Indígenas Brasileiras.....	15
1.1. Família de Línguas:	16
1.1.2. Família Tupi-Guaraní.....	16
1.1.3. O Tranco Macro-jê.....	17
1.1.4. Macro-jê.....	18
1.2. Informações Históricas sobre os Apinajé.....	21
1.3. Nome.....	23
1.4. Território.....	24
1.5. Ocupação das terras Apinajé.....	24
1.6. Situação Atual.....	25
1.7. A Língua Apinajé	26
1.8. Alguns Conceitos Linguísticos.....	26
1.8.1. Linguagem:.....	26
1.8.2. Língua:	27
1.8.3. Fala:	27
1.8.4. Língua materna	27
1.8.5. Línguas minoritárias.....	28
1.8.6. Linguística.....	29
1.8.7. Variante Linguística	29
1.8.8. Dialetos.....	30

Segunda parte: Fonética e Fonologia Apinajé

2. Fonética e Fonologia Apinajé.....	32
2.1. Alfabeto Apinajé.....	32
2.1.2. Vogais Apinajé.....	32
2.1.2.3. Consoantes Apinajé.....	32
2.2. Símbolos utilizados na transcrição fonológica da língua Apinajé.....	32
2.3. Classificação dos fonemas Apinajé.....	34
2.3.1. Vogais.....	34
2.3.2. Quadro das vogais Apinajé, segundo os critérios articulatórios.....	35
2.3.3. Quadro fonético das vogais Apinajé.....	36

2.3.4. Descrição das Vogais Apinajé.....	36
2.3.5. Exemplos de vogais orais Apinajé.....	36
2.3.6. Exemplos de vogais nasais Apinajé.....	37
2.3.7. Vogais puramente nasais.....	37
2.3.8. Vogais nasalizadas pelo ambiente contíguo.....	37
2.3.9. Vogal antecedendo segmento nasal.....	37
2.3.10. Vogal sucedendo segmento nasal.....	38
2.3.11. Consoantes.....	38
2.3.12. Fonemas nasais da língua Apinajé e seus alofones.....	39
2.3.13. Quadro fonêmico das consoantes Apinajé.....	43
2.3.14. Semivogais.....	44
2.3.15. Aproximante /j/ e seus alofones.....	44
2.4. Sílaba.....	44
2.4.1. Encontros vocálicos.....	45
2.4.2. Encontros consonantais.....	45
2.4.3. Dígrafos.....	46
2.4.4. Divisão Silábica.....	46
2.4.5. Sílaba Tônica.....	46
2.4.6. Padrão Silábico Apinajé.....	47
2.5. Algumas reflexões sobre a escrita alfabética Apinajé.....	52
2.5.1. As consoantes Apinajé e suas variantes fonológicas.....	54
2.5.2. Correspondência entre fonemas e grafemas da Língua Apinajé.....	56
2.5.3. Discussão a Revisão da Escrita Ortográfica para a Língua Apinajé.....	57
2.5.3.1. A representação gráfica do fonema consonantal /r/.....	58
2.5.3.2. A representação gráfica do fonema /s/.....	59
2.5.3.3. A representação gráfica do fonema /m/.....	59
2.5.3.4. A Representação gráfica do fonema /p/.....	59
2.5.3.5. A representação gráfica do fonema /n/.....	59
2.5.3.6. A representação gráfica do fonema /f/.....	60
2.5.3.7. A representação gráfica do fonema /v/.....	60

Terceira parte: Morfossintaxe Apinajé

3. Morfossintaxe Apinajé.....	62
3.1. Processos Morfológicos Apinajé.....	62
3.2. A Estrutura das Palavras em Apinajé.....	62
3.3. Elementos Mórficos da Língua Apinajé.....	63
3.4. Classificação dos Elementos Mórficos da Língua Apinajé.....	63

3.5. Processos de formação de palavras na língua Apinajé.....	65
3.5.1. Derivação.....	65
3.5.2. Composição.....	67
3.5.3. Outros processos de formação de palavras Apinajé.....	67
3.6. As classes de palavras Apinajé.....	69
3.7. Mecanismo de Flexão das palavras Apinajé.....	72
3.7.1. Flexão de Gênero.....	72
3.7.2. Palavras de gênero masculino Apinajé:.....	72
3.7.3. Palavras de gênero feminino Apinajé:.....	73
3.7.4. Flexão de Número.....	73
3.7.5. Flexão de Grau.....	73
3.7.6. Flexão de Tempo.....	74
3.7.7. Flexão de Modo.....	74
3.7.8. Flexão de Pessoa.....	75
3.8. Substantivo.....	76
3.8.1. Classificação.....	76
3.8.2. Flexão.....	78
3.8.3. Número.....	78
3.8.4. Formação do Plural.....	79
3.8.5. Grau.....	79
3.8.6. Formação do grau.....	79
3.8.7. Adjetivo.....	80
3.8.8. Locução Adjetiva.....	80
3.8.9. Classificação do Adjetivo.....	80
3.8.10. Flexão.....	81
3.11. Artigo.....	84
3.12. Numeral.....	84
3.13. Pronome.....	85
3.14. Subdivisão dos pronomes pessoais Apinajé.....	86
3.15. Pronomes Possessivos Apinajé.....	87
3.16. Pronomes demonstrativos.....	88
3.17. Emprego dos pronomes demonstrativos Apinajé.....	88
3.18. Pronomes indefinidos Apinajé.....	89
3.19. Pronomes Interrogativos Apinajé.....	89
3.20. Verbo.....	90
3.21. Flexão verbal.....	90
3.22. Formas Nominais do verbo.....	93
3.23. Voz do Verbo.....	93

3.24. Modelo da Conjugação verbal Apinajé.....	94
3.25. Advérbio Apinajé.....	95
3.26. Classificação do Advérbios Apinajé.....	96
3.27. Advérbio Interrogativo.....	96
3.28. Expresões Advérbiais Apinajé.....	97
3.29. Graus do Advérbio.....	99
3.30. Preposição.....	100
3.31. Locuções prepositivas.....	101
3.32. Conjunção.....	102
3.33. Classificação das conjunções Apinajé.....	102
3.34. Conjunções Coordenativas.....	102
3.35. Conjunções Subordinativas.....	103
3.36. Interjeição.....	106
3.36.1. Classificação.....	106
3.37. Sintaxe.....	107
3.38. Frase, Oração e Período.....	107
3.39. Tipos de frase.....	107
3.40. Oração.....	109
3.41. Período.....	110
3.42. Termos Essenciais da Oração.....	111
3.43. Classificação do Sujeito.....	112
3.44. Predicado.....	113
3.44.1. Classificação do Predicado.....	113
3.45. Verbos estativos.....	114
3.45.1 Verbos transitivos estativos.....	115
3.46. Termos Integrantes da Oração.....	116
3.47. Termos Acessórios da oração.....	117
3.47.1. Classificação dos adjuntos adverbiais.....	118
3.47.2. Aposto.....	120
3.48. Vocativo.....	120

Quarta parte: Particularidades da língua Apinajé

4. Particularidades da língua Apinajé.....	122
4.1. Expressões Apinajé.....	122
4.2. Perguntas e respostas Apinajé.....	123
4.3. Algumas Sentenças transitivas Apinajé.....	124
4.4. Orações não-verbais Apinajé.....	125

4.5. Orações Imperativas.....	126
4.6. A Negação Apinajé.....	127
4.7. Frases Nominais Apinajé.....	128
4.8. Os Genitivos Nominais Apinajé.....	128
4.9. Nominalização Apinajé.....	129
4.10. Algumas funções dos nome e verbos Apinajé.....	131
Referências Bibliográficas.....	135
Anexos	137



Primeira parte

**Línguas Indígenas Brasileiras:
visão preliminar**

1. Línguas Indígenas Brasileiras

Nesta seção, utilizamos as bases teóricas de Rodrigues (1986), para fazermos um breve relato informativo acerca dos povos indígenas brasileiros, as famílias Tupi e o tronco Macro-Jê, conforme descrevemos a seguir.

Rodrigues (1999) afirma que as línguas se desenvolveram no Brasil há milhares de anos, com total independência em relação às tradições culturais da civilização ocidental. Atualmente existem cerca de 180 línguas indígenas no Brasil, faladas por aproximadamente 270 mil pessoas, concentradas, sobretudo, na região amazônica. Até hoje são conhecidos dois troncos linguísticos (tupi e macro-jê), 12 famílias que não pertencem a nenhum tronco (caribe, aruaque, arawá, guaicuru, nambiquara, txapakura, panu, catuquina, mura, tucano, makú, yanomámi) e dez línguas isoladas, que não estão agrupadas em nenhuma família.

A família mais numerosa do tronco tupi é a tupi-guarani, cujas línguas (19 no total) são faladas por 33 mil índios, localizados em sua maioria nas áreas de floresta tropical e subtropical. Nessa família, o guarani (15 mil falantes) e o tenetehara (6.776 falantes) destacam-se entre as demais línguas. No tronco Macro-Jê, a família mais numerosa é a Jê que compreende línguas (8 no total) faladas principalmente nos campos de cerrado. As mais populosas são a caingangue (10.426 falantes) e a xavante (4.413 falantes). As outras línguas que predominam no país são o tukano (18 mil falantes, língua isolada); o macuxi (15.287 falantes, família caribe); o terena (9.848 falantes família aruaque); e o yanomám (6 mil falantes, família yanomámi).

Influência na língua portuguesa – O português sofreu grande influência das línguas nativas, especialmente do tupinambá, a língua de contato entre europeus e índios. O tupinambá foi amplamente usado nas expedições bandeirantes no sul do país e na ocupação da Amazônia. Os jesuítas estudaram a língua, traduziram orações cristãs para a catequese e o tupinambá se estabeleceu como língua geral, ao lado do português, na vida cotidiana da colônia. Desta língua indígena, o português incorporou principalmente palavras referentes à flora (como abacaxi, buriti, carnaúba, mandacaru, mandioca, capim, sapé, taquara, peroba, imbuia, jacarandá, ipê, cipó, pitanga, maracujá, jabuticaba e caju), à fauna (como capivara, quati, tatu, sagui, caninana, jacaré, sucuri, piranha, araponga, urubu, curió, sabiá), nomes geográficos (como Aracaju, Guanabara, Tijuca, Niterói, Pindamonhangaba, Itapeva, Itaúna e Ipiranga) e nomes próprios (como Jurandir, Ubirajara e Maíra). Em 1757, o tupinambá foi proibido por uma Provisão Real. Nessa época, o português se fortaleceu com a chegada ao Brasil de um grande número de imigrantes vindos da metrópole. Com a expulsão dos jesuítas do país, em 1759, o português fixou-se definitivamente como idioma do Brasil (ALMANAQUE ABRIL, MULTIMÍDIA, 1997).

Rodrigues (1986) afirma que os índios do Brasil não são apenas um povo: são vários povos diferentes de nós e diferentes entre si. Cada povo tem seus costumes próprios, atitudes estéticas, crenças religiosas e organização social e filosofia de vidas peculiares, resultantes de experiências de vida acumuladas e desenvolvidas em milhares de anos.

As línguas dos povos indígenas do Brasil são inteiramente adequadas à plena expressão individual e social, ao meio físico e social em que tradicionalmente têm vivido esses povos.

Embora diferentes, elas compartilham do que todas as quase seis mil línguas do mundo têm em comum: são manifestações da mesma capacidade de comunicar-se pela linguagem.

Para o autor, a história das línguas do mundo tem sido uma história ou pré-história das línguas indígenas brasileiras. Uma consequência dessa história é que algumas línguas, embora diferentes, conservam muitos elementos em comum, que permitem reconhecê-las mais ou menos como descendentes de uma língua anterior.

Assim que reconhecem a origem comum para um conjunto de línguas, os linguistas as reconhecem como uma família linguística.

Na Europa, as línguas oriundas do Latim formam a família românica. Analogicamente, no Brasil, a família Tupi-Guaraní é um conjunto de línguas anteriores, todas pré-colombianas e não documentadas.

No Brasil, hoje, são faladas aproximadamente 180 línguas indígenas, além das demais línguas trazidas para cá por imigrantes. Daí o Brasil ser classificado como um país multilíngue.

O maior número de línguas indígenas do Brasil desapareceu nas áreas que foram colonizadas mais intensamente, como nas regiões Nordeste e Sul do Brasil.

Dentre esses povos, há três exceções: a língua Yatê dos Fulniô, ao sul de Pernambuco; Maxakalí, no noroeste de Minas Gerais e Xokleng a oeste de Blumenau em Santa Catarina.

Para Rodrigues(1986), as línguas indígenas diferem entre si e se distinguem das demais línguas do mundo no conjunto de sons de que se servem(fonética) e nas regras pelas quais combinam esses sons(fonologia), nas regras de formação e variação de palavras (morfologia) e de associação destas na constituição das frases(sintaxe), além de refletir em seu vocabulário e em suas categorias gramaticais um recorte do mundo real ou imaginário (semântica).

1.1. Família de Línguas

Segundo Dubois (1998), duas ou mais línguas pertencem à mesma família quando são aparentadas geneticamente, isto é, quando tudo leva a pensar que elas se desenvolveram a partir de uma origem comum. Assim, a denominação de família de línguas ao conjunto, os subconjuntos constituídos por certas línguas mais estreitamente aparentadas entre si que com as outras formam ramos ou subfamílias. Segundo o autor, o termo grupo aplica-se indiferentemente a um conjunto de famílias, a uma família, a um conjunto de ramos de uma mesma família, a um conjunto de línguas de um mesmo ramo.

1.1.2. Família Tupi-Guaraní

Rodrigues (1986) afirma que as línguas do mundo são classificadas em famílias segundo critério genético. Assim, uma família linguística é um grupo de línguas para as quais se formula uma hipótese de que têm origem comum, no sentido de que todas as línguas da família são ma-

nifestações diversas, alteradas no decorrer do tempo, de uma só língua anterior. Deste modo as línguas românicas ou neolatinas (Português, Espanhol, Catalão, Francês, Italiano), constituem uma família, cujos membros derivam de uma só língua ancestral bem conhecida historicamente: o Latim. Porém, para a maioria das famílias linguísticas, as línguas ancestrais são pré-históricas, não se tendo delas nenhum documento. O conhecimento dessas línguas é obtido através de estudos histórico-comparativos, que formulam hipóteses sobre as propriedades que devem ter uma língua ancestral para permitir a derivação diferenciada das línguas atuais. Um exemplo desse procedimento são as duas línguas o Tupi Antigo (Tupinambá) e o Guaraní Antigo, (ambas conhecidas através de documentos dos Séculos XVI e XVII).

Duas línguas da família Tupi-Guraraní foram documentadas durante o período colonial da América do sul e adquiriram uma importância histórica especial no contexto da ocupação europeia deste continente: O Tupinambá ou Tupi Antigo e o Guaraní Antigo, não só pela sua tradição escrita, que remonta a trezentos e quatrocentos anos antes de nós, mas também pelo papel que desempenharam no processo histórico do estabelecimento de estados modernos como o Brasil, o Paraguai e a Argentina. Essas duas línguas podem ser consideradas como línguas clássicas da América do Sul, ao lado do Quéchua na região andina.

1.1.3. O Tranco Macro-Jê

É um tronco linguístico cuja constituição ainda permanece consideravelmente hipotética. Teoricamente estende-se pelos estados brasileiros do Maranhão, Pará, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e Tocantins.

Desde o descobrimento do Brasil pelos portugueses, as tribos e a fala tupi-guarani foram assimilados pelos europeus. Estes índios, espalhados por praticamente toda a costa brasileira, denominavam genericamente aos indígenas de fala diversa com o vocábulo **tapuia** – que em sua língua, significava algo como “*inimigo*”. Este vocábulo foi incorporado pelos europeus que manifestavam uma forte tendência para a simplificação, como se no país houvesse apenas duas grandes “*nações*”, sendo a tapuia uma delas.

a) Os tapuias, considerados pelos europeus como mais primitivos e de catequese e conquista difíceis, foram duramente combatidos e exterminados – e muitos dos povos e tribos então existentes desapareceram de forma tão completa que sequer registro direto de sua existência há.

Já no começo do século XX, os antropólogos passaram a rejeitar esse nome e adotaram a denominação de gês para este outro grupo de famílias linguísticas. Com a reforma ortográfica, e para diferenciar-se do nome da letra G, a palavra gê foi grafada desde então como **jê**, (www.socioambiental.org/pib/portugues/linguas/trabbling.shtml), conforme o *site* acima.

De acordo com Rodrigues(1986), o constituinte do tronco Macro-Jê compreende línguas faladas sobretudo nas regiões de campos cerrados que se estendem do sul do Maranhão e do Pará em direção ao sul, pelos estados do Tocantins e Mato Grosso, até os campos meridionais dos Esta-

dos de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Nisto a distribuição geográfica de família Jê contrasta com a da família Tupi-Guaraní, a qual se situa em áreas de floresta tropical e subtropical.

As línguas que atualmente compreendem a família Jê se subdividem nos seguintes grupos:

b) Timbira compreende as línguas: Canela (Ramkókamekra e Apâniekra), Krinkatí, Pukobyé (Gavião do Maranhão) e (krenjê (Kreyê), do Estado do Maranhão, assim como os Parakáteye(Parakátejé) ou Gavião do Pará) no Estado do Pará e dos Krahô, no Estado do Tocantins:

c) Kayapó que abrange as seguintes línguas: Kubenkrakegn, Kbenkrangnotí, Menkrangnotí, Kokraimôro, Gorotíre e Xikrin, no Pará, bem como dos Txukahamãe(mentuktíre) no Parque Indígena do Xingu, em Mato grosso; Akwén, que inclui a língua dos Xavante, em mato Grosso, antes em Goiás, a dos Xerente no Tocantins, anteriormente em Goiás, e dos Xakriabá no norte de Minas, Kaingàng, com as línguas Kaingang, nos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e dos Xokéng, em Santa Catarina. As línguas Suyá, Kreen-akarôre e provavelmente dos Tapayúna(beicho de pau), no Alto Xingu. O mesmo se dá com as língua Apinayé (Apinajé), no Tocantins, atualmente seus vizinhos mais próximos. É verdade que a diferença entre Timbira e Kayapó não é muito grande, em contraste com o grupo Akwén e, sobretudo, com o Kaingàng. Este é, realmente, o grupo mais diferente da família Jê.

Além dessas famílias de línguas indígenas, Rodrigues(1986) cita outras, como as famílias Aruak e Arawá, as famílias linguísticas menores ao Sul da amazonas, as famílias Tucano, Makú e Yanomâmi, línguas isoladas e as línguas gerais.

O Brasil possui 220 sociedades indígenas, falando aproximadamente 180 línguas e vivendo em 618 reservas. São mais de 440 mil pessoas, espalhadas em 24 estados.

Dentre estes estados brasileiros, no Tocantins o quadro se apresenta da seguinte forma, com (08) oito povos indígenas diferentes: Xerente, Karajá da Ilha do Bananal, Karajá-Xambioá, Javaé, Krahô, Krahô-Kanela e Apinajé, sendo (04) quatro línguas Indígenas faladas: Yny, Apinajé, Krahô, Akwê e português

Segundo o RCNEI (1998), o Brasil é um país constituído por uma variedade de grupos étnicos com histórias, saberes, culturas e, na sua maioria, com situação de línguas próprias. As sociedades indígenas, cultural e linguisticamente, representam uma magnífica soma de experiências históricas e sociais diversificadas e elaboração de saberes e criação de arte, de música, de conhecimento, de filosofias originais, construídos ao longo de milênios, pela reflexão, criatividade, inteligência e sensibilidade de seus membros.

A seguir, a título de informação para os professores Apinajé, apresentaremos um esquema da divisão linguística do Tronco Macro-Jê e da Família Linguística Jê, segundo Rodrigues (1986).

1.1.4. Macro-jê

Bororo - família linguística.

Bororo

Umutina

Botocudo - família linguística.

Bacuém

Cracmum

Crenaque

Guticraque

Jiporoque

Minhajirum

Nacnenuque

Nacrerré

Naque-nhapemã

Pejaerum

Pojixá

Kamacã - família linguística (extinta).

Camacã

Karajá - família linguística.

Carajá

Javaé

Xambioá

kariri - família linguística (extinta).

Guató - família linguística.

Guató

Fulniô (Iatê, Carnijó) - família linguística.

Fulniô (Iatê, Carnijó)

Jê - família linguística.

Apinajé — Xavante

Akwẽ — Xerente

Xacriabá - A' wẽ

Xavante - A' wẽ

Xerente - A' wẽ

Caiapó

Caiapó-aucre - dialeto.

Caiapó-cararaô - dialeto.
Caiapó-cocraimoro - dialeto.
Caiapó-cubem-cram-quem - dialeto.
Caiapó-gorotire - dialeto.
Caiapó-mecranoti (txucarramãe) - dialeto.
Caiapó-metuctire - dialeto.

Caingangue

Caingangue-central - dialeto
Caingangue-do-paraná - dialeto
Caingangue-do-sudeste - dialeto
Caingangue-do-sudoeste - dialeto

Timbira

Apaniecra-canela - dialeto.
Craó - dialeto.
Crejé - dialeto.
Cricati - dialeto.
Parcatié-gavião - dialeto.
Pucobié-gavião - dialeto.
Rancocamecra-canela - dialeto.
Quencatejê-canela - dialeto.

Maxacali - família linguística.

Maconi
Malali
Maxacali
Panhame
Pataxó - extinta.
Pataxó-hã-hã-hãe - extinta.

Ofaié

Ofaié

Puri - família linguística (extinta).

Puri

Ricbacta - família linguística.

Ricbacta

1.2. Informações Históricas sobre os Apinajé

Os Apinajé consideram a sua comunidade uma ramificação dos Timbira do Leste do Rio Tocantins, especialmente dos Krikati, chamados por eles Makráya, que viviam nas margens do rio Pindaré. Para Nimuendaju (1983, p. 1), se essa tradição realmente corresponde aos fatos históricos, a separação das duas comunidades deve datar de muitos séculos, uma vez que os Apinayé se distinguem tanto linguística como culturalmente daqueles que consideram seus parentes, ao Leste, aproximando-se mais dos Kaypó Setentrionais.

O local de ocupação da comunidade Apinayé era o pontal entre o Rio Tocantins e o Baixo Araguaia (*Anexos 1 e 2*). A trajetória histórica dos Apinayé não informa se essa região por eles ocupada teve, anteriormente, outros habitantes. Os Apinayé afirmam que, em alguns lugares perto da antiga aldeia (denominada Gato Preto), encontravam-se muitos fragmentos de louças, alguns com ornamentos plásticos, à superfície da terra. Isto leva a crer que, mesmo que por pouco tempo, essas terras tenham sido habitadas por índios de outras culturas.

Segundo Nimuendaju (1983, p. 1), os primeiros civilizados a alcançarem tais terras foram os jesuítas Pe. Antônio Vieira, Francisco Velloso, Antônio Ribeiro e Pe. Manoel Nunes, por volta de 1633 e 1658, empreendendo quatro entradas, Tocantins acima, com a finalidade de descer os índios para as aldeias do Pará. A primeira das entradas, realizada no ano de 1658, pelo Pe. Manoel com 450 índios e 45 soldados, chegou até as terras Apinayé. O Rio Araguaia foi navegado, em 1719, por Domingos Pinto de Gaya, que depois subiu para o Rio Tocantins até as confluências do Paranã, próximo à boca do Araguaia. Em 1721, o Rio Tocantins foi também navegado pelo jesuíta Pe. Manoel Motta. Em todo o seu curso, contudo, o Tocantins foi navegado pela primeira vez em 1732 por três homens fugitivos das minas de Goiás.

O primeiro contato, historicamente comprovado, entre os Apinayé e os civilizados, aconteceu em 1774, quando Antônio Luiz Tavares empreendeu uma viagem de Goiás ao Pará, Tocantins abaixo, e, na Cachoeira das Três Barras, viu-se rodeado por um grande número de índios que disparavam flechas. Em virtude dos ataques indígenas, a colonização avançou vagarosamente pelo Rio Tocantins.

Os Apinayé apareceram pela primeira vez sob esse nome, em fins do século XVIII, segundo Villa Real¹ (apud Nimuendaju, 1983, p. 3) datam de 1793 as primeiras notícias sobre os “Pinagé” ou “Pinaré”, índios muito fortes e mais trabalhadores que os “Karayá”; dedicavam-se à lavoura e tinham grandes plantações de mandioca. Consta que, naquela época, os Apinayé viviam às margens do Araguaia, embora suas habitações não tenham sido localizadas nas praias desse Rio. Consta também que, durante o primeiro contato com os não indígenas, os Apinayé possuíam embarcações próprias, estando familiarizados com as navegações dos Rios Araguaia e Tocantins.

As embarcações dos Apinayé eram do tipo “ubá”, como as dos Karajá e Guajajara, construídas de troncos de árvores escavados. Nimuendaju (1983, p. 3) relata que os Apinayé eram a única

1 - VILLA REAL, THOMAS DE Sousa. *Viagem pelos rios Tocantins, Araguaia e Vermelho*. Rev. Insti. de Hist. XI. V. suplementar. Rio de Janeiro, 1793.

tribo Timbira a fabricar tais embarcações. Para ele, provavelmente, os Apinayé aprenderam a arte de navegar dos Xambioá-Karajá. Sendo que, mais tarde, com a colonização desses grandes Rios, os Apinayé teriam recuado para as matas ciliares, abandonando a navegação.

O final do século XVIII, mais precisamente a partir de 1797, marca, de acordo com Ni-muendaju (1983, p. 4), o período de contato permanente dos Apinayé com a sociedade não indígena, conforme apontam os dados que se seguem:

- a) em 1797, o governo do Pará funda, nas margens do Araguaia, o posto militar de São João do Araguaia, deflagrando uma luta sangrenta entre os Apinayé e os soldados da guarnição do posto. Os índios mataram quase todos os soldados;
- b) em 1816, foi fundado, no território Apinayé, o povoado de Santo Antônio, abaixo da Cachoeira das Três Barras; nesse local, em 1824, já moravam 150 indígenas e 81 não indígenas. Tal povoado, em 1831, foi incorporado a São Pedro de Alcântara, recebendo, posteriormente, o nome de Carolina;
- c) em 1817, os Apinayé foram vítimas de uma epidemia de varíola, proveniente de Caxias do Maranhão e espalhada pelo sertão afora pelos Canela;
- d) em 1818, os Apinayé fizeram as pazes com Plácido de Carvalho, fundador de São Pedro de Alcântara, com quem haviam rompido devido a contendas locais; viviam em três aldeias, eram tidos como pacíficos e auxiliavam os viajantes na travessia das Cachoeiras. Nessa mesma época, existia uma forte rixa entre duas figuras importantes na região, Antônio Moreira e seu rival José Maria Belém; este recebia auxílio do Pará, enquanto aquele era apoiado pelo governo de Goiás. As intrigas entre esses dois mandões só terminariam em 1827;
- e) em 1822, foi feita a declaração de independência do Brasil, mas, no território maranhense, as forças portuguesas conseguiram se manter até 1823. No Rio Tocantins, nessa época, o major Francisco de Paula Ribeiro se encontrava com 76 homens. Contra eles se dirigiram 470 não indígenas de Pastos Bons, sob comando de José Dias de Mattos a quem os Apinayé ofereceram uma força auxiliar de 250 guerreiros. Na ilha da Botica, às margens do Rio Tocantins, a pequena força portuguesa foi obrigada a lutar.

Apesar da guerra e da varíola, os Apinayé formavam, na ocasião, uma das comunidades indígenas mais numerosas da região, totalizando 4.200 integrantes. Em 1859, uma das três aldeias

das então existentes foi visitada por Vicente Ferreira Gomes, que calculou o número total de índios entre 1.800 a 2.000. Em 35 anos, entretanto, esse total diminuiu para menos da metade. Em 1897, somavam apenas 400 habitantes. Sendo que, em 1828, os índios Apinayé totalizavam apenas 150 pessoas.

Os Apinayé se encontravam, então, em total decadência econômica e social. Para Da Matta (1976, p. 36), ao lado da progressiva ocupação e controle dos Rios Tocantins e Araguaia por elementos da sociedade regional, os Apinayé foram também pressionados pela fronteira pastoril que avançou do litoral para oeste, tendo como base a cidade de Caxias do Maranhão.

De modo geral, como vem acontecendo ao longo dos anos com as comunidades indígenas no Brasil, os Apinayé também enfrentaram vários tipos de problemas, a começar pela invasão de suas terras, seja por fazendeiros, posseiros ou pelos meeiros (aqueles que usam as terras indígenas para plantar à metade).

Segundo a Administração Regional da FUNAI de Araguaína, atualmente, a alternativa encontrada pelos Apinayé tem sido a de se aliarem à FUNAI, criando os postos de vigilância do Pontal e Veredão, como estratégia nas divisas da reserva, para que sejam evitadas novas invasões por parte dos fazendeiros da região.

Como era de se esperar, o contato sócio-histórico dos Apinayé com a sociedade envolvente deixou de ser um evento, para ser visto apenas por um ângulo (o do interesse dominante), para se tornar uma verdadeira situação conflitante, isto é, uma realidade sociológica dotada de complexidade, uma vez que nela se implicam muitas instituições sociais, forças e interesses.

Da Matta (1976, p. 202), discorrendo sobre tais questões, diz que, numa mesma fronteira de expansão, podem-se encontrar agências que estão em franco desacordo entre si, como é o caso das igrejas, dos fazendeiros e das indústrias de babaçu, no caso Apinayé, e da própria FUNAI e FUNASA.

Ao comparar o caso dos Gavião com o dos Apinayé, (ambos pertencem ao mesmo tronco linguístico e compartilham uma série de instituições sociais semelhantes), Da Matta (1976, p. 208) aponta várias agências em atuação, cada uma delas com sua imagem do indígena; imagem essa determinada socialmente por interesses econômicos, sociais, religiosos e políticos. Da Matta demonstra serem as estruturas econômicas e regionais as mais agressivas e discriminatórias.

1.3. Nome

De acordo com a literatura Apinayé, o nome da comunidade foi citado pela primeira vez, na forma de *pinarés* e *pinagés*, passando, posteriormente, para Apinayé. Nimuendaju (1983, p. 3) afirma não ter nenhuma explicação para esse nome. Segundo o autor, o sufixo pessoal *-yé*, das línguas Timbira orientais, soa no próprio Apinayé como *ya*. Há uma hipótese de que o nome tenha sido dado pelos Timbira, não sendo, portanto, uma autodenominação primitiva dessa tribo. Além do nome tribal Apinayé, existem outros - tanto na própria comunidade como entre os Timbira Orientais - derivados da palavra que significa “Canto” ou “Pontal”. Apinayé: “ôd”, “ôdo”; Timbira

oriental: “hot”, “hôt”, referindo-se à sede no pontal formado pelos Rios Araguaia e Tocantins. Os próprios Apinayé usam a forma “ôti” para Pontal Grande; os outros Timbira usam “hôtî Ahôtiyé”. Os Kayapó Setentrionais, porém, referem-se aos Apinayé, usando o termo “Ken-tug”, que significa *pedra preta* ou *serra negra*.

1.4. Território

As terras Apinayé quase não possuem colinas, são cobertas de campo, numerosas árvores, arbustos, sem formação de cerrado, sendo os ribeirões cobertos por matas ciliares. Nas margens do Rio Tocantins, em alguns locais, a faixa de mata alcança a extensão de uns oito quilômetros. Em alguns lugares da reserva, a mata ainda é preservada; típica da Amazônia, com uma variedade de plantas como buriti, bacaba, juçara e babaçu. Esta última é muito importante para os Apinayé, porque suas amêndoas são utilizadas para a extração de óleo e suas palhas são usadas na construção de casas, confecção de esteiras e cofos.

Segundo Nimuendaju (1983), no divisor das águas entre os Rios Tocantins e Araguaia, na reserva Apinayé, não há nenhuma serra; há apenas um cordão de colinas insignificantes. O autor afirma que, da antiga área Apinayé, hoje, quase nada resta.

1.5. Ocupação das terras Apinayé

Conforme relatado em Nimuendaju (1983), a existência dos índios Apinayé no extremo norte do Tocantins é conhecida desde o século XVIII, quando os Rios Araguaia e Tocantins começaram a ser navegados por jesuítas e bandeirantes. O território tradicional dos Apinayé ia desde o pontal entre os rios Tocantins e Araguaia até a bacia do rio Mumbuco (afluente do Tocantins) e na Cachoeira dos Martírios (Rio Araguaia). A ocupação da área indígena envolveu os Apinayé na economia, costumes e também nas intrigas com os “civilizados”.

Na região do Araguaia, os índios habitavam as duas margens, desde São João até a aldeia Cocal Grande. Porém, as lutas com os “civilizados” fizeram com que os Apinayé se concentrassem às margens do Tocantins. À medida em que a área indígena era invadida por fazendeiros e povoados, os índios migravam das aldeias, muitas vezes para trabalharem para os fazendeiros, outras tantas, porque estes se aproximavam tanto das aldeias que os Apinayé não tinham como sobreviver com o que sobrava das terras que lhes eram retiradas. Apesar disso, os Apinayé resistiram às invasões, cada vez maiores, apegando-se à sua cultura e ao seu território, procurando ajuda junto às autoridades, como o Presidente da República, e ao Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Entretanto, de acordo com Villa Real (apud Nimuendaju, 1983, p. 9), o abandono das aldeias e a diminuição da população no início do século XX deram margem para que os fazendeiros se considerassem os verdadeiros donos das terras indígenas.

De acordo com o Boletim nº 22/82 da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 1926, os Apinayé tiveram o primeiro contato oficial com o SPI, e em 1944, fundou-se o Posto Indígena Apinayé, mas continuando a área indígena sem demarcação.

Da Matta (1976, p. 36-37) diz que o território Apinayé começou a ser ocupado por uma fronteira de expansão pastoril cuja população era bastante rarefeita. Assim, a ocupação deve ter deixado abertos alguns bolsões onde a população indígena conseguiu sobreviver. Isso deve ter facilitado a não destruição da vegetação da área, pois, segundo o autor, no século XIX, o babaçu começou a ser explorado mais intensamente, enquanto o gado e a lavoura passaram para um plano complementar.

Na região, além da expansão pastoril, outro fator que atraía a cobiça dos regionais eram os babaçuais indígenas. A industrialização da amêndoa do babaçu em Tocantinópolis passou a requerer uma grande quantidade de matéria-prima para extração do óleo e fabricação de sabão, e os índios só colhiam o suficiente para comprar os produtos de consumo nas aldeias para subsistência do grupo.

Segundo o Boletim supracitado, o processo de ocupação da área por fazendeiros da região se intensificou com a implantação do projeto de desenvolvimento na região e de grandes rodovias como a Belém-Brasília e a Transamazônica, esta somente a um quilômetro da aldeia São José. Portanto, a não demarcação da reserva indígena facilitou e estimulou a ocupação da área por parte dos fazendeiros e posseiros.

De acordo com o Relatório Geral do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a demarcação da área indígena Apinayé teve início em 1979, e só terminou em 1985, através do Decreto nº 90960 de 14/02/85, da Presidência da República. Consta no relatório que a área reconhecida pelo Decreto é de 141.904 ha. Na época da demarcação, a área estava ocupada por 641 famílias de não indígenas (fazendeiros).

Conforme Parecer Técnico de nº 001 de 28/04/97 – Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a área demarcada não corresponde, de fato, às terras tradicionalmente ocupadas pelos Apinayé, segundo suas reivindicações, formas de uso e ocupações (**Anexo 3**).

1.6. Situação Atual

Os índios Apinayé começaram a ser integrados à história do Brasil com a ocupação do sertão nordestino e com a intensificação da navegação do rio Tocantins. A ocupação do sertão do Maranhão, da Bahia e do Piauí é consequência da criação extensiva de gado que, no período colonial, servia para alimentar as populações dos engenhos litorâneos. Esse gado, porém, avançou pelos sertões até chegar ao sertão goiano, atual Tocantins, na região onde se achavam os índios. A frente pastoril, como salienta Melatti (1993, p. 185), caracteriza-se pela criação de gado que avança pelos territórios indígenas, a fim de tomar suas terras para usá-las na expansão do rebanho.

A história dos Apinayé, desta forma, é a história da ocupação do norte de Goiás por representantes de uma frente pastoril e de outra que utilizou o rio Tocantins e que, certamente, era constituída de remanescentes das zonas de mineração do sul de Goiás.

Segundo Nimuendaju (1983, p. 18), apesar de manter um contato prolongado com a sociedade brasileira, os Apinayé se distinguem dos regionais por alguns traços que tendem a desapare-

cer. No caso masculino são os cabelos (maiores que os usados no sertão), os furos dos lóbulos das orelhas (somente encontrados nos homens mais velhos da comunidade) e, no caso das mulheres, a vestimenta que deixa o busto nu, exceto quando vão a Tocantinópolis e as outras cidades vizinhas.

Atualmente, as terras indígenas Apinayé sofrem a interferência direta de rodovias: TO 126 que liga os municípios de Tocantinópolis e Maurilândia, seccionando toda a reserva no sentido norte-sul; a TO 134, trecho Angico entroncamento BR 230; e a Transamazônica em cujo eixo estão localizadas nove aldeias: São José, Patizal, Cocalinho, Buriti Comprido, Palmeiras, Prata, Serrinha, Cocal Grande e Boi Morto. Já ao longo da BR 126, estão localizadas as outras seis aldeias: Mariazinha, Riachinho, Bonito, Brejão, Girassol e Botica.

Segundo Albuquerque (1999), antes da demarcação da área Apinayé, os índios eram distribuídos apenas em duas aldeias, São José e Mariazinha. Porém, após a demarcação, os Apinayé se distribuíam pelo território, formando novas aldeias e, deste modo, passando a ter um maior controle sobre a reserva.

Os Apinayé vivem em aldeias situadas no extremo norte do Estado do Tocantins. Localizam-se na região compreendida pela confluência dos Rios Tocantins e Araguaia.

De acordo com relatório técnico da Fundação Nacional de Saúde (FUNASA, 2010) a população Apinayé atual é de aproximadamente 1.793 índios, distribuídos em vinte e quatro (24) aldeias.

Nesta seção fizemos uma breve descrição do território Apinayé e da situação de contato. A seguir, focalizaremos a trajetória histórica das aldeias, segundo a literatura desses povos.

1. 7. A Língua Apínajé

A Língua Apinayé pertence ao Tronco Macro-Jê e à Família linguística Jê, falada por aproximadamente 1.793 pessoas, residentes em 24 aldeias, localizadas no extremo norte do Estado do Tocantins, região conhecida como Bico do Papagaio.

Nesta seção, apresentamos, de forma resumida, algumas informações sobre as línguas indígenas brasileiras, os troncos Linguísticos Tupi, Macro-Jê e a Família Linguística Jê. A seguir, apresentaremos alguns conceitos linguísticos, a fim de elucidar certas dúvidas, que surgirem por partes dos alunos e professores Apinayé.

1.8. Alguns Conceitos Linguísticos

1.8.1. Linguagem

Para Dubois(1998), é a capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de signos vocais (ou língua), que coloca em jogo uma técnica corporal complexa e supõe a existência de uma função simbólica e de centros nervosos geneticamente especializados. Assim, esse sistema de signos vocais utilizados por um grupo social(comunidade linguística) determinado constitui uma língua particular. É qualquer sistema de signos que serve de meio de comunicação de ideias ou

sentimentos através de signos convencionais, **sonoros, gráficos, gestuais**., podendo ser percebida pelos diversos órgãos sensoriais, o que leva a se distinguirem várias espécies de linguagem: **visual, auditiva, tátil**, bem como outras mais complexas, constituídas, ao mesmo tempo, de elementos diversos.

Deste modo, os elementos constitutivos da linguagem são **gestos, sinais, sons, símbolos ou palavras**, usados para representar conceitos de comunicação, ideias, significados e pensamentos. Embora os animais também se comuniquem, a linguagem, propriamente dita, pertence apenas ao homem.

1.8.2. Língua

É um instrumento de comunicação, um sistema de signos vocais específicos aos membros de uma mesma comunidade.

Saussure (1995) afirma que a língua é um produto social, enquanto a fala é definida como o “componente individual da linguagem”, como um “ato de vontade e de inteligência”. A língua é um produto social no sentido de que o “indivíduo a registra passivamente”; essa parte social da linguagem é “exterior ao indivíduo”, que não pode nem criá-la, nem modificá-la. É um contrato coletivo, ao qual todos os membros da comunidade devem submeter-se, se quiserem se comunicar. Para o autor, a língua é “um tesouro depositado pela prática da fala dos indivíduos que pertencem a uma mesma comunidade”. Portanto, a língua é a parte da linguagem que existe na consciência de todos os membros da comunidade linguística, a soma de todas as marcas depositadas pela prática social de inúmeros atos de fala.

1.8.3. Fala

Para Sussure (1995) a fala se distingue da língua como aquilo que é individual se distingue do que é social. A fala é “um ato individual de vontade e de inteligência”. “Ela é individual e o indivíduo e sempre o senhor. Nós a chamaremos de fala”. É a capacidade ou o uso dessa capacidade de emitir sons em algum padrão. Segundo o autor, “é a fala que faz evoluir a língua: são impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos”.

Assim, para falar ou cantar, movimentamos cerca de uma dúzia de músculos da laringe e de diversas maneiras as cordas vocais. O ar que sai dos pulmões percorre os brônquios e a traquéia, chegando até a laringe, os músculos se contraem, regulando a passagem do ar. Os movimentos da passagem de ar fazem as cordas vocais vibrar e produzir sons. Chegando à boca, o som laringiano é articulado graças à ação da língua, dos lábios, dos dentes, do véu palatino e da cavidade bucal.

1.8.4. Língua materna

É a língua em uso no país de origem do falante e que o falante adquiriu na infância, durante a aquisição da linguagem. Segundo Dubois (1998), língua materna (ou **língua nativa**) é a

primeira língua que uma criança aprende. Em certos casos, quando a criança é educada por pais (ou outras pessoas) que falem línguas diferentes, é possível adquirir o domínio de duas línguas simultaneamente, cada uma delas podendo ser considerada língua materna, configura-se então uma situação de bilinguismo.

Língua materna é uma expressão que provém do costume em que as mães eram as únicas a educar seus filhos na primeira infância, fazendo com que a língua da mãe seja a primeira a ser adquirida pela criança, condicionando seu aparelho fonador àquele sistema linguístico.

A aquisição da língua materna ocorre em várias fases. No início, a criança registra literalmente os fonemas e as entonações da língua, sem ainda ser capaz de os reproduzir. Em seguida, começa a produzir sons e entonações até que seu aparelho fonador lhe permita articular palavras e organizar frases, assimilando simultaneamente o léxico. A sintaxe e a gramática da língua são integradas paulatinamente dentro deste processo de aprendizagem.

1.8.5. Línguas minoritárias

Línguas minoritárias, como pode facilmente ser deduzido, são línguas utilizadas por certos segmentos minoritários de uma civilização. Muito embora, em certos casos, uma língua possa até ser falada pela maioria dos habitantes de um país em seu cotidiano, pode não ser a língua oficial ou nacional e, para todos os efeitos, permanecer na condição de língua minoritária. Um exemplo a ser citado seria a língua "tetum" prevalente na nova nação (Timor-Leste), onde a língua oficial nacional escolhida foi a língua portuguesa.

Línguas minoritárias podem existir restritas à condição oral, ou seja, somente faladas ou podem ser também escritas (ou semi escritas). Normalmente línguas minoritárias podem ser divididas entre duas categorias: línguas autóctones e línguas alóctones. Autóctone significa natural (da terra), as línguas indígenas, por exemplo. Alóctone significa basicamente língua de imigração.

Muitas línguas minoritárias autóctones, como as línguas indígenas do continente americano, adotaram um sistema de escrita europeu com forma de autonomia ante a adaptação.

Outras línguas de migração, com o passar do tempo, tornaram-se basicamente línguas faladas, mas muito pouco escritas. Um exemplo disso é a língua alemã falada no sul do Brasil por quase duzentos anos, que é utilizada nos diversos domínios sociais, em casa, na religião, sendo que o português é a língua de domínio público e de escrita.

Diante dessa situação, podemos mencionar alguns exemplos no Brasil: Na categoria de línguas autóctones se encaixam as línguas nativas como o Mbyá-guaraní, o Caingangue (kaingang), Apinajé, Krahô; já na categoria alóctones se enquadram línguas regionais brasileiras que resultaram da invasão ou da migração de povos de fora, como a língua alemã (nas diversas variações como o pomerano ou Pommersch Platt e o Hunsrückisch), o italiano, o espanhol, o francês, o inglês o japonês, o romani (uma língua cigano) e o yorubá ou Iorubá (língua de origem africana que permanece viva nos rituais religiosos afro-brasileiros, como no candomblé de Salvador da Bahia, e Maranhão) (*Wikipédia, a enciclopédia livre, visitada e abril de 2011*).

Além disso, existem aquelas línguas que resultaram do contato com outros países, por exemplo os brasileiros que residem nas regiões de fronteiras com o Paraguai, Uruguai, Bolívia, Argentina, Venezuela e Colômbia e, conseqüentemente, aprendem a falar espanhol (ouportunhol).

Couto (1996) afirma que, em geral, não existem fronteiras linguísticas, mas mesmo que existam, nem sempre coincidem com as fronteiras políticas entre os países. De certa forma, o que existe é um *continuum* que vai do centro de uma língua até o da outra. Nesse caso, a fronteira linguística representa uma situação em que frequentemente não se fala plenamente nem uma língua nem outra. Dentre os países citados acima, segundo o autor, um caso bem próximo de nós que merece atenção é a fronteira entre Brasil e Uruguai.

1.8.6. Linguística

A linguística é a ciência que se ocupa da linguagem humana e das línguas naturais, para cumprir seu objetivo básico que é determinar a natureza da linguagem, estrutura e funcionamento das línguas. Porém, segundo Borba (2003), a linguística só se interessa pelos signos produzidos pelo aparelho fonador humano, isto é, pela comunicação que se serve da linguagem articulada. Além disso, dá prioridade à linguagem falada por julgar que esta é a primeira manifestação concreta da capacidade de linguagem, sendo a escrita uma transferência da forma oral.

Partindo desses pressupostos, afirmamos que a linguística objetiva investigar a organização e o funcionamento das várias línguas existentes, estabelecendo relação entre essas línguas, as sociedades, os falantes que as produzem e as utilizam.

1.8.7. Variante Linguística

O Brasil é um país constituído por uma grande variedade de grupos étnicos, com histórias, saberes e culturas distintas, em sua maior parte, com línguas próprias.

Segundo Rodrigues (1986), toda língua, quer sirva a uma grande nação consideravelmente extensa, muito diferenciada cultural e socialmente, quer pertença a uma pequena comunidade isolada com poucas dezenas de pessoas, é um complexo de variedades, um conglomerado de variantes.

Ainda segundo o autor, toda língua comporta variação de duas ordens em função do falante. À primeira ordem pertencem as variantes que se podem chamar dialetais em sentido amplo: variantes espaciais (geográficas), variantes de classe social (dialeto social), variantes de grupos de idade (dialetos etários), variantes de gênero (masculino e feminino), assim como as variantes de gerações (variantes diacrônicas). Na segunda ordem de variação incluem-se as variantes de grau de formalismo, variantes de modalidade (falada e escrita), variantes de sintonia (ajustamento entre emissor e receptor). Tanto as variações da primeira ordem como as da segunda se superpõem e se entrecortam de diversas maneiras, do que resulta uma situação extremamente complexa, mesmo quando nos limitamos à observação da língua de um só indivíduo.

1.8.8. Dialetos

O dialeto consiste numa forma de a língua usar o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético num ambiente mais restrito.

Para Dubois(1998), empregando corretamente como dialeto regional por oposição a língua, dialeto é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como língua, mas que se desenvolveu, apesar de não ter adquirido o *status* cultural e social dessa língua.



Segunda parte

Fonética e Fonologia Apinajé

2. Fonética e Fonologia Apinajé

O Fonema é a realidade sonora da língua; ao passo que a letra é a representação gráfica do fonema. De modo geral, não há uma perfeita correspondência entre as letras usadas na escrita e os fonemas que elas representam. A língua Apinajé apresenta também essas incoerências, segundo podemos observar a seguir:

- a) Uma letra pode representar fonemas diferentes. É o que acontece com o “j” em palavras como: **ja**prô (comprar), **ja**rênh(história), **ha**rôj (arroz), **ja** (isto), **ja**t (batata-doce), **ma**jên (marido).
- b) Duas letras podem representar um único fonema. É o que acontece com “nh”: **panhĩ** (índio), **pinhõ** (genro), **nhõ** (seu), **nhỹ** (sentar), **nhĩ** (carne).

Obs.: conforme o que explicitamos anteriormente, não se deve confundir letra e fonema.

2.1. Alfabeto Apinajé:

O alfabeto da língua Apinajé é constituído de 29 letras, sendo 16 vogais e 13 consoantes.

2.1.2. Vogais Apinajé:

Maiúsculas: A, Ã, À, E, Ê, Ê, I, Ì, O, Ô, Õ, U, Û, Y, ÿ, ÿ.

Minúsculas: a, ã, à, e, ê, ê, i, ì, o, ô, õ, u, ù, y, ÿ, ÿ.

2.1.2.3. Consoantes Apinajé:

Maiúsculas: G, H, J, K, M, N, NH, P, R, S, T, W, X

Minúsculas: g, h, j, k, m, n, nh, p, r, t, w, x.

Pré-nasais: m / mb /, n / nd /, g / ng /.

Como as letras da escrita ortográfica não representam fielmente os fonemas, houve a necessidade de criar símbolos convencionais, que possibilitassem uma representação aproximada dos fonemas que constituem as palavras das línguas. Esses símbolos formam o alfabeto fonético, que é utilizado na transcrição fonético-fonológica dos sons das línguas.

2.2. Símbolos utilizados na transcrição fonológica da língua Apinajé, segundo Albuquerque (2007)

Consoantes		
Símbolos	Exemplos	Transcrição fonológica
/ ŋg /	gô	/ ŋgo /
/ ʔ /	hagrô	/ ʔagro /
/ z /	mjên	/ mbzen /
/ k /	kuxỹ	/ kuʃx /
/ mb /	kamàk	/ kambak /

Consoantes		
Símbolos	Exemplos	Transcrição fonológica
/ nd /	no	/ ndo /
/ ɲ /	panhĩ	/ paɲĩ /
/ p /	prêk	/ prek /
/ r /	rop	/ rɔp /
/ t /	tyk	/ tik /
/ v /	wewere	/ vɛwɛrɛ /
/ ŋ /	pumunh	/ mbumbuŋ /
/ m /	mẽ	/ mẽ /
/ n /	nẽ	/ nẽ /
/ tʃ /	xore	/ tʃɔrɛ /
/ ŋ /	inhmã	/ iŋmã /

Vogais Apinajé					
Vogais Orais			Semivogais		
Símbolos	Exemplos	Transcrição fonológica	Símbolos	Exemplos	Transcrição fonológica
/ a /	kra	/ kra /	/ j /	ujaprôr	/ ujaɲrɔ /
/ ʌ /	karà	/ kaɾʌ /	/ w /	kupaw	/ kupaw /
/ e /	prêk	/ prek /			
/ ɛ /	grere	/ grɛrɛ /			
/ o /	kamrô	/ kambro /			
/ ɔ /	po	/ pɔ /			
/ i /	priti	/ priti /			
/ ĩ /	ry	/ ri /			
/ ʎ /	wrÿ	/ vrʎ /			
/ u /	apku	/ apku /			

Vogais nasais Apinajé		
Símbolos	Exemplos	Trasncrição fonológica
/ã/	krã	/krã/
/ẽ/	kupẽ	/kupẽ/
/ĩ/	prĩre	/prĩre/
/õ/	tõ	/tõ/
/ĩ/	nhỹ	/ɲĩ/
/ũ/	ũm	/ũm/

Albuquerque, 2007.

2.3. Classificação dos fonemas Apinajé

Em Apinajé os fonemas são classificados em **vogais, consoantes e semivogais**.

2.3.1. Vogais:

As vogais são fonemas produzidos pela passagem da corrente de ar vibrante, vinda dos pulmões, que passam livremente pela boca, sem interrupção na linha central, não havendo, portanto, obstrução ou fricção no trato vocal. A vibração da corrente de ar é obtida pela vibração das cordas vocais, o que faz de todas as vogais **fonemas sonoros**. Desta forma, levamos em consideração os seguintes aspectos: a posição da língua em relação à altura, a posição da língua em termos **anterior/posterior, arredondamento ou não dos lábios**. Assim temos:

a) Pela modificação em relação ao véu palatino:

Vogais orais: a corrente de ar vibrante passa livremente pela cavidade bucal. São dez (10) as vogais orais na língua Apinajé: /a/, /ɒ/, /e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/, /ɹ/, /i/, /ĩ/, /u/.

Vogais nasais: na produção de vogal nasal, há o abaixamento do véu palatino, e parte do fluxo da corrente de ar penetrará na cavidade nasal, sendo expelida pelas narinas, produzindo, desta forma, uma qualidade nasalizada, utilizando um "til" acima de segmento vocálico para marcar a nasalidade. Em Apinajé existem seis (6) vogais nasais: /ã/, /ẽ/, /õ/, /ĩ/, /ĩ/, /ũ/.

b) Pela região do véu palatino onde ocorre a maior elevação da língua:

Vogais anteriores: /i/, /ĩ/, /e/, /ẽ/, /ɛ/ são produzidas com os lábios estendidos.

Vogais centrais: /a/, /ã/ produzidas com os lábios abertos.

Vogais centrais não arredondadas: /i/, /ĩ/ produzidas com os lábios estendidos.

Posteriores arredondados: /o/, /ɔ/, /õ/, /u/, /ũ/ produzidas com arredondamento dos lábios.

Vogais posteriores não arredondadas: /ɒ/, /ɹ/ produzidas com os lábios estendidos.

c) Pela altura da língua na articulação dos segmentos vocálicos:

Vogais altas: / i /, / ĩ /, / u /, / ũ /, / ĩ /, / ã / ocorrem com a máxima elevação da língua em direção ao véu palatino.

Vogais médias-altas: / e /, / o /, / ɣ /, / ě /, / õ /, ocorrem com a elevação média da língua.

Vogais médias-baixas: / ɛ /, / ɔ /, / ʌ /, ocorrem com a elevação média da língua

Vogais baixas: / a /, / ă /, ocorrem com a elevação mínima da língua, ficando quase em posição de repouso

Obs.: As vogais médias são classificadas em **abertas:** / ɛ /, / ɔ /, / ʌ / e **fechadas:** / e /, / o /, / ɣ /, / ě /, / õ /.

2.3.2. Quadro das vogais Apinajé, segundo os critérios articulatórios.

	Anteriores		Centrais				Posteriores				
	Não arredondadas		arredonda			Não arredondadas		Arredondadas		Não arredondadas	
	Oral	Nasal		Oral	Nasal	Oral	Nasal	Oral	Nasal		oral
Alta	/i/	/ĩ/					/i/	/ĩ/	/u/	/ũ/	
Média-alta	/e/	/ě/							/o/	/õ/	/ɣ/
Média-baixa	/ɛ/								/ɔ/		/ʌ/
Baixa				/a/	/ă/						

Albuquerque, 2007.

Uma diferença entre nossa descrição e as de Ham (1961, 1967, 1979), em relação às vogais Apinajé, está no fato de não constarem, em nossa descrição, a nasal média baixa posterior não arredondada / ă / (não apareceu em nossos dados) nem as vogais médias baixas nasais / ě, ã / (ocorreram apenas como variantes). Consultados, nossos informantes (pessoas de diversas faixas etárias) confirmaram nossas suspeitas, reforçando o que já vínhamos observando ao longo de nossa pesquisa junto às comunidades em estudo: o [ă] simplesmente não existe em Apinajé (o que não exclui a possibilidade de um dia ter existido) e [ě], [ã] são variantes de / ě / e / õ /, respectivamente

2.3.3. Quadro fonético das vogais Apinajé

vogais		Anteriores	Centrais	Posteriores	
				Não arredondadas	Arredondadas
orais	Fechadas	i	ɨ		u
	Semifechadas	e		ɤ	o
	Semiabertas		ə	ʌ	ɔ
	Baixa		a		
nasais	Fechadas	ĩ	ɨ̃		ũ
	Semifechadas	ẽ			õ
	Semiabertas	ẽ̃	ə̃		õ̃
	Baixa		ã		

Albuquerque, 2007.

2.3.4. Descrição das Vogais Apinajé

Nesta seção, passamos a descrever as vogais da língua Apinajé, começando por exemplificar suas realizações, conforme consta no quadro fonético anterior.

2.3.5. Exemplos de vogais orais Apinajé, segundo Albuquerque (2007)

[a]	ane	[andrɛ]	“espremer”
	kagro	[kagrɔ]	“quente”
[ə]	wakōjaja	[vakōjəjə]	“quatis”
	hamakro	[həmbakrɔ]	“surdo”
[e]	gêk	[gek]	“doer”
	hapêx	[apɛʃ]	“terminar”
[ɛ]	tep	[tɛp]	“peixe”
	pire	[pirɛ]	“comprido”
[i]	kuxi	[kutʃi]	“guardar”
	hi	[ʔi]	“magro”
[ɨ]	prɨ	[prɨ]	“estrada”
	kuwy	[kuvi]	“fogo”
[o]	kaô	[kao]	“chupar laranja”
	japrô	[ʔapro]	“comprar”
[ɔ]	rop	[rɔp]	“cachorro”
	no	[ndɔ]	“olho”
[ʌ]	kawà	[kauʌ]	“cesto”

	karà	[karΛ]	“veado”
[ʎ]	prÿ	[prʎ]	“pena”
	kuprÿ	[kuprʎ]	“prostituta”
[u]	kupe	[kupε]	“beber tudo”
	kupã	[kupã]	“cheirar”

2.3.6. Exemplos de vogais nasais Apinajé

De acordo com os dados analisados, concluímos que, na língua Apinajé, há vogais puramente nasais (sem condicionamento ambiental, isto é, sem proximidade de qualquer segmento nasal) e há vogais que são nasalizadas, por estarem em ambiente contíguo a outros segmentos nasais, conforme ilustraremos a seguir:

2.3.7. Vogais puramente nasais

kapĩ	[kapĩ]	“derramar”
kupẽ	[kupẽ]	“não indígena”
karõ	[karõ]	“alma, espírito”
pã	[pã]	“cheirar”

2.3.8. Vogais nasalizadas pelo ambiente contíguo

prãm	[prãm]	“fome”
tẽm	[tẽm]	“cair”
pipãnh	[pipãɲ]	“bêbado”
mẽmoj	[mẽmbɔj]	“o que?”
mẽnijaja	[mẽndijaja]	“as mulheres”
panhĩ	[panhĩ]	“índio”

Contudo, observamos também que a nasalização da vogal que vem antes de um fonema nasal, na mesma sílaba, não é obrigatória. O mesmo não se dá com a vogal que segue um segmento nasal, como podemos observar nos exemplos abaixo:

2.3.9. Vogal antecedendo segmento nasal

inhmã	[ijnmã]	“eu”
amã	[amã]	“você”

omnuj	[omnduj]	“ruim”
xumĩr	[tʃumĩr]	“assar”
umnha	[umɕʒa]	“morder”

2.3.10. Vogal sucedendo segmento nasal

konẽn	[konẽn]	“não sei”
nhũm	[ɲũm]	“conjunção”
inhmã	[iɲmã]	“eu”
kamã	[kamã]	“dentro”
amã	[amã]	“você”
nhỹri	[ɲỹri]	“onde?”
tanhmã	[ta mã]	“como?”

2.3.11. Consoantes

Os segmentos consonantais são fonemas em cuja produção a corrente de ar vinda dos pulmões enfrenta obstáculos ao passar pela cavidade bucal. Esses obstáculos podem ser totais ou parciais, dependendo da posição da língua e dos lábios.

Para classificação das consoantes em Apinajé, levamos em consideração os seguintes critérios:

a) Modo de Articulação:

Com base na natureza da estrutura, classificamos os segmentos consonantais, em Apinajé, quanto ao modo de articulação

Nesse critério, é verificado se o obstáculo encontrado pela corrente de ar, ao passar pela cavidade bucal, é total ou parcial. Se for total, a consoante será **oclusiva** (de oclusão ou fechamento), porém se for parcial, a consoante será **fricativa**. Será **fricativa** (quando ocorre uma fricção da passagem de ar pela cavidade bucal),

Oclusivas: os articuladores produzem uma completa obstrução da passagem da corrente de ar através da cavidade bucal. O véu palatino encontra-se levantado, e o ar que vem dos pulmões passa para cavidade oral. As consoantes oclusivas do Apinajé: /p/, /t/, /k/, /g/ /h/.

Exemplos: **prõt** (correr), **pàry** (pimenta), **kato** (sair), **tykre** (escuro), **kupã** (cheirar), **kagô** (suco), **haprô** (comprar), **gôhkôn** (cabaça).

Fricativas: os articuladores se aproximam, produzindo fricção quando ocorre a passagem central

da corrente de ar. A aproximação dos articuladores não chega a causar uma obstrução total, mas parcial, ocasionando uma fricção. Em Apinajé ocorre apenas uma fricativa, como em /w/: **wewere** (borboleta), **wakõ** (quati).

Laterais: ocorre quando o ar escapa pelos lados da cavidade bucal. A língua Apinajé não possui consoantes laterais.

Vibrantes: ocorre quando o ar passa, provocando uma vibração da língua: /r/, a língua Apinajé possui apenas a vibrante simples ou flepe

Nasais: para realização das nasais, os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. O véu palatino encontra-se abaixado, e o ar que vem dos pulmões direciona-se para as cavidades nasal e oral. As nasais são consoantes idênticas às oclusivas, diferenciando-se pelo abaixamento do véu palatino para a realização das nasais. As consoantes nasais do Apinajé são: /m/, /n/, /nh/.

Exemplos: **mõr** (ir), **mãti** (ema), **anã** (sua tia), **nõ** (deitar), **pinhõ** (genro), **panhĩ** (índio).

Pré-nasais: são consoantes precedidas de uma outra nasal breve do mesmo ponto de articulação e, geralmente, de mesma sonoridade. /mb /, /nd /, / ŋg /, como nas palavras abaixo:

Exemplos: **mõx** (boi), **no** (olho), **gõ** (água).

2.3.12. Fonemas nasais da língua Apinajé e seus alofones

Fonema	Alofone(s)	Contexto(s)	Exemplos
/m/	[m]	[m] antes de vogal nasal e final de sílaba (incluindo final de palavra, quando, precedida de vogal nasal, ocasiona o eco vocálico).	prãm [prãm ^ã] fome
	e [mb]	[mb] ocorre antes de vogal oral, ainda que precedida da vibrante /r/.	mõx [mboŋ] boi mry [mbri] carne
/n/	[n] e [nd]	[n] antes de vogal nasal e final de sílaba (incluindo final de palavra, quando, precedida de vogal nasal, ocasiona o eco vocálico).	kõn [kõn ^õ] joelho konẽn [konẽn ^ẽ] não sei
		[nd] antes de vogal oral	no [ndo] olho

Fonema	Alofone(s)	Contexto(s)	Exemplos
/ɲ/	[ɲ], [nɕ] e [ŋ]	[ɲ] em início de sílaba, antes de vogal nasal.	panhĩ [paɲĩ] índio
		[nɕ] em início de sílaba, antes de vogal oral.	nhêpre [nɕɛpre] morcego
		[ŋ] em final de sílaba, em posição pós-vocálica.	Krãmênh [krãmẽŋ] machado

Albuquerque, 2007.

b) Ponto de Articulação:

Esse critério é baseado no ponto da cavidade bucal onde se localiza o obstáculo da passagem da corrente de ar.

Partindo desse critério, as consoantes são classificadas em : **bilabiais**(contato dos lábios inferiores com os superiores), **labiodentais** (os lábios inferiores encostam nos dentes incisivos superiores), **linguodentais** (a língua toca os dentes incisivos superiores), **alveolares** (a língua toca os alvéolos, próximo dos dentes incisivos superiores), **palatais** (o dorso da língua toca o palato duro, ou véu palatino), **velares** (a parte superior da língua encosta no palato mole ou véu palatino).

A seguir, apresentamos os lugares de articulação que são relevantes para a descrição das consoantes Apinajé.

Bilabiais: ocorrem através do contato dos lábios inferiores com os superiores: /p/, / m /.

Exemplos: **par** (pé), **mãti** (ema), **pàtre** (mambira), **mêõ** (comida).

Labiodentais: ocorre quando os lábios inferiores encostam nos dentes incisivos superiores: /w/.

Fonema/w/, na língua Apinajé, é representado graficamente pelo grafema <w>, que também serve de grafia para o *glide* [w]. Assim, temos nesta língua as situações ilustradas no quadro abaixo:

labioentais /w/ e /v/

Escrita	Transcrição fonética
wewere “borboleta”	[veveɾɛ]
kuwy “fogo”	[kuwĩ]
gwagwak “amassar”	[gwagwakʷ]

Albuquerque, 2007.

Na análise de Ham (1979), o fonema /v/ realiza-se como [v] e como [w]. Nos dados atuais, por nós coletados e analisados, encontramos para o fonema /v/ apenas as duas realizações já

referidas: a labiodental [v] e a aproximante labiodental [ʋ]. A realização como [w], proposta por Ham, constitui um *glide* no estágio atual da língua Apinajé. Assim sendo, descrevemos o fonema /v/ como possuindo dois alofones: [v] e [ʋ]. Sendo que:

— [ʋ] ocorre antes das vogais não arredondadas [ɤ] e [i] (antecedida ou não por vibrante):

jaxwỳ	[jaʃʋɤ]	“guardar”
mytwrỳ	[mbítʋɤ]	“lua”
kuwy	[kubi]	“fogo”

— [v] ocorre nos demais ambientes:

wô	[vo]	“chupar bacaba”
wôwôre	[vovore]	“vovôzinho”
kuwênh	[kuveŋ]	“pássaro”
wakõ	[vakõ]	“quati”
kawà	[kavʌ]	“cesto”
tiwiwire	[tivivire]	“apito”

O Fonema /w/ é uma aproximante que se realiza como [w]; ocorre em encontros vocálicos, precedendo ou sendo precedida por vogal:

kuhpaw	[kuʔpaw]	“erro”
kaxkwa	[katʃkwa]	“céu”

Exemplos: **wa**(dente), **wewere**(borboleta), **wakõ** (quati)

Linguodentais: ocorrerem quando a língua toca os dentes incisivos superiores: /t/, /n/

Exemplos: **tātāk** (doer), **priti** (sapo), **nã** (mãe), **nē** (e), **no**(olho), **nokre** (cego)

Alveolares: ocorrem quando a língua toca os alvéolos próximos aos dentes incisivos superiores: /r/.

Não obstruinte /r/ e seus alofones

Fonema	Alofones	Contexto	Exemplos
/r/	[r], [r] e [l]	[l], [r] e [r] ocorrem em variação livre antes de vogal [ɛ] [r] e [r] ocorrem em variação livre nos demais ambientes	jumênre [ʒumênɛ] [ʒumênɛ] [ʒumênɛ] jumento makre [mbakɛ] ~ [mbakɛ] escorpião

Albuquerque, 2007.

O fonema /r/ se realiza como [r] e [r], com maior frequência, na fala dos mais velhos. Já a variante [l] é mais produtiva na fala dos jovens e das crianças, principalmente, no uso de empréstimos do português, visto que a lateral não é um fonema característico da língua Apinajé.

Exemplos: **rop**(cachorro), **xore**(raposa), **krã** (cabeça), **mry** (carne), **karà** (veado), **pátre** (mambira).

Palatal: ocorre quando o dorso da língua toca o palato duro ou véu palatino: /ɲ /

Exemplos: **nhỹ** (sentar), **panhĩ** (índio).

Velares: ocorrem quando a parte superior da língua encosta no palato mole ou véu palatino /g/, /k/, /ŋ/.

Exemplos: **grãgrã** (verde), **karà** (veado), **kĩnh** (alegre).

Glotal: os músculos do glote comportam-se como articuladores.

Exemplos: **haôk** (diarreia), **ôhyxà** (dar de barriga).

Africada : na produção inicial de uma africada, os articuladores produzem uma completa obstrução na passagem da corrente de ar pela cavidade oral e o véu palatino encontra-se levantado. Já na fase final dessa obstrução, ocorre, assim, uma fricção decorrente da passagem central da corrente de ar. Desta forma, a oclusiva e a fricativa que formam a consoante africada devem ter o mesmo lugar de articulação. Em Apinajé ocorre apenas uma consoante africada: **x / ʃ /**.

Exemplos: **xore** (raposa), **xwa** (banhar).

O grafema **X**, representado pelo fonema africado / ʃ /, realiza-se como / s /, representado pelo grafema **S** na língua Apinajé, na forma antiga, falada pelos mais velhos, atualmente se realiza como /s/, apenas nos nomes próprios personativos, como em: **Koxêt - Kosêt, Xixire – Sisire, Xipãx – Sipãx**. Já nos empréstimos do português, houve uma tentativa de adaptação fonológica,

conforme podemos observar nos seguintes exemplos: **sapãw** (sabão), **mesti** (mesa), **murasti** (borracha), **sĩnre** (tatu china) e **sa** (chá)

Observação: Nas palavras emprestadas do português, como era de se esperar, ocorrem muitas adaptações fonológicas. Nos exemplos acima, destacamos as palavras **sĩnre** (tatu china) e **sa** (chá) em que o [ʃ] do português é substituído por [s] em Apinajé.

Tepe ou vibrante simples: o articulador ativo toca rapidamente no articulador passivo, ocorrendo uma rápida obstrução da passagem da corrente de ar através da cavidade bucal. O tepe ocorre em Apinajé: **r / r /**.

Exemplos: **rop** (cachorro), **ropkror** (onça pintada), **krã** (cabeça).

c) Papel das cordas vocais: para esse critério, levamos em consideração a ocorrência ou não da vibração das cordas vocais. Se as cordas vocais vibram com a passagem de ar, que vem dos pulmões, temos um som vozeado (sonoro); caso as cordas vocais não vibrem, temos um som desvozeado (surdo).

Em Apinajé as consoantes surdas e sonoras são:

a. Surdos: / p /, / t /, / k /, / tʃ /.

b. Sonoros: / m /, / n /, / ɲ /, / r /, / g /, / ʔ /, / j /, / w /.

2.3.13. Quadro fonêmico das consoantes Apinajé

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusivas	p		t			k, g	ʔ
Africadas				tʃ			
Fricativas		(v)					
Nasais	m		n		ɲ		
Vibrante			r				
Aproximantes		w		j			

Albuquerque, 2007.

Quando as consoantes / **k, t, p, r, m, n**/ ocorrem em final de palavra, em posição pós-vocálica, pode observar-se também o fenômeno do eco-vocálico, conforme os exemplos abaixo:

prêk	[preg ^e]	“alto”
horot	[ʔorot ^o]	“ferendo”

pykap	[pɪkap ^a]	“no chão”
gõr	[ɲgõr ^õ]	“dormir”
prãm	[prãm ^ã]	“fome”
tôn	[ton ^o]	“tatu”

Observação: Eco-vocálico é a repetição da vogal anterior, com a diferença de que a vogal repetida é mais fraca (Weiss, 1988).

2.3.14.Semivogais

As semivogais são fonemas produzidos de forma semelhante às vogais altas /e/ e /u/, mas diferentes por não assumirem o papel de núcleo da sílaba. Daí serem interpretados como vogais assilábicas. Na escrita Apinajé são representados pelas letras “j” e ”w”.

Exemplos: **mêmoj** (o quê?), **harôj** (arroz), **kôkôjaja** (macacos), **kupaw** (erro), **xwa** (banhar).

2.3.15.Aproximante /j/ e seus alofones

Fonema	Alofones	Contextos	Exemplos
/j/	[j], [ʒ], [z]	<p>[j] ocorre em encontros vocálicos, como <i>glide</i>, precedendo ou sendo precedida por vogal.</p> <p>[z] ocorre em ambiente em que é precedido de consoante oclusiva e seguida de [e].</p> <p>[j],[ʒ], [z] ocorrem em variação livre nos demais ambientes.</p>	<p>kôkôjaja [kokojaja] macacos</p> <p>kajti [kajti] coelho</p> <p>kjê [kze] coxa</p> <p>apjê [apze] comprido</p> <p>mjên [mbzen] marido</p> <p>ja [ja]~ [ʒa] ~[za] este</p> <p>japrô [japro], [ʒapro] [zapro] comprar</p>

Albuquerque, 2007.

2.4.Sílaba

A sílaba é interpretada como um movimento de força muscular que se intensifica atingindo

um limite máximo e, em seguida, ocorre a redução progressiva dessa força. Desta forma, a sílaba é formada por um ou mais fonemas realizadas numa só emissão de voz. Em Apinajé, a sílaba é sempre centrada numa vogal.

Exemplos: **rop** (cão), **tātāk** (dor, latejar), **xiprôre** (andorinha).

As palavras são classificadas de acordo com o número de sílabas que as compõem, conforme veremos a seguir:

- a) **Monossílabos:** vocábulos formados por apenas uma sílaba: **no** (olho), **mry** (caça), **gô** (água).
- b) **Dissílabos:** vocábulos formados por duas sílabas: **pàtre** (tamanduá), **àxà** (urina), **pixô** (banana).
- c) **Trissílabos:** vocábulos formados por três sílabas: **akunha**(rir), **tātākre** (quero-quero).
- d) **Polissílabos:** vocábulos formados por mais de três sílabas: **purkaxuhti** (juriti), **xirārāxti** (bem-te-vi).

2.4.1. Encontros vocálicos

Denomina-se encontro vocálico o agrupamento de vogais e semivogais, na mesma sílaba, sem que haja consoantes intermediárias.

Em Apinajé, os encontros vocálicos são classificados em **ditongos e hiatos**:

a) Ditongo

O ditongo é a sequência de segmento, em que um desses segmentos da sequência é interpretado como semivogal, na mesma sílaba.

Se esse segmento for constituído de uma semivogal com uma vogal, temos um ditongo **crecente**, porém, se a ordem for o encontro de vogal com uma semivogal, temos um **ditongo decrescente**, como podemos observar a seguir:

* **Ditongo crescente:** **gwagwak** (amassar), **xwa** (banhar).

* **Ditongo decrescente:** **kupaw**(erro), **kôkôj** (macaco).

b) Hiato

Ocorre quando a articulação de duas vogais se dá em sequência, e cada vogal ocorre em sílaba diferente, apresentando qualidade vocálica específica.

Exemplos: **mu-u-têk** (jacu), **à-à-nhà** (gavião), **nhĩ-ĩ-ti** (mucura).

2.4.2. Encontros consonantais

Os encontros consonantais são segmentos de consoantes sem vogal intermediária. Em Apinajé existem dois tipos de encontros consonantais:

- a) Formados por duas consoantes na mesma sílaba: **krakrak** (papamel), **kukryt** (anta), **mryti** (capivara).
- b) Formados por duas consoantes pertencentes a sílabas diferentes: **apxêt** (peba), **nopxà** (dor no olho). **ropkrar** (onça pintada).

2.4.3. Dígrafos

De modo geral, não há uma correspondência perfeita entre fonema e grafia que os representem. Desta forma, o dígrafo é um fenômeno que comprova essa imperfeição do sistema de grafia, uma vez que ocorre quando duas letras representam um só fonema.

Na língua Apinajé esse fenômeno é evidenciado com o grafema **nh**, antes de som nasal, conforme exemplos: **panhĩ** (índio), **nhỹ** (sentar), **amnhijôk** (pintura), **inhõ** (meu).

2.4.4. Divisão Silábica

Usa-se hífen para marcar a separação da sílaba. Para a separação da sílaba na língua Apinajé, adotamos os seguintes critérios:

- a) Não se separam as vogais dos ditongos:

Exemplos: **xwa** (banhar), **pôj** (chegar), **harôj** (arroz).

- b) Separam-se as vogais dos hiatos:

Exemplos: **à-à-re** (gostoso), **gê-ê-ti** (avô/velho), **pã-y** (milho), **mu-u-têk** (jacu).

- c) Não se separa **nh** em Apinajé.

Exemplos: **inhmã** (eu/meu), **nhikôt** (inchado), **panhĩ** (índio), **nhômnhôp** (coceira).

- d) Separam-se os encontros consonantais que ocorrem em sílabas diferentes, conforme exemplos a seguir: **kax-po-re** (dinheiro), **ox-kõ** (beber), **krax-kà** (calça)

2.4.5. Sílaba Tônica

Na língua apinajé, cada palavra de mais de uma sílaba possui um acento de liberdade limitada, que pode sempre recair na penúltima ou na última sílaba da palavra. Ressaltamos, entretanto, que na maioria das palavras da língua Apinajé, o acento recai na última sílaba, sendo, portanto, mais produtivas, nessa língua, as palavras oxítonas, conforme exemplos a seguir.

- a) **Oxítonas**: quando o acento tônico recai na última sílaba da palavra.

mãti	[mã'di] ~ [mã'ti]	“ema”
ratre	[ra'trɛ] ~ [ra'tlɛ]	“latinha”
rãrãj	[rã'rãj]	“laranja”
kagô	[ka'ŋgo]	“suco”
kawà	[ka'ʋʌ] ~ [ka'wʌ]	“cesto”
karà	[ka'rʌ]	“veado”
karô	[ka'ro]	“frouxo”
maati	[maa'di] ~ [maa'ti]	“manga”
kahô	[ka'ʔõ]	“lavar algo”
paaxi	[paa'tʃi]	“melancia”

b) Paroxítonas: quando o acento tônico recai na penúltima sílaba da palavra.

jàtxore	[ʒat'tʃorɛ]	“mamãozinho”
nhĩĩrni	[ɲĩĩrɲdi] ~ [ɲĩĩrti]	“gambá grande”
tyini	[tɨjɲdi] ~ [tɨjti]	“avó”
xore	[tʃorɛ]	“raposa”
nhômnhôp	[ʎnɔmɲɔp]	“coçar”
tyjre	[tɨjɲɛ]	“avozinha”
katõtõk	[ka'tõtõk]	“trovão”
katorxà	[ka'tɔrtʃʌ]	“mãe”
kaxkwa	[kʌtʃkwə]	“céu”

2.4.6. Padrão Silábico Apinajé

A noção de sílaba não é tão nova em fonologia, porém só recentemente foi incorporada na fonologia gerativa.

Segundo Collischon (1996, p. 95), nos anos 70, a discussão em torno da sílaba era se possuía ou não “status fonológico”. Para essa autora, foi a partir dos trabalhos de Hooper (1976) e Kahn (1976) que a sílaba foi gradativamente sendo aceita como unidade fonológica e, rapidamente, aumentou o número de pesquisas em torno de sua natureza e do papel por ela desempenhado na fonologia das línguas.

Para Macambira (1985, p. 157), cada língua tem as suas regras próprias para agrupar os fonemas em sílaba. O mesmo grupo que numa se pronuncia com somente uma sílaba, noutra pode pronunciar-se com duas. Portanto, cada língua tem os seus padrões silábicos, ou seja, os seus tipos de sílaba.

Em consonância com Silva (2001), adotamos a noção de sílaba descrita em Abercrombie (1967), que explica a sílaba em termos de mecanismo de corrente de ar pulmonar:

Na produção do mecanismo de corrente de ar pulmonar, o ar não é expelido dos pulmões com uma pressão regular constante. De fato, os movimentos de contração e relaxamento dos músculos respiratórios expõem sucessivamente pequenos jatos de ar. Cada contração e cada jato de ar expelido dos pulmões constitui a base de uma **sílaba**. A sílaba é então interpretada como um movimento de força muscular que se intensifica atingindo um limite máximo, após o qual ocorrerá a redução progressiva desta força (p.78).

Numa perspectiva estrutural, a língua Apinajé, segundo os dados analisados por Albuquerque (2007), caracteriza-se por ter a forma canônica (C) V (C). Em posição pós-vocálica é característico encontrarem-se os segmentos consonantais /p, t, k, m, n, ɲ, j, tʃ, r/, conforme os exemplos seguintes:

rop	[rɔp]	“cachorro”
kakàt	[kakʌt]	“liso
tyk	[tik]	“sujo”
prãm	[prãm]	“fome”
kẽn	[kẽn]	“miçanga”
pumunh	[mbumbun]	“ver”
mẽmoj	[ẽmbɔj]	“o quê?”
môx	[mbotʃ]	“boi”
ropkror	[rɔpˈkrɔr]	“onça pintada”

Em posição inicial, além das consoantes, podem ocorrer todas as vogais orais. Porém, em relação às nasais, identificamos apenas as ocorrências de /ã/, /õ/, /ĩ/ e /ũ/, conforme exemplos:

ãm	[ãm]	“queixo”
õkwa	[õkwa]	“costela”
ĩhkôp	[ĩʔkop°]	“unha da mão”
ũm	[ũm]	“saborá de abelha”

Na língua Apinajé, em posição medial, ocorrem as vogais orais e nasais, além dos grupos abaixo arrolados:

mããnên	[mããnên]	“também”
muutêk	[mbuutêk]	“jacu”
gààti	[gʌʌti]	“bacuri”
nhiĩti	[ɲĩti]	“gambá”
maati	[maati]	“manga”
noore	[ndɔɔɾɛ]	“filho de pássaro”

Na sequência, ilustraremos os padrões silábicos do Apinajé, em posição **inicial, medial e final**:

a) Iniciais

V	ĩkra	[ĩkra]	“mão”
	ũm	[ũm]	“saborá de abelha”
	akĩ	[akĩ]	“seu cabelo”
	inhõ	[ɲõ]	“minha”
	êx	[etʃ]	“mentira”
	õkwa	[õkwa]	“costela”
	omnuj	[omnduj]	“ruim”
	akrẽ	[akrẽ]	“coma”
VC	ixpê	[itʃpe]	“eu”
	apku	[apku]	“comer”
	êx	[etʃ]	“mentira”
	ãm	[ãm]	“queixo”
CV	kawà	[kawʌ]	“cesto”
	pixô	[pitʃo]	“banana”
	wewere	[wɛwɛɾɛ]	“borboleta”
	karà	[karʌ]	“veado”
	wakõ	[wakõ]	“quati”

CCV	krare	[krare]	“criança”
	gra	[ŋgra]	“paca”
	prà	[prʌ]	“brasa”
	krã	[krã]	“cabeça”
	pro	[prɔ]	“cobertos”
	krãkahto	[krãkaʔtɔ]	“acordar”
VC	kàx	[kʌtʃ]	“garrafa”
	rax	[ratʃ]	“grande”
	môx	[mboʃ]	“boi / vaca”
	tep	[tɛp]	“peixe”
	par	[par]	“pé”
	tôn	[ton]	“tatu”
CCVC	prõt	[prõt]	“correr”
	prat	[prat]	“prato”
	krax	[kratʃ]	“quadril”
	mrar	[mbrar]	“andar”
	krit	[krit]	“lagarto”
CCCVC	kwrýtka	[kurɣtkʌ]	“lábio”
	kwrýtɾe	[kurɣtrɛ]	“trairinha”

b) Mediais

V	gàati	[ŋgʌʌti]	“bacuri”
	gaàti	[ŋgaʌti]	“murici”
	pahihti	[paʔiʔti]	“chefe”
	mããnẽn	[mããnẽn]	“também”
	maati	[maati] ~ [maadi]	“manga”
	pàati	[pʌʌti] ~ [pʌʌdi]	“tamanduá”
	nhĩiti	[ɲĩiti] ~ [ɲĩidi]	“gambá”
	piitã	[piitã]	“todos”
	muutẽk	[mbuutẽk]	“jacu”
hamaakro	[ʔambaakrɔ]	“surdo”	

	kaôrxà	[kaortʃʌ]	“chupador”
VC	haurxà	[ʔaurtʃʌ]	“corte com faca”
	kaêxkãm	[kaetʃkãm]	“no meio”
	karêrê	[karere]	“cambaleiar”
CV	wewere	[wewere]	“borboleta”
	pĩrejaja	[pĩrejaja]	“as crianças”
	kôkôjre	[kokojrɛ]	“macaco”
	katorxà	[katortʃʌ]	“mãe”
CVC	ôpatpat	[ôpatˈpatˈ]	“fazer esforço para vomitar”
	wahkrekamã	[vaʔkrekamã]	“na ausência de alguém”
CCV	pihproxà	[piʔprɔtʃʌ]	“cobertor”
	hjakretÿx	[ʔjakretʌtʃ]	“nariz congestionado”
CCVC	ropkrorjaja	[rɔpkrɔrjaja]	“onças pintadas”
CCCV	ahkwryxre	[aʔkuriʃre] ~ [aʔkuriʃle]	“feijão”

c) Finais

	mêõ	[mêõ]	“comida”
	ihõ	[iʔõ]	“outro”
V	mêhõ	[mêʔõ]	“quem é?”
	mêhi	[mêʔi]	“osso de gente”
	kai	[kai]	“pelve”
	ur	[ur]	“pus”
VC	kaôr	[kaor]	“chupar laranja”
	ôjãir	[ôjãir]	“vomitar”

<i>CV</i>	kupẽ	[kupẽ]	“não-índio”
	karà	[karʌ]	“veado”
	kato	[katɔ]	“nascer”
<i>CVC</i>	kator	[katɔr]	“nascer”
	kupĩp	[kupĩp]	“esteira”
	akôr	[akor]	“assoviar”
<i>CCV</i>	kukrẽ	[kukrẽ]	“comida”
	kagro	[kaŋgrɔ]	“quente”
	japrô	[japɾo]	“comprar”
	ĩhkra	[ĩʔkra]	“mão”
<i>CCVC</i>	kuhkryt	[kuʔkɾit]	“anta”
	ixprôt	[itʃprôt]	“corri”
<i>CCCV</i>	kukwrÿ	[kukɔrʏ]	“tirar”
<i>CCCV</i>	mànhkwrÿt	[mbʌŋkɔrʏt]	“cajuí”

O padrão silábico **VC** ocorre em todas as posições da sílaba, sendo, contudo, menos produtivo na posição medial. Já os grupos /**am**/, /**ãm**/, /**ũm**/, /**õm**/, /**ẽm**/, ocorrem apenas nas posições iniciais e mediais, visto que, em posição final, o segmento nasal é seguido de eco-vocálico homorgânico à vogal precedente.

O padrão silábico **CV** ocorre em todas as posições na língua Apinajé. Assim podemos afirmar que, nesta língua, a sílaba simples constituída apenas por vogal é menos produtiva.

De acordo com a descrição e análise de nossos dados, podemos constatar que, na margem ascendente da sílaba Apinajé, encontram-se no máximo três segmentos consonantais, já na margem descendente, de modo geral, ocorre apenas um segmento consonantal.

2.5. Algumas reflexões sobre a escrita alfabética Apinajé

O processo de aquisição da escrita não se dá da mesma forma que o de aquisição de uma linguagem oral. Segundo Bloomfield (1933), a escrita não é a língua, mas simplesmente uma maneira de registrar a língua por meio de marcas visíveis. Para o autor, todas as línguas foram faladas, através de quase toda a sua história, por povos que não liam ou escreviam. As línguas de tais povos são

tão estáveis, regulares e ricas como as línguas das nações que tinham escrita. Ou seja, uma língua é o que é, independentemente do sistema de escrita que possa ser usado para registrá-la, da mesma maneira que uma pessoa é o que é, independentemente do modo pelo qual se tira seu retrato.

Lado (1971, p. 131-132) afirma que os sistemas de escrita do mundo podem ser classificados em três tipos principais, de acordo com as unidades linguísticas que representam:

a) Escrita alfabética, em que os símbolos representam, com maior ou menor perfeição, os fonemas da língua: a maioria das línguas escritas do mundo são hoje desse tipo (como é o caso do Inglês, Espanhol e de outras línguas de grande difusão), embora seja historicamente o último a ser inventado. É pressuposto geral de que a escrita alfabética evoluiu dos sistemas silábicos que, por sua vez, se originaram do sistema de escrita egípcio. Coube aos gregos antigos sistematizar um procedimento utilizado para tornar a escrita silábica mais precisa; para evitar ambigüidades ocasionais de certos sinais silábicos, os gregos acrescentaram sinais vocálicos às sílabas ambíguas. O uso sistemático de tal procedimento levou à reinterpretção dos sinais silábicos como sinais apenas das consoantes.

b) Escrita silábica, em que os símbolos representam sílabas ao invés de fonemas: algumas línguas têm silábrios como seus sistemas de escrita. O cherokee, uma língua indígena americana, é, às vezes, citado como exemplo de língua com um sistema silábico. A língua mais conhecida que usa o sistema silábico de escrita é a japonesa, que emprega uma combinação de escrita logográfica e silábica. Os temas das palavras são escritas com caracteres chineses, chamados kanji.

c) Escrita logográfica, em que os símbolos representam palavras ao invés de fonemas ou sílabas: o exemplo clássico é o chinês (Mandarim). Os caracteres da escrita chinesa podem representar palavras que soam bastante diferentes nos vários dialetos (assim supostamente chamados) do chinês.

De acordo com Braggio (1999, p. 151), a maioria dos povos indígenas, que têm suas línguas descritas, têm também a elaboração de uma escrita alfabética. Por isso, trata-se da questão e de suas implicações em situação de bilinguismo e ensino de língua.

Segundo o RCNEI (1998, p. 137), no caso da escrita das línguas indígenas, como as convenções ortográficas e a segmentação das palavras não estão ainda reguladas por normas fixas, o processo é um pouco diferente. Neste caso, tanto o professor quanto o aluno devem conversar, discutir sempre qual a melhor maneira de escrever a língua e quais poderão vir a ser as convenções para sua escrita.

Abaurre (1993, p. 254) discute a relação dos falantes com o sistema de escrita de base alfabética, suas expectativas de uma maior aproximação com fatos fonéticos da língua; a relação dinâmica que possa existir, no caso de a comunidade começar a escrever alfabeticamente, entre as representações fonológicas subjacentes e a escrita, por um lado, entre a escrita e as representações fonológicas, por outro. A autora chama a atenção para a importante questão das expectativas que membros de comunidades sem escrita por vezes desenvolvem, com relação a um sistema alfabético

que lhes é oferecido, com base em fatores de ordem sociolinguística, que envolvem a comparação e avaliação qualitativa e quantitativa dos símbolos do sistema proposto com aqueles do sistema alfabético já utilizado pelo pesquisador e ou pela sociedade evolvente.

Com base nos pressupostos gerativistas, Braggio (1999, p. 155) afirma que a criança converte uma cadeia de letras numa representação lexical. A esta cadeia se associa uma descrição estrutural, uma estrutura de superfície que, com a representação lexical dada, se converte em uma representação fonética. No ato de ler, são utilizados o “conhecimento” das regras fonológicas que relacionam representações subjetivas aos sons, que permitem interpretar a ortografia diretamente do nível lexical.

Braggio (1999) faz uma análise da escrita de crianças e adultos de grupos indígenas e conclui que os fatores linguísticos e contextuais atuam decisivamente no seu desempenho, em que se observam claramente as características específicas do bilinguismo, a complexa interação entre as línguas e, conseqüentemente, em seus sistemas gráficos. Essa interação, adverte a autora, deve ser tratada cuidadosamente nos programas de educação escolar dos povos indígenas, principalmente quando a criança passa a utilizar a língua portuguesa na modalidade escrita.

Partindo da classificação das consoantes do Apinajé adotada por Ham (1961, 1967, 1979), apresentamos a ortografia empregada na língua Apinajé e as possíveis contradições com a ortografia do português, de acordo com os dados analisados em nossa pesquisa, junto às comunidades Apinajé, no decorrer de dez anos de estudo. Segundo Ham, os sons da língua Apinajé que se assemelham aos sons em português são representados pelas mesmas letras em ambas as línguas.

2.5.1. As consoantes Apinajé e suas variantes fonológicas

Grafemas consonantais	p	t	x	k	ʔ
Variantes fonológicas	p, b	t, d	č, ĵ	k, g	ʔ
Grafemas consonantais	m	n	nh	g	
Variantes fonológicas	m, mb	n, nd	ñ, ñĵ	g, ng	
Grafemas consonantais	v	r	j		
Variantes fonológicas	v, w	ř, l	z, ĵ		

Fonte: Ham 1979, adaptado por Albuquerque, 2007.

De acordo com nossos dados, podemos afirmar que os problemas relativos à adoção da escrita Apinajé está no fato de não haver, como acontece na maioria das línguas, uma correspondência de um para um entre grafemas e fonemas. Pike (1947) explica que uma ortografia prática deveria ser fonêmica, isto é, deveria haver uma correspondência biunívoca entre fonemas das línguas e seus correspondentes símbolos ortográficos ou grafemas.

Sabemos, contudo, que a adoção de um sistema ortográfico pelos Apinajé vai além da relação fonema-grafema, uma vez que há processos de elaboração, adoção e de apropriação da escrita pela comunidade Apinajé, sobre os quais não podemos interferir. Somente os Apinayé poderão decidir a respeito, visto que o uso da escrita nessa comunidade deve passar por todo um processo sócio-histórico, que só a esses povos pertence.

Pike se refere aos problemas sociais que estão envolvidos na elaboração de uma ortografia mais prática para a escrita das línguas:

Um alfabeto prático deveria ser escolhido de modo a manter um equilíbrio entre os princípios fonêmicos e a situação sociológica mais geral, assim como a aceitação das pessoas da comunidade, sua adaptação ao alfabeto da língua oficial da região/comunidade e sua adequação às necessidades do escritor bilíngue (PIKE, 1947).

Para Braggio (1999, p. 152), é importante que o professor indígena saiba como foi elaborado o sistema escrito de sua língua, a fim de que ele possa compreender e atuar no processo de aquisição da língua escrita pela criança. Os sistemas alfabéticos das línguas indígenas e do português nem sempre coincidem, dada a existência de fonemas próprios de cada língua. O professor, assim como a mãe no processo de aquisição da linguagem oral, será então o interpretante, o que dará significado à escrita da criança, subsídio para seu planejamento, para sistematização dos conhecimentos a serem adquiridos.

Tendo constatado que os maiores problemas na educação escolar bilíngue (Apinajé e Português) concentram-se nos grafemas referentes às vogais, tomando como base a classificação Ham (1979), apresentamos, a seguir, detalhadamente, a série de grafemas vocálicos da língua Apinajé e a sua correspondência com as do português:

orais:	a e ê i y à u ô o ÿ	(Apinajé)
	a i u	(Português)
nasais:	ã ã ã ã õ ã	(Apinajé)
	ã ã ã õ ã	(Português)

Passamos, então, para as explicações sobre as correspondências entre os grafemas e fonemas vocálicos Apinajé, de acordo com os dados de nossa pesquisa:

- O grafema “y” corresponde à vogal sonora central não arredondada [i] e não existe na língua portuguesa. Aproxima-se de [i] sem arredondamento dos lábios.

- O grafema “à” corresponde à vogal sonora, posterior, média aberta, não arredondada [ʌ] e não possui um som correspondente na língua portuguesa. Aproxima-se de um som de [ɔ] sem arredondamento dos lábios.

- O grafema “ÿ” corresponde à vogal sonora, posterior, média fechada, não arredondada [ʏ]. Também não possui som correspondente no português. Pode-se conseguir uma aproximação com a pronúncia de um [o] sem arredondamento dos lábios.

- O grafema “ÿ̃” corresponde à vogal sonora central, nasal, não arredondada [ɨ̃]. Não possui som correspondente em português. Aproxima-se de [ĩ].

- O grafema “e” corresponde a [ɛ] em português.

- O grafema “ê” corresponde a [e] em português.

- O grafema “o” corresponde a [ɔ] em português.

- O grafema “ô” corresponde a [o] em português.

No quadro seguinte, apresentamos a correspondência entre fonemas e grafemas na língua Apinajé

2.5.2. Correspondência entre fonemas e grafemas da Língua Apinajé

Fonemas	Grafemas
/p/	p
/t/	t
/tʃ/	x
/k/	k
/ʔ/	h
/m/	m
/n/	n
/ɲ/	nh
/g/	g
/v/	w
/w/	w
/r/	r
/j/	j
/a/	a
/ʌ/	à
/ã/	ã

/e/	ê
/ɛ/	e
/ẽ/	ẽ
/i/	i
/ĩ/	ĩ
/ĩ/	y
/ĩ̃/	ỹ
/ɤ/	ÿ
/ɔ/	o
/o/	ô
/õ/	õ
/u/	u
/ũ/	ũ

Nossa experiência com a Educação Indígena Apinajé, ao longo desses 15 anos, permite-nos afirmar que, em princípio, o código da língua Apinajé influencia o da língua portuguesa, na modalidade oral, uma vez que é o primeiro a ser adquirido pelas crianças em seus domínios sociais. Porém, quando a criança começa o processo de aquisição da língua escrita, o Apinajé sofre interferência do português. Ao longo desse processo, logicamente, com o maior domínio da escrita, essas interferências são minimizadas. Com base nesses pressupostos, a seguir apresentamos uma discussão de revisão da escrita ortográfica para a língua Apinajé

2.5.3. Discussão de Revisão da Escrita Ortográfica para a Língua Apinajé

Giraldin (2000) faz algumas importantes observações sobre a grafia da língua Apinajé. Começa afirmando que, desde o final da década de 1950, a língua Apinajé vem sendo sistematicamente estudada. A principal responsável por estes estudos é, certamente, Patrícia Ham (1979). A autora publicou a primeira versão sobre aspectos da língua Apinajé. Além de uma análise fonêmica da língua, ela produziu ainda outros trabalhos, mas sempre na forma de textos pequenos, nos quais apresenta análises linguísticas.

Passados mais de 40 anos, os Apinajé ainda continuam utilizando o mesmo sistema de escrita apresentado pelo SIL, na década de 50. Porém, hoje, os professores e a própria comunidade Apinajé têm observado que sua língua tem mudado muito nos últimos anos, devido à proximidade das cidades circunvizinhas e do contato permanente com os não indígenas (devido, inclusive, aos casamentos mistos). Também contribui para isso, o uso de material pedagógico na escola, (como jornais, revistas, cartazes, computadores e livros didáticos) cujos textos não refletem os aspectos sociocultural e linguístico dos Apinajé. Assim sendo, há um número muito significativo de palavras emprestadas do português, que está, paulatinamente, sendo incorporado na língua Apinajé.

Desde 2002, com a implantação do Projeto de Apoio Pedagógico à Educação Indígena Apinajé nas aldeias de Mariazinha e São José, e com a implementação do Projeto de Educação Indígena

na para o Estado do Tocantins, os professores Apinajé vêm reivindicando uma revisão ortográfica na escrita de sua língua, em vista de uma série sons incorporados no Apinajé, mas que não fazem parte da escrita de sua língua, como podemos observar, a seguir, no depoimento dos professores indígenas Apinajé:

“Queremos uma reforma ortográfica na nossa língua, mas com a participação de todos os professores Apinajé. Não queremos que retirem nenhuma letra de nossa língua; queremos incluir as letras que ainda não aparecem na língua, que são: l, d, b, v, f, z” (prof. Emílio Apinajé, março de 2006)

“Eu acho que na escrita da língua Apinajé não pode ser retirada nenhuma letra, apenas incluir na ortografia as letras v, b, l, f, z, d, s, r[velar]; pois é muito importante incluir essas letras diferentes” (prof. José Eduardo Apinajé, março de 2006)

“Nós professores Apinajé queremos que continuem todas as letras na nossa escrita. Queremos que as letras r [velar] b, v, l, z sejam incluídas na nossa escrita, pois temos muitas dúvidas na hora de escrever nossas palavras”. (prof. Josué Dias Apinajé, março de 2006).

Como vimos, há um certo consenso na escolha das letras para o alfabeto Apinajé. Os membros da comunidade vêm propondo essas alterações que, como mostraremos a seguir, permitem que a escrita se torne mais próxima da língua falada pelos Apinajé. Descreveremos somente os casos em que há dúvida na correspondência entre fonemas e grafemas na língua em estudo.

2.5.3.1. A representação gráfica do fonema consonantal /r/

Na língua Apinajé, fonema /r/ é representado pelo grafema *r*, como em *pàtre* “tamanduá”.

Devido aos empréstimos do português, houve a inclusão no Apinajé da fricativa velar [h], para dar conta de casos como “*macarrão*”, “*rádio*” e “*carta*”. A representação desse som, na escrita Apinajé, tem sido feita, variavelmente, por *r*, *h* e *R*.

1ª Grafia

muhasti
hasti
hus
heros

2ª Grafia

murasti
rasti
rus
reros

“borracha”
“rádio”
“luz”
“relógio”

2.5.3.2. A representação gráfica do fonema /s/

A representação do fonema/s/ é feita pelo grafema *s*, por influência do português, uma vez que este grafema não consta no alfabeto Apinajé.

sĩre	“tatu china”
sutêhti	“chuteira”
sa	“chá”
saj	“saia”
hapisêre	“lapiseira”
mêsti	“mesa”
mrus	“blusa”
kamis	“camisa”

2.5.3.3 A representação gráfica do fonema /m/

O fonema /b/ é representado graficamente por *m* em Apinajé. Sendo que o grafema *m* também representa o fonema /m/ e seu alofone [mb] nessa língua. Nos casos dos empréstimos do português, devido à inexistência do grafema *b* em Apinajé, [b] também é grafado por *m*.

mrus	“blusa”
môhas	“borracha”
mooti	“bola”
muraxre	“bolacha”
mômõre	“bombom”

2.5.3.4. A representação gráfica do fonema /p/

Em Apinajé, o grafema *p* representa as realizações [p] e [b] do fonema /p/. Nos casos de empréstimos do português, o grafema *p* também representa o fonema /b/ do português.

sapãwti	“sabão”
pājêhti	“banheiro”

2.5.3.5. A representação gráfica do fonema /n/

O fonema /n/ é grafado por *n* em Apinajé. Este mesmo grafema representa o alofone [nd] do fonema /n/ do Apinajé e o fonema /d / das palavras emprestadas do português.

wẽnê	[vêde]	“vender”
no	[ndo]	“olho”
kanêre	[kaderε]	“cadeira”
nojarêt	[ndojaretʃ]	“pronto p/ sair”

2.5.3.6. A representação gráfica do fonema /f/

Em empréstimos do português, o grafema *f*, que não existe no alfabeto Apinajé, é utilizado por influência da língua majoritária, para grafar o fonema /f/ dos empréstimos do português.

kafê	[kafɛ]	“café”
Frãnsire	[frãnsire]	“Francisco”
farmas	[farmas]	“farmácia”

2.5.3.7. A representação gráfica do fonema /v/

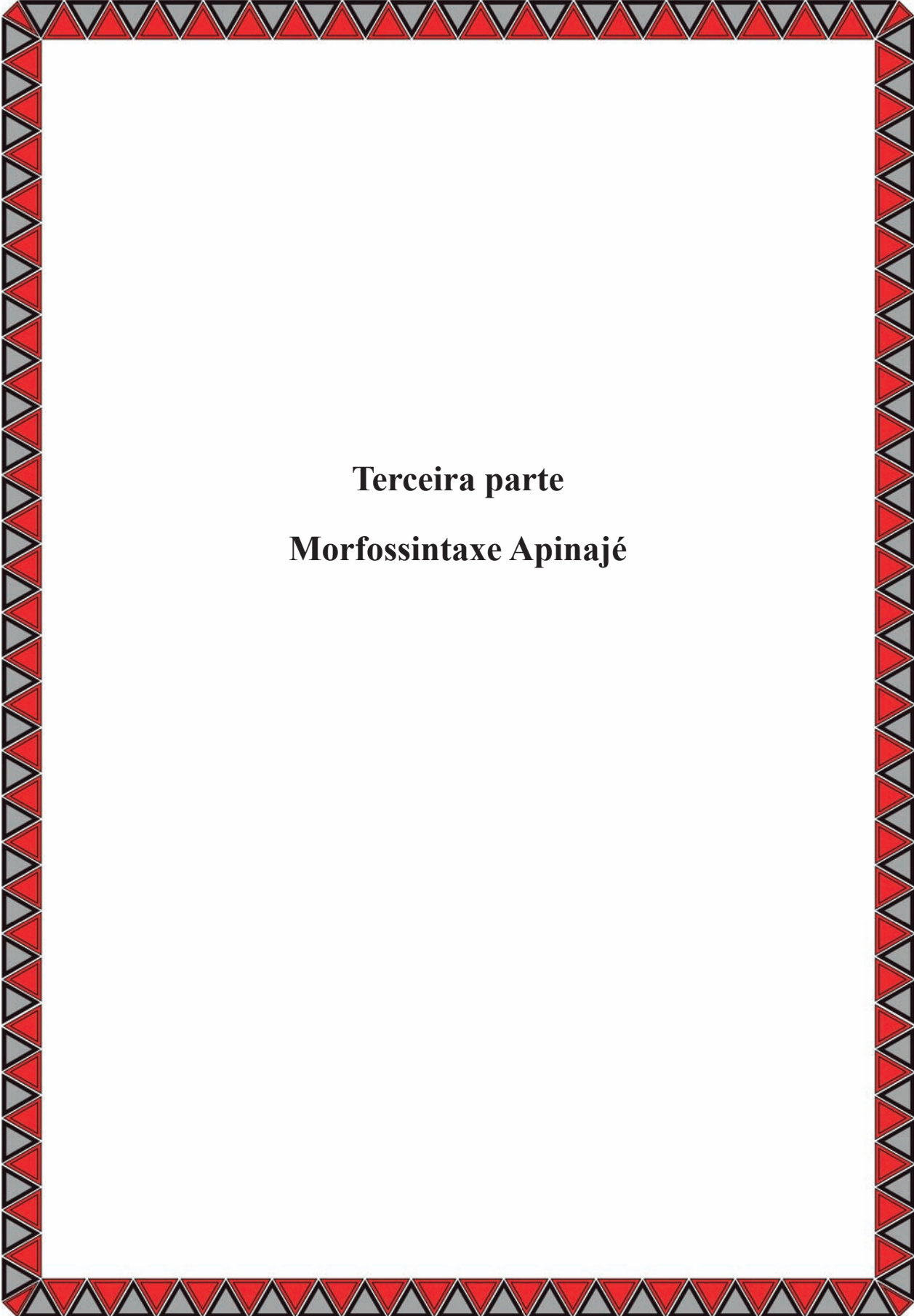
O fonema /v/, embora realize-se como [v] e [ʋ], é representado pelo grafema *w*, devido à inexistência do grafema *v* em Apinajé. Também é grafado por *w*, o fonema /w/.

gwagwak	[gwagwak]	“amassar”
akwe	[akwɛ]	“coitado (interjeição)”
kwarĩ	[kwarĩ]	“não”
kupaw	[kupaw]	“erro”
wa	[va]	“dente”
wewere	[vevere]	“borboleta”
kuwy	[kuwɨ]	“fogo”
nyw	[ndiʋ]	“novo”
kwrÿty	[kurɣti]	“bico”
kwÿ	[kuʋ]	“outro”
xwÿ	[tʃʋʋ]	“farinha”

Portanto, diante dos fatos expostos, fica evidente que, contando com a participação efetiva dos professores Apinajé e da própria comunidade, o estabelecimento de uma proposta de revisão ortográfica do Apinajé não só é possível e viável, como pode fazer parte das ações do projeto de Educação Indígena do Estado do Tocantins em parceria com o Projeto de Apoio Pedagógico à Educação Indígena Apinajé, para dar suporte linguístico e pedagógico para efetivação da revisão ortográfica desta língua.

A proposta de revisão ortográfica baseia-se na inclusão, no alfabeto Apinajé, dos seguintes grafemas: *h, s, b, d, f, v*. A partir dessa inclusão, seriam oficializadas algumas representações gráficas que já estão sendo feitas com grafemas que não fazem parte do alfabeto Apinajé, como por exemplo, o grafema *f* de *café* [kafɛ]. Outras mudanças se dariam na aproximação da ortografia de palavras como *ropti* [ropdi]

É importante destacar que, conforme já assinalamos, tal proposta, baseada em um longo e acurado estudo da língua, vai ao encontro dos anseios do povo Apinajé, sobretudo daqueles que lidam com o ensino da língua: os professores indígenas Apinajé.



Terceira parte
Morfossintaxe Apinajé

3. Morfossintaxe Apinajé

A morfologia é o estudo das formas das palavras (flexão e derivação) em oposição ao estudo das funções sintáticas. Daí, segundo Borba (2003), a morfologia ocupa-se das condições de estruturação da parte significativa dos signos e as possíveis variações dos significantes. Já para Nicola e Infante (1991), a morfologia é estudada a partir da análise da estrutura dos vocábulos, seguida da investigação dos processos utilizados pela língua na criação de suas palavras.

3.1. Processos Morfológicos Apinajé

Todas as línguas variam bastante quanto às possibilidades de combinatória mórfica, uma vez que ela não é nem casual nem arbitrária; portanto é possível estabelecer um número limitado de processos capazes de determinar o alcance do jogo morfemático.

Para Borba (2003), o processo morfológico é entendido como o mecanismo pelo qual dois elementos mórficos separáveis ou inseparáveis se unem numa ligação. Assim, os nomes Apinajé, de modo geral, fazem o plural pelo acréscimo de **-jaja** ao radical da palavra, conforme os exemplos a seguir: **krare – krarejaja** (as crianças), **rop – ropjaja** (os cachorros). Também, não é difícil perceber que dois elementos se justapõem, como em: **pīkupure – pī + kupure** (madeira + rodear), **kagôtykre - kagô + tykre** (suco + preto).

Portanto, segundo Nicola & Infante (1991), conhecer a estrutura de uma palavra não é saber apenas decompô-la. É saber, também, como compor uma nova palavra; realizar, desta forma, um trabalho criativo e dinâmico com a língua.

3.2. A Estrutura das Palavras em Apinajé

Nesta seção, direcionamos nossa atenção para a significação do signo linguístico, ou seja, para o elemento inteligível de cada palavra (conceito). Portanto para que passamos compreender o significado de um vocábulo, segundo Nicola & Infante (idem), é necessário conhecer a estrutura das palavras da língua em estudo.

Por exemplo, a palavra **roptijaja**, podemos separá-la em três unidades significativas:

a) **rop-** é a unidade básica que fornece o significado da palavra (cachorro), isto é, o radical. Com o radical, podemos formar uma família de palavras como: **ropkror, rop ni, rop my, roprejaja, ropjaja**.

b) **-ti-** é a unidade que indica grau aumentativo;

c) **-jaja** é a unidade que indica número(plural).

No caso, do exemplo acima, **-ti, -jaja** indicam grau (aumentativo) e número (plural). Esses morfermas só possuem uma significação se levar em consideração a estrutura da língua Apinajé; daí serem classificados como morfemas gramaticais.

Para Albuquerque (2002), os nomes em Apinajé ocupam a posição nuclear de sujeito, objeto direto, indireto e complemento de posposição. Para o autor, nessa língua, os nomes possuem traços semânticos [+ marcado], admitindo a flexão de plural e dual.

3.3. Elementos Mórficos da Língua Apinajé

A palavra não é a menor unidade constituída de significado; ela própria, segundo Savioli (1990), é formada de outras unidades que também são portadoras de algum significado. Essas formas mínimas portadoras de significado, chamamos de elementos mórficos ou morfemas.

A palavra **tônrejaja**, por exemplo, é constituída de três elementos mórficos, conforme observaremos no esquema abaixo:

tôn	-re	-jaja
Segmento que é a base do significado	Segmento que indica o grau diminutivo	Segmento que indica o número plural

3.4. Classificação dos Elementos Mórficos da Língua Apinajé

A palavra não é a menor unidade significativa, visto que ela mesma é formada de outras unidades mínimas que possuem algum significado. Essas unidades mínimas portadoras de significados são chamadas de elementos mórficos ou morfemas.

Partindo desse princípio, os elementos mórficos da língua Apinajé são classificados de acordo com a sua função na palavra. São classificados da seguinte forma:

a) Radical é o morfema que contém a significação lexical da palavra e pertencente a uma família de palavras da língua.

Com base nesses pressupostos, afirmamos que o conjunto de todas as palavras que se agrupam em torno de um mesmo radical é chamado de família de palavras, conforme podemos constatar nos exemplos abaixo:

rop – ropti – ropkror – ropre – rop krare
kagô - kagôtykre – kagôtyixi.
hagrô – hagrôre - hagrôti

b) Afixos são morfemas gramaticais que se acrescentam ao radical ou à palavra, modificando seu sentido. São eles prefixos e sufixos.

Prefixo é o elemento colocado antes do radical da palavra.

Na língua Apinajé, as palavras relacionais, de modo geral, assumem função de prefixo, representadas por um pronome pessoal ou possessivo.

ix+par - *ixpar*

inh+no - *inhno*

inh+am - *inham*

ix+pê - *ixpê*

Prefixos – relacionais:

kãm / mã - *inhmã (eu), amã (você).*

kot / te - *kãm (ele/ela).*

ixte - *(eu).*

ate - *(você).*

kot - *(ele/ela).*

Prefixos pessoais em Apinajé também podem ser exclusivos ou inclusivos. Os prefixos pessoais exclusivos são: **ix-**, **inh-**, **i-**.

Exemplos:

ixte - *minha perna.*

ixpar - *meu pé.*

inhno - *meu olho (meus olhos).*

Sufixo é o elemento colocado depois do radical da palavra:

Em Apinajé, os sufixos são representados por palavras que assumem essa função:

rop + ja - *ropja - o cachorro*

hamak + re - *hamakre - ouvido*

mêõkre + xê - *mêõkrexê - colar*

kupê + xê - *kupêxê - roupa/tecido*

mry + ta - *mryta - aquela caça*

c) Desinências:

São segmentos que se agregam ao final da palavra para indicar classificações acessórias da mesma palavra.

d) Desinências nominais – na língua Apinajé existem apenas desinência de número, visto que esta língua não possui os marcadores de gênero.

Exemplos:

rop - *jaja os cachorros*

ni - *jaja as mulheres*

my - jaja os homens

e) **Desinências verbais** – em Apinajé não há desinências verbais, visto que os verbos são conjugados através de partículas que indicam flexão de tempo (presente, futuro e passado).

Exemplos:

Pa mry ku - eu como carne (presente)

Pa kot paj mry ku - eu comerei carne (futuro)

Na pre mry krē - eu comi carne (passado)

Os elementos que indicam flexão verbal em Apinajé são: **kot/kot paj** indicando o futuro do verbo; **pre, na** indicam o passado; e o presente não é marcado por essas partículas.

3.5. Processos de formação de palavras na língua Apinajé

Em Apinajé os processos mais utilizados para formar palavras são a derivação e a composição. Além desses dois processos, são empregados outros como **hibridismo, onomatopeia, redução, abreviação vocabular e reduplicação**.

3.5.1. Derivação – é o processo pelo qual se forma uma palavra a partir de outra já existente na língua, como é o caso das palavras abaixo:

hagrô – primitiva (porco)

hagrôre – derivada (queixada)

hagrôti – derivada (caititu)

Os tipos de derivação em Apinajé são:

a) **Derivação prefixal** – quando se acrescenta um prefixo à palavra primitiva. Ocorre com prefixos relacionais:

Exemplos:

ix + pa – *ixpa*

meu braço

a + re *are*

deixa

a + pa – *apa*

seu braço

a + pē - *apē*

jogou

a + pe – *ape*

beba tudo

b) **Derivação sufixal** – ocorre pelo acréscimo de um sufixo ao radical da palavra primitiva.

Exemplos:

hagrô - *hagrôre* - *hagrôti*
kagô - *kagôtykre* - *kagôtyjxi*
karÿr - *brilhar*
karÿre - *brilhante*
karÿÿkryre - *brilhantina*

c) Derivação parassintética – ocorre pela junção simultânea de um prefixo e de um sufixo ao radical.

Exemplos:

mê + ôkrê + xê - *mêôkrexê* – *colar*
mêhi + twÿÿ + xê - *mêhitwÿÿxe* – *pulseira*
mê + te + xê - *mêtexê* - *adorno / efeitada perna*

d) Derivação imprópria – é um caso especial de derivação, segundo Nicola & Infante, a palavra primitiva não sofre alteração em sua estrutura, isto é, não sofre acréscimo nem redução. O que ocorre na derivação imprópria é uma mudança na função que a palavra exerce quando muda de classe gramatical.

Em Apinajé esse processo é mais produtivo na formação dos nomes próprios personativos, mas ocorre também com algumas classes de palavras como nos exemplos que seguem:

- **Substantivo a Adjetivo**
hi (osso) i (magro)
- **Adjetivo Genitivo a Substantivo Próprio**
môx ahtor(cabeça de jaó) Môx Ahtor (nome próprio)
- **Substantivo Comum a Substantivo Próprio**
Kamêr (fruta) Kamêr(nome próprio)
- **Pronome Pessoal a Pronome Possessivo**
Ix eu(pronome pessoal) ixte (minha perna - possessivo)
- **Adjetivo a Advérbio**
Mex(bonito) mex (bem)
- **Verbo passa para Substantivo**
prôt (correr) prôt (corrida)
- * **Advérbio passa para Preposição.**
parpê (embaixo) parpê (embaixo de)

* **Interjeição passa para substantivo**

hãmri (chega !) *hãmri* (obrigado)

3.5.2. Composição

O processo de composição acontece sempre que uma palavra é formada pela junção de dois ou mais radicais. Nesse caso as palavras possuem, necessariamente, mais de um radical, são, portanto, palavras compostas.

Em Apinajé, ocorre apenas o processo de composição por justaposição.

a) Composição por justaposição: ocorre quando cada elemento que compõe a nova palavra mantém sua pronúncia, conforme os Exemplos, a seguir:

pĩ + kupure – *pinkupure* – *jumento*
krã + japap – *krãjapap* – *chapéu*
krã + tãtãk – *krãtãtãk* – *dor de cabeça*
pixô + rãre – *pixôrãre* – *sapucaia*
pixô + rã – *pixôra* – *bananeira*
kupê + xê – *kupêxê* – *tecido / pano*

b) Composição por aglutinação: ocorre quando pelo menos um dos elementos que compõe a nova palavra tem sua forma de pronúncia alterada. Esse processo de formação de palavras não existe na língua Apinajé

3.5.3. Outros processos de formação de palavras em Apinajé

Além do processo de formação de palavras, citado anteriormente, existem outros processos, que produzem um número significativo de palavras na língua Apinajé. Dentre estes, destacamos a **onomatopeia, o hibridismo, abreviação vocabular ou redução e a reduplicação.**

a) Onomatopeia – a palavra se forma por onomatopeia quando reproduz ou procura reproduzir certos sons ou ruídos.

Exemplos:

katôtôk – *trovão*
tatak – *bater*
xirãrãx – *bem-te-vi*
tãtãkre – *quero-quero*

b) Hibridismo – consiste em formar palavras novas, utilizando elementos de línguas diferentes. Em Apinajé, esse processo é mais produtivo com palavras da língua portuguesa.

1. Português e Apinajé

- mômõtere – pirulito
- mômõtore – chiclete
- petekre – bola-de-gude
- pitômre – pitomba
- sapãwti – sapão
- buraxre – bolacha
- mêsti – mesa
- murasti – borracha
- pânêjre – banheiro

2. Inglês Apinajé

- jipre – carro pequeno
- jipti – caminhão / ônibus

3. Outras línguas

- Krahô e Apinajé
Pjê – terra krã kura - bater na cabeça – festa da chuva

c) Abreviação vocabular ou redução – consiste na redução fonética de uma palavra ou expressão. A língua Apinajé apresenta também esse processo, embora menos produtivo.

Exemplos:

ko (kokỹ) - *não*

po (karênhpo) - *maconha*

pore (kaxpore) - *dinheiro*

a) Reduplicação – também chamada de duplicação silábica, que segundo Bechara (2003), consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa. Em Apinajé, como na demais línguas, esse processo geralmente é usado para formar as onomatopeias.

Exemplos:

tâtã – *dor*

wewere – *borboleta*

gwagwak – *amassar*

grāgrā – *verde*

ràràr – *amarela*

tôtôk – *trovão*

tatak – *bater*

tetet – *tremar*

tâtâk – *latejar*

3.6. As classes de palavras Apinajé

A classificação das palavras em Apinajé depende fundamentalmente das funções por elas exercidas nas orações da língua.

Em Apinajé existem palavras que designam seres e fatos do mundo real ou imaginário:

a) Seres do mundo real: *ropkror, wapo, krĩrax, pixôrã, gô, gôx.*

b) Seres do mundo imaginário: *mekarõ (espírito), Kràmngêt (Bicho do pé de garrafa) Tĩrtũm (Deus), mẽmo krã (a cabeça do bicho).*

c) Fatos do mundo real ou imaginário: *ty (morrer), prõt (correr), unê (atacar), hamỳ (receber), kjênh (arrastar).*

Existem ainda, em Apinajé, palavras que não designam fatos nem seres, mas servem para estabelecer ligações entre dois ou mais termos de uma orações, determinando ou identificando outras palavras, indicando posse, **nhõ, õ, inhõ, ‘anhõ, nê, kãm, hã, pê, nhỹri.**

Exemplos:

*Na karàja prĩn par pê ty nê nõ - O veado morreu **sob um** pequizeiro*

As palavras **o(-ja) sob um(pê nê nõ)** só adquirem sentido quando estão numa oração. Partindo desses pressupostos, as palavras da língua Apinajé se distribuem nas seguintes classes gramaticais.

1. Substantivo – palavra que dá nome aos seres: *krare, rop, pixô, wapo, xore, gô, kupê, karõ, mry, ààti, par, te.*

2. Adjetivo – palavra que caracteriza os seres: *mex, omnuj, ànhre nyw, punuj, grire, grà, hakare, prék, prĩre.*

3. Verbo – palavra que indica ação, estado ou fenômeno: *gõ, gõr, gro, haxwỳ, ku, apku, inhmã prãm, inhma kaga, pyma, uma.*

Obs: **Pyma** (ter medo) é usado somente quando se refere a espíritos ou entidade do mundo imaginário; **uma** (ter medo) é usado quando se refere a pessoa, animal ou fatos do mundo real.

4 . Pronome – palavra que representa ou acompanha o substantivo, considerando-o como pessoa do discurso. A língua Apinajé, de modo geral, possui os pronomes relacionais. I- ix-, inh, e os pessoais retos *pa, ka, tãm, mẽpa, mẽka, mẽtãm*.

Na língua Apinajé há duas maneiras de indicação de posse:

a) **O pronome possessivo** é usado antes de substantivos:

Exemplos:

inhõ pixô – *minha banana.*

inhõ rop – *meu cachorro.*

inhõ krare – *meu filho.*

inhõ hagrô – *meu porco.*

Kamêr nhõ kuxê – *o arco de Kamêr.*

b) **Os substantivos** que indicam parte do corpo ou pertences feitos por alguém ou termos de parentesco, que exigem prefixo possessivo e não pronome possessivo.

Exemplo:

ixpa – *meu braço.*

apa – *seu braço.*

ijakwa naja – *minha boca.*

inhno naja – *meu olho.*

5. Numeral – palavras que indicam quantidade ou ordem dos seres. Na língua Apinajé, existem apenas três numerais, *puxi, axkryt axkrytnêpuxi*, os demais são emprestados do Português.

6. Artigo – é a palavra que acompanha o substantivo, determinando ou indeterminando-o. De modo geral, não existe artigo na língua Apinajé, mas existem duas palavras que, dependendo do contexto, assumem função de artigo indefinido **õ (um)**, quando vem depois do substantivo e **-ja (o)**, quando vem no final de palavra, junto ao radical, conforme exemplos a seguir: **rap õ py** (pegue um lápis), **gôj õ py** (pegue uma panela), **ropja** (o cachorro), **tônja** (o tatu), **tepja** (o peixe).

7. Advérbio – é a palavra que modifica um adjetivo, verbo ou o próprio advérbio, acrescentando uma circunstância, determinando um fato, ampliando a informação contida nele, como:

nhỹri (onde), **ỳ** (sim), **axte** (mais), **rax** (grande), **grire** (pequeno/ pouco), **tỳx** (grande/muito), **kamàt** (noite), **jãã** (ontem).

Axte – mais uma vez.

Exemplos: *na axte nom tãm na tẽm kêt nẽ* - mais uma vez ele não vem.

Apkahtim – amanhã.

Exemplos: *apkahtim kot paj ma krĩrax mã tẽ* - amanhã, irei à cidade.

Jahã – hoje.

Exemplos: *jarãhã na wrỳk rax kumrẽx* – hoje choveu muito

Kamàt kãm – de / à noite.

Exemplos: *kamàt kãm paj gãm gre* – à noite vou cantar no pátio..

Kwỳhtã – de manhã (cedo).

Exemplos: *na pa kwỳhtã ma gôx mã tẽ* - foi ao rio de manhã.

Amỹkru hkôt de / à tarde.

Exemplos: *amỹkry kôt paj kre* - à tarde vou plantar.

Mraati – nada.

Exemplos: *mraati inhõrkwỹ kamã mẽmoj kêt kumrẽx* – não tenho nada em casa.

Jar – aqui.

Exemplos: *jar na mex kumrẽx* - aqui é bom.

Atar – aí.

Exemplos: *jar hakrêt rẽ* - põe o lixo aí.

Mã – não (feminino).

Exemplos: *mã pa ixtẽm kêt* – não vou sair.

Nã – não (masculino).

Exemplos: *nã pa ixtẽm kêt* – não vou sair.

Kwarĩ – jamais.

Exemplos: *kwarĩ kot pa mry kêt nẽ* - jamais irei caçar.

ỳ - sim.

Exemplos: ỳ, *pa ma pur mã mỗ* – sim, vou à roça.

Kêt nẽ – não.

Exemplos: *harôj kur kêt nẽ* - não como arroz.

Xà wehe – realmente.

Exemplos: *xà wehe, tãm kot ma pur mã tẽ* - realmente, ele foi para roça.

8. Preposição – é a palavra que serve para ligar dois ou mais termos da oração: **kãm** (para), **ato**(para você), **kôt**(atrás de), **kumã**(para ele/ela), **parpê**(embaixo de), **kutã**(contra).

9. Conjunção – é a palavra que serve para relacionar duas orações ou termos semelhantes de uma mesma oração. **nẽ** (e), **nhũm** (e), **hãmri** (pois) **rỳ**(ou), **nom** (mas), **axwỳj** (e).

10. Interjeição – é a palavra que expressa sentimento ou emoção. **Nà !** (não!), **hamri !**(acabou!), **kokỳ !** (não), **ỳ !** (sim) , **mo na !** (o que !), **anhĩkrê nõ!** (fique quieto !).

3.7. Mecanismo de Flexão das palavras Apinajé

As palavras variáveis são aquelas que podem ser flexionadas. Flexionar uma palavra é mudar sua terminação para exprimir a variação de significado. Exemplos: **my** (masculino), **ni** (feminino), **tõ** (irmão), **tõx**(irmã), **tõjaja** (irmãos), **ku**(comer/presente), **krêr**(comer/passado). Portanto, essas variações são chamadas de flexão. Em Apinajé, as palavras podem apresentar flexão de **gênero, número, grau e tempo**.

3.7.1. Flexão de Gênero

Como a língua Apinajé não possui marcador de gênero, quando se quer realçar ou marcar o gênero nessa língua, usam-se, após o substantivo, as palavras **my** (masculino/macho) e **ni** (feminino/fêmea)

Segundo Faraco & Moura (1991), não se deve confundir **gênero** com **sexo**, pois a noção de gênero se aplica não só a seres providos de sexo, mas também a coisas ou seres desprovidos de sexo.

3.7.2. Palavras de gênero masculino Apinajé:

a) Seres animados (que possuem vida): **pahihti** (cacique), **gêti** (avô/velho), **tõ** (irmão), **pigêt** (velho), **pigêx** (velha).

b) Coisas: **gô rax** (rio), **rap** (lápiz), **kax**(ferro), **kawà** (cofo), **kaxkwa** (céu).

3.7.3. Palavras de Gênero feminino Apinajé:

a) Seres animados (com vida): **sisire**(menina) **pigêx** (mulher velha), **ni**(mulher), **nã**(madrinha/mãe)

b) coisas: **Kà** (pele), **krĩ** (aldeia), **krākô** (mão- de -pilão), **kuhpĩp** (esteira).

3.7.4. Flexão de Número

As palavras em Apinajé podem mudar sua terminação para indicar singular ou plural. Apresentam a flexão de número os substantivos e adjetivos

Exemplos:

môx - *môxjaja*

my - *myjaja*

mex - *mexjaja*

omnuj - *omnujaja*

Obs.: Em Apinajé existe uma partícula marcadora de número que é representada por **mẽ** prefixada ao nome. Como nos seguintes exemplos:

mẽ + pano - **mẽpano** - *nossos olhos*

mẽ + panhãm - **mẽpanhãm** - *nossos queixos*

mẽ + pahpar - **mẽpahpar** - *nossos pés*

mẽ + pa - **mẽpa** - *nós*

3.7.5. Flexão de Grau

São as mudanças efetuadas na terminação da palavra para indicar tamanho (nos substantivos) e intensidade (nos adjetivos), conforme exemplos abaixo:

kôkôjti - *macacão*

kôkôjre - *macaquinho*

mexre - *bonzinho/bonitinho*

mexti - *bonzão/bonitão*

Em Apinajé, quando o gênero do substantivo vem especificado, a flexão de grau se dá junto ao nome indicador de gênero **ni** ou **my** e não junto ao substantivo principal, como nos exemplos:

tep niti - *peixe fêmea grande*

tep nire - *peixe fêmea pequeno*
tep myti - *peixe macho grande*
tep myre - *peixe macho pequeno*

3.7.6. Flexão de Tempo

Na língua Apinajé, há três tempos verbais marcados pelas partículas **na, pre, kot/kot paj**.

a) presente: expressa um fato que ocorre no momento em que se fala:

Exemplo: **pa pixô ku** - *eu como banana*

b) Pretérito(passado): expressa um fato ocorrido num momento anterior àquele em que se fala:

Exemplo: **na pa pre ra pixô krēr** - *eu comi banana*

c) Futuro: expressa um fato que poderá ocorrer após o momento em que se fala.

Exemplo: **kot paj pixô ku** - *eu comerei banana.*

3.7.7. Flexão de Modo

É a mudança da forma para expressar as diferentes atitudes do emissor em relação ao fato que quer expressar.

Em Apinajé existem os modos indicativo, subjuntivo e imperativo.

a) Modo indicativo: a atitude do falante é de certeza, o fato é ou foi uma realidade.

Exemplo: **pa pixô ku** - *eu como banana*

b) Modo subjuntivo: é o modo da realidade subjetiva, baseado na dúvida, exprimindo uma condição ou uma possibilidade.

Exemplos:

Na ka krīrax mã mō - *que ele vá à cidade (presente).*

Kot tām we ma krīrax mã mō - *se ele fosse à cidade (pretérito imperfeito).*

Xà kamē ma krīrax mã tē - *quando ele for à cidade (futuro).*

c) Modo Imperativo: é o modo em que o emissor expressa uma ordem, conselho, convite ou pedido, ou seja, ele quer que o fato ocorra(imperativo afirmativo) ou não ocorra(imperativo negativo).

Exemplos:

*** Imperativo afirmativo:**

Exemplos:

ape - *beba tudo*
inhmã hkuxô - *descasque para mim*
kãm hkapa - *tire para ele*
arẽ - *jogue*
apẽ - *mostre*
akrẽ - *coma*
are - *deixe*

*** Imperativo Negativo:**

Nẽ ho xkôm kêt nẽ - *não beba*
Pixô krêr kêt nẽ - *não coma banana*
Hakre kêt nẽ - *não mostre*
Gàp aprôt kêt nẽ - *não corra no pátio*
Pa ja pumunh kêt nẽ - *não vejo isto*

Na língua Apinajé, a partícula negativa **kêt nẽ** vem acompanhada de **nẽ**, ocorrendo no final da frase, após o verbo, ocasionando a forma longa do verbo.

3.7.8. Flexão de Pessoa

Esse tipo de flexão permite que o verbo se relacione com as três pessoas gramaticais:

Primeira Pessoa: o emissor - **pa** (singular), **mẽpajaja** (plural)

Segunda Pessoa: o receptor - **ka** (singular), **mẽkajaja** (plural)

Terceira Pessoa: de que ou de quem se fala - **tãm**(singular), **mẽtãmjaja** (plural).

A língua Apinajé possui as chamadas pessoas exclusivas e inclusivas.

Para as primeiras pessoas, a língua Apinajé utiliza pronomes, que se classificam em exclusivas e inclusivas em relação ao ouvinte. Assim **pa** é exclusiva e **pu**, inclusiva, incluindo a pessoa com que se fala.

Exemplos:

Na pa omu – *eu o vi*
Na pu omu – *nós o vimos*

Nessa língua há duas palavras que modificam a frase, dando ideia de dualidade ou pluralidade. Portanto, **wa** indica dual e **mẽ**, plural.

Exemplos:

Na pa wa ra omu – *nós já o vimos (dual exclusivo).*

Na pa mē ra omu – *nós já o vimos (plural exclusivo).*

Na pu ra omu – *nós já o vimos (dual inclusivo).*

Na pu mē ra omu – *nós já o vimos (plural inclusivo).*

a) Desta forma, quando a palavra **pu** é usada, geralmente indica duas pessoas. Já o dual **wa** também pode ser usado com **pu**, indicando um sentido mais claro à frase. Porém ao adicionar a palavra **mē**, após o **pu**, a frase perde a dualidade e passa a ser apenas plural.

Exemplos:

Na pu wa ra omu – *nós já o vimos (dual inclusivo).*

Na pu mē ra omu – *nós já o vimos (plural inclusivo).*

b) Com substantivos, a primeira pessoa inclusiva o ouvinte é **Pa**.

Exemplos:

Pano – *nossos olhos (dual).*

Panhãm – *nossos queixos (dual).*

c) Porém, ao adicionar **mē**, a frase perde a forma de dual e passa a ser plural.

Exemplos:

Mēpano – *nossos olhos.*

Mēpanhãm – *nossos queixos.*

3.8. Substantivo

Em Apinajé, qualquer ser que existe ou imaginamos existir é classificado como substantivo, portanto: **gra** (paca), **noore** (filhote de pássaro), **krare** (criança ou filhote de animal), **sĩnre** (tatu china), **krĩ** (aldeia), **kàxpore** (dinheiro), **myt** (sol), **Tirtũm** (Deus), **mēkarõ** (alma/espírito).

3.8.1. Classificação

Em Apinajé os substantivos podem ser classificados em **próprios, comuns, concretos, abstratos, simples, compostos, primitivos e derivados.**

a) **Substantivo comum:** quando se refere a todos os seres de uma mesma espécie:

Exemplos: **my**(homem), **ni**(mulher), **myt** (sol), **mĩti** (jacaré), **priti** (sapo), **kagã**(cobra), **gõ**

(**água**), **wewere** (borboleta), **noore** (filhote de pássaro), **krare** (criança/filhote de animal).

Observação: em Apinajé a palavra **krare** é utilizada para designar criança ou filhote de animal; já a palavra **noore** é utilizada apenas para designar filhote de pássaro ou aves.

b) Substantivo próprio: é utilizado quando se refere a um único ser de uma mesma espécie. De modo geral, os substantivos próprios, em Apinajé, se referem a nomes de pessoas ou entidades mitológicas.

Exemplos: Kamêr, Kosêt, Cipó, Krã Kato, Sipãx, Tirtûm

c) Substantivo concreto: quando designa um ser de existência independente, real ou não.

Exemplos: ahtor,(jaó), gô (água), mekarô (foto), wajãga(feiticeiro), amak (ouvido), amnhô (rato) pâr(árvore), krĩ (aldeia).

d) Substantivo Abstrato: é aquele que designa ação, sensação, estado ou qualidade do ser. Como em português, os seres designados pelos substantivos abstratos, em Apinajé, possuem existência dependente de outros seres.

Exemplos: mex (beleza,), kaprĩ(tristeza), kĩnhțyx (alegria), gryk (raiva), kãm kĩnh(amor) kãm hapê (paixão)

e) Substantivo simples: é aquele formado de um só radical.

Exemplos: pixô (banana), gô (água), krã (cabeça), gwra (buriti), hagrô (porco), rop (cachorro), krĩ (aldeia).

f) Substantivo composto: é aquele formado por dois ou mais radicais.

Exemplos: gôrax (rio), krĩrax(cidade), pĩkupure(jumento), pixôrã(bananeira), kagôtykre(café)

g) Substantivo primitivo: é aquele que não se deriva de nenhuma outra palavra dentro da própria língua.

Exemplos: krĩ(aldeia), gô(água), rop(cachorro), hagrô(porco).

h) Substantivo derivado: é aquele que se deriva de outra palavra da língua.

Exemplos: krĩrax (cidade), gôrax (rio), ropkror(onça pintada), hagrôre (porco)

i) Substantivo coletivo: é o substantivo comum que, no singular, designa um conjunto de seres.

Exemplos:

Pixô xôrãhã - *cacho de banana*

tep xàpir - *cardume de peixe*

mêmojxuxê - *molho de chave*

mêohtô rax kumrêx - *multidão de pessoas*

krãhyre nore pôr rax nê - *ninhada de pintos*

môx krãptĩ - *rebanho de gado*

kagã pumunh xw`nhjaja - *turma de estudantes*

hagrô krãptĩ - *vara de porcos*

3.8.2. Flexão

Gênero: os substantivos, na língua Apinajé, podem variar em gênero, número e grau.

a) Masculino: em Apinajé pertencem ao gênero masculino as palavras que vierem acompanhadas da palavra **my** (masculino/macho), bem como os nomes próprios de pessoas, **Kamêr, Krã Hator, Amnhô, Kosêt.**

Exemplos: rop my (cahorro macho), kagã my(cobra macho) tep my (peixe macho).

b) Feminino: pertencem ao gênero feminino em Apinajé, os substantivos que vierem acompanhados da palavra **ni** (feminino/fêmea), bem como os nomes personativos.

Exemplos: rop ni (cachorra), kagã ni (cobra fêmea), karà ni(veado fêmea), hagrô ni (porca), Sisi, Cipó, Cipânx, Pãnxre

3.8.3. Número:

Com relação a flexão de número, os substantivos podem estar no singular ou plural

a) Singular: estão no singular, os substantivos que indicarem um só ser.

Exemplos: myt (sol), hagrô(porco), te (pena), par (pé), gra(paca)

b) Plural: estão no plural os substantivos que indicarem mais de um ser:

Exemplos: *ropjaja*, (*cachorros*) *mête* (*pernas*), *tepjaja* (*peixes*), *mêpano* (*meus olhos*), *mêkrarejaja* (*as criancinhas*).

3.8.4. Formação do Plural

Regra geral: o plural na língua Apinajé é feito da seguinte forma:

a) Partícula – jaja: para formação do plural dos substantivos simples em Apinajé, acrescenta-se a partícula –**jaja**, conforme exemplos seguintes: **tônjaja** (*tatus*), **xorejaja** (*raposas*), **kôkôjaja** (*macacos*), **kôptijaja** (*moscas*), **kôkânjaja** (*bordunas*).

b) Partículas pa e mẽ: A partícula **pa** é um prefixo pessoal inclusivo, para indicar o dual, conforme exemplos a seguir:

Exemplos:

pano (*nossos olhos – dual*)

pahpar (*nossos pés – dual*)

Já a partícula **mẽ** indica apenas plural, vindo prefixada ao substantivo.

Exemplos:

mêpahpar (*nossos pés – plural*)

mêpano (*nossos olhos – plural*)

3.8.5. Grau

Além do grau normal, em Apinajé, os substantivos admitem os graus aumentativos e diminutivos;

Exemplos:

grau normal: *rop* (*cachorro*)

grau aumentativo: *ropti* (*cachorrão*)

grau diminutivo: *ropre* (*cachorrinho*)

3.8.6. Formação do grau

O grau nos substantivos pode ser expresso de duas formas:

a) Forma analítica: em Apinajé são utilizadas as seguintes formas para indicar diminutivo ou aumentativo: **rax**, **tỳx** e **ti**, para aumentativo; **grire** e **re** para diminutivo.

Aumentativo analítico: **gô rax** *água grande (rio)*

Diminutivo analítico: **gô grire** *água pequena(riacho).*

b) Forma sintética: quando são utilizados os sufixos **-ti** e **-re**, para aumentativo e diminutivo:

Aumentativo sintético: **tepti** (peixão), **ropkrorti** (onçona).

Diminutivo sintético: **tepre** (peixinho), **ropkrore** (oncinha).

3.8.7. Adjetivo

É a palavra variável que expressa característica, qualidade, aparência ou estado dos seres. Portanto está sempre relacionado a um substantivo.

Exemplos:

jakry - (*frio*)

gô jakry - (*água fria*)

mex - (*bonito / bom*)

ni mex - (*mulher bonita*)

omnuj - (*ruim / feio*)

my omnuj - (*homem feio*)

grà - (*seco*)

mry grà - (*carne seca*)

Observação:

Em Apinajé, os adjetivos simples vêm sempre pospostos ao substantivo, conforme exemplos acima.

3.8.8. Locução Adjetiva

Em Apinajé, existem expressões que equivalem a adjetivo(genitivo), termos que dão ideia de posse. Assim, as locuções adjetivas se apresentam na ordem indireta, conforme exemplos abaixo:

môx krã - *de boi cabeça (cabeça de boi/vaca)*

kwÿr par - *mandioca pé (pé de mandioca)*

mãti te - *de ema perna(perna de ema)*

8.3.9. Classificação do Adjetivo

Na língua Apinajé, o adjetivo pode ser classificado em **primitivo, derivado e simples**.

a) Adjetivo primitivo: é aquele que não se deriva de outra palavra da língua.

Exemplos: *jakry* (frio), *mex* (bonito/bom), *omnuj* (feio/ruim), *grà* (seco), *hi* (magro), *karo* (frouxo), *kaxà* (podre).

b) Adjetivo derivado: é aquele que se deriva de um substantivo, de um verbo ou adjetivo:

Exemplos:

hitỳx (*forte*)

mexre (*bonitinho/bonzinho*)

mexti (*bonitão/bonzão*)

twỳm rax (*gorduroso*)

kuxware (*cheiroso*)

àne (*doente*)

kamã mry twỳm rax (*oleoso*)

nokre (*cego*)

c) Adjetivo simples: é aquele formado por um só elemento.

Exemplos:

nyw (*novo*)

grãgrã (*verde*)

prĩre (*baixo*)

rerek (*mole*)

grire (*pequeno*)

3.8.10. Flexão

O adjetivo pode variar em **gênero, número e grau**:

a) Gênero

Quanto ao gênero, em Apinajé, os adjetivos podem ser classificados em uniformes.

Exemplos:

omnuj (*feio/a*)

mex (*bonito/a*)

jakry (*frio/a*)

Formação do masculino: em Apinajé a formação do adjetivo masculino se dá do mesmo modo que os substantivos, através da partícula **my** (masculino), como nos exemplos seguintes: **rop my mex** (cachorro bonito), **kôkôj ni omnuj** (macaca feia).

Formação do feminino: a formação do adjetivo feminino se dá da mesma forma que o masculino, acrescentando-se a partícula **ni** (feminino).

Exemplos: *rop ni omnuj (cachorra feia).*

b) Número: na língua Apinajé, o adjetivo simples fica no singular ou plural, concordando com o substantivo ao qual se refere. Nesse caso é o adjetivo que recebe o sufixo de plural – **jaja**.

Exemplos:

ni mex (*mulher bonita*)

ni mexjaja (*mulheres bonitas*)

my omnuj (*homem feio*)

my omnujaja (*homens feios*)

c) Grau: A qualidade expressa pelo adjetivo pode variar em intensidade, segundo Savioli (1990), ao expressar essa variação, o falante pode colocar o adjetivo no grau comparativo ou superlativo.

Grau comparativo: resulta da comparação de duas qualidades do mesmo ser:

Exemplos:

Kamêr na twým (*Kamêr é gordo*)

Kamêr na tũmre (*Kamêr é esperto*)

Assim, o adjetivo apresenta as seguintes categorias de grau.

Grau comparativo: designa a intensidade maior ou menor com que uma qualidade ocorre em um dos elementos postos em confronto. Subdivide-se em:

a) Comparativo de igualdade:

Ni na pigêx tÿx o kot mjên mē wa o axpênh pyràk

A mulher é tão velha quanto o marido.

b) Comparativo de superioridade:

Ni na pigêx tÿx o kot mjên jakrenh

A mulher é mais velha do que o marido

c) Comparativo de inferioridades:

Ni na kawaxpê pigêx o kot mjên jakrenh

A mulher é menos velha do que o marido

Grau Superlativo: designa que uma qualidade é atribuída em grau intenso a um substantivo.

Superlativo absoluto: quando a qualidade é intensificada sem comparação explícita com outros seres e pode ser formado pelos processos: **sintético e analítico**

Exemplos:

kuwênh na ki muxre

O pássaro é lindíssimo

kuwênh na mex tỳx kumrêx

O pássaro é muito lindo

a) Sintético: formado através da partícula **ki** antes do adjetivo, que vem, na maioria das vezes, acompanhado do sufixo **-re**.

Exemplos:

ki mexre (*belíssimo*)

ki prêk (*altíssimo*)

ki hakare (*branquíssimo*)

ki tũmre (*espertíssimo*)

ki rax (*grandíssimo*)

ki prĩ (*baixíssimo*)

ki omnuj (*feíssimo*)

ki prêk (*altíssimo*)

b) Analítico: é usado através do advérbio de intensidade **tỳx** ou **rax**, posposto ao adjetivo ou ao advérbio. O advérbio **rax** é usado quando se refere a pessoa, coisa ou animal, ou seja, vem sempre ao lado de um substantivo; já **tỳx** vem sempre ao lado de um adjetivo ou advérbio, conforme exemplos a seguir:

mry rax (*caça grande*)

krĩ rax (*aldeia grande - cidade*)

ni rax (*mulher grande*)

twỳm rax (*muito gordo*)

mex tỳx (*muito bem*)

nyw tỳx (*muito novo*)
ành tỳx (*muito doce*)
kry tỳx (*muito frio*)
ahkagro tỳx (*muito quente*)
twỳm rax (*muito gordo*)

3.11. Artigo

É a palavra que serve para determinar ou indeterminar o substantivo.

Na língua Apinajé, existem duas palavras que podem exercer a função de artigo.

a) Artigo definido: **-ja** exerce função de artigo definido quando vier após o radical da palavra.

Exemplos:

Ropja (*o cahcorro*)
Tônja (*o tatu*)
Myja na apkur o nhỹ (*o homem está comendo sentado*)

b) Artigo indefinido: em Apinajé, **õ** em certos contextos, assume a função de artigo indefinido, conforme exemplos a seguir:

Exemplos:

rap õ py (*pegue um lápis*)
gôj õ py (*pegue uma panela*)

3.12. Numeral

É a palavra que quantifica numericamente os seres ou ainda indica a ordem que os mesmos ocupam numa série.

Na língua Apinajé, existem apenas três numerais. A partir do número quatro, são usados empréstimos do português, adaptados fonologicamente à língua Apinajé, como podemos observar a seguir. O numeral, na língua Apinajé, pode ser classificado em:

a) cardinal: indica a quantidade determinada de seres.

pyxi (*um*)
axkryt (*dois*)
axkrynēpti (*três*)
kwat (*quatro*)

sĩk (*cinco*)

sês (*seis*)

oijt (*oito*)

ōjê (*onze*)

b) Ordinal: indica a ordem dos seres numa determinada sequência:

wamnê (*primeiro*)

kôt hõ (*segundo*)

kôt hapu (*terceiro*)

c) Numeral fracionário: indica uma fração ou divisão.

kôt ã hipô/hipôkri (*meio*)

kokjêr o pyxi (*terço*)

kokjêr o axkryt (*quarto*)

kokjêr o axkryt nêpxi (*quinto*)

kokjêr o axkrytnêpxi o axkryt (*sexto*)

d) Numeral multiplicativo: indica multiplicação.

apo (*duplo*)

axkryt nê apo (*dobro*)

axkryt nêpxi nê kôt axkryt nêpxi kêp axkryt (*triplo*)

3.13. Pronome

É a palavra que representa ou se refere ao ser, indicando-o como pessoa do discurso. Na língua Apinajé, os pronomes se classificam em: **pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos e interrogativos:**

Ao falarmos em pessoas do discurso, referimo-nos a uma das três pessoas gramaticais que podem ocorrer num ato de fala (ou discurso).

a) Primeira pessoa: aquela que se refere à pessoa que fala: *pa, ix, inhmã, inhõ* (*eu, me, mim, comigo*)

Exemplo: *pa apku* (*eu como*)

b) Segunda pessoa: aquela com quem se fala: *ka* (*teu, te, te, contigo*)

Exemplo: ka apku (*tu comes*)

c) **Terceira pessoa:** aquela que se fala refere à pessoa de quem se fala (ele, ela, se, lhe) tãm, htãm, nēj, anhõ

Exemplo: Kamē apku (*ele come*)

3.14. Subdivisão dos pronomes pessoais Apinajé:

a) **do caso reto:** são aqueles que, numa oração, exercem função de sujeito.

Exemplo: pa tē (*eu ando*)

b) **do caso oblíquo:** são aqueles que, na oração, exercem a função de complementos.

Exemplo: nē inhmã inhõ kawà gõ. (*dê-me o cofo*)

Pronomes pessoais retos:

		Pronomes retos
singular	1 ^a pessoa 2 ^a pessoa 3 ^a pessoa	Pa : eu Ka : tu htãm : ele/ela
plural	1 ^a pessoa 2 ^a pessoa 3 ^a pessoa	mēhpajaja : nós mēkajaja : vós mēhtmājaja : eles/elas

Pronomes Oblíquos Átonos Apinajé

		Pronomes Oblíquos
singular	1 ^a pessoa 2 ^a pessoa 3 ^a pessoa	inhmã(me/mim) ixkamã (comigo) ka(te/ti), akamã (contigo) hatãm (se/si,), akamã (consigo), hatãm (ele/ela), ka(lhe), hatãm (o/a)
plural	1 ^a pessoa 2 ^a pessoa 3 ^a pessoa	mẽpajaja (nós/nos), mẽpakôt (conosco) mẽhtãjaja (vós/vos), mẽhkajaja (convosco) hatãm (se/si), nēj mẽ (lhes), mẽhtãmjaja (os/as), akamã(consigo), mẽhtãmja (eles/elas)

3.15. Pronomes Possessivos Apinajé

Em Apinajé, os pronomes possessivos, em princípio, indicam a que pessoa do discurso pertence o elemento ao qual se refere.

a) primeira pessoa do singular: *inhõ (meu), inhmã (minha), inhõja/inhmã najaja (meus minhas)*

b) Segunda pessoa do singular: *anhõ (teu), amã (tua), anhõja, amã najaja (teus, tuas)*

c) Segunda pessoa do singular: *anhõ (seu, sua), amã (seus, suas)*

d) Primeira pessoa do plural: *panhõ (nosso), mẽpanhõ (nossa), panhõja (nossos), mẽõjaja (nossas)*

e) Segunda pessoa do plural: *mẽõ (vosso), mẽpamã (vossa), mẽõja (vossos), mẽõjaja (vossas).*

f) Terceira pessoa do plural: *anhõja (seu), amãja (sua), anhõja (seus), amãjaja (suas)*

- ã – dele / dela. Exemplo: ã pixô – a banana dele / dela.
- Inhõ – meu / minha. Exemplo: inhõ rop – meu cachorro.
- Anhõ – seu / sua. Exemplo: anhõ mjên – seu marido.
- Kosêt nhõ – de Kosêt. Exemplo: Kosêt nhõ kagà – o livro de Kosêt.
- Mẽatõ nhõ kagà najaja – de quem (plural) é este livro?

3.16. Pronomes demonstrativos

São aqueles que indicam o local ou a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso.

	Pronomes Demonstrativos
1ª pessoa	Ja (este/esta) jaja (estes/estas), ja (isto)
2ª pessoa	Ja (esse/essa) jaja (estes/estas), ja (isso)
3ª pessoa	mũj(aquele), nēj(aquela), mũjaja(aqueles), nējaja(aquelas), mũj (aquilo)

3.17. Emprego dos pronomes demonstrativos Apinajé

Os pronomes demonstrativos **este, esta, isto** indicam que o ser está perto do falante:

Exemplos:

myja - *este homem*

krīja - *esta aldeia*

mũj - *isto aí*

Esse, essa, isso: indicam que o ser está perto do ouvinte.

Exemplos:

krāmēnhja - *esse machado*

hikreja - *essa casa*

mũjja - *isso aí*

Os pronomes demonstrativos **aquele, aquela, aquilo** indicam que o ser está afastado do falante e do ouvinte, conforme exemplos a seguir:

Exemplos:

příre mũj - *aquele menino*

ni mũj - *aquela menina*

mũtar - *aquilo lá*

Observação: o pronome demonstrativo **ta** é usado para indicar que a posição do ser está afastada do falante e do ouvinte, em relação ao passado remoto e ao espaço.

Exemplos:

kôkôjta - *aquele macaco (antigo que está longe)*

môxta - *aquele boi/vaca*
kupêta - *aquele não-indígena*

3.18. Pronomes indefinidos Apinajé:

São os pronomes que se referem à terceira pessoa do discurso, apontando-a de modo vago ou expressando quantidade indeterminada.

Pronomes Indefinidos Apinajé
<i>mêhōj</i> (alguém), <i>mrakati</i> (ninguém), <i>piitã</i> (tudo), <i>hō</i> (outro), <i>hkwỳ</i> (outro/outra), <i>hkwỳj</i> (outros/outras), <i>hpỹnh</i> (cada), <i>mraati</i> (nada/algum), <i>amrakati</i> (alguns/algumas) <i>mrakati</i> (alguma), <i>nenhuns</i> , <i>mrakati</i> (nenhuma), <i>amrakati</i> (nenhumas), <i>piitã</i> (tudo) <i>mēpiitã</i> (todos), <i>piitã</i> (toda), <i>mēpiitã</i> (todas), <i>mē hō</i> (outros/outras), <i>hō</i> (outra), <i>ohtô</i> (muito/muita), <i>mē ohtô</i> (muitos/muitas), <i>kôt</i> (certo/certa), <i>kôtjaja</i> (certos/certas), <i>grire</i> (pouco/pouca), <i>ãm grire</i> (poucos/poucas), <i>mē ohtô</i> (vários/várias), <i>piitã</i> (tanto/tanta), <i>mēpiitã</i> (tantos/tantas) <i>tanhmã</i> (quanto/quanta), <i>tanhmã na kutē</i> (quantos/quantas).

Observação: pronome indefinido **ō** (outro) é usado após o substantivo.

par ō – *outro pé*
ropkror ō – *outra onça*
tôn ō – *outro tatu*

3.19. Pronomes Interrogativos Apinajé

São pronomes interrogativos **que, o que, quem, qual, quais, quanto, quantos, quanta, e quantas**, usados na formulação de perguntas.

Exemplos:

Měmoj na mrō? - *O que caiu na água?*
Mo arĩgro hã ? - *Que dia ?*
Mêhō na xore pĩ? - *Quem matou a raposa?*
Mêhō na tē ? - *Quem veio aqui ?*
Tanhmã na anhĩxi te? - *Qual seu nome ?*
Tanhmã tep ho ? - *Quantos peixes ?*
Tanhmã na hikre kute ? - *Quantas casas ?*

Obs.: O pronome interrogativo *mêhō* é usado com referência a pessoa e o pronome *měmoj* é usado com referência a coisa ou animal.

3.20. Verbo

É a palavra que exprime ação, estado ou fenômeno da natureza.

Exemplos: *gõ (dar), gõr (dormir), na wrý (chover), katõtõtök (trovejar), haxênh (relampejar), kôk apêr (ventar), kîñ (alegrar), anîkro (amanhecer), mra (andar), harê (arrancar), kapêr (falar), kãm kry (estar com frio), kãm kagà (estar com preguiça).*

Segundo Albuquerque (2004), os verbos em Apinajé ocorrem sempre no final de frases, seguidos por uma partícula de tempo e não podem ocorrer com os sufixos **-ti** e **-re**.

Ham (1979) afirma que os verbos em Apinajé apresentam duas formas: uma longa que ocorre quando o verbo é seguido por outras palavras na mesma frase; e na forma curta, o verbo sempre aparece no final da frase.

3.21. Flexão verbal

Em Apinajé, o verbo apresenta as seguintes flexões: **número, pessoa, tempo, modo e voz**. Graças a esses aspectos, uma forma verbal pode trazer, em si, diversas informações. Assim em: **mêhpajaja ra mra**, indica:

- a) ação de andar
- b) a pessoa gramatical que pratica a ação - **mêhpajaja (nós)**
- c) o número gramatical (plural)
- d) o tempo em que tal ação corre (passado/pretérito)
- e) o modo como é realizada a ação (um fato que ocorreu realmente no passado -indicativo).
- f) o sujeito que pratica a ação (voz ativa).

Desta forma, constatamos que, em Apinajé, o verbo se flexiona em **número, pessoa, tempo, modo e voz**.

a) Número: o verbo em Apinajé admite a flexão de número e pessoa, embora a flexão ocorra através dos prefixos relacionais, sufixos e das palavras indicadoras de tempo ou pela mudança do radical do verbo.

Exemplos:

pa ra apku - eu comi – singular

mêhpajaja ra kuku - nós comemos – plural

b) Pessoa

As pessoas verbais servem de sujeito ao verbo e se classificam em três, sendo singular e plural:

1) **Primeira pessoa:** aquela que fala.

a) **do singular:** corresponde ao pronome pessoal: **pa** - eu

Exemplo:

pa tẽ - *eu ando*

b) **do plural:** corresponde ao pronome pessoal: **mẽhpajaja** - nós

Exemplo:

mẽhpajaja mra - *nós andamos*

2) **Segunda pessoa:** aquela que ouve:

a) **do singular:** corresponde ao pronome pessoal: **ka** - tu

Exemplo: **ka tẽ** - *tu andas*

b) **do plural:** corresponde ao pronome pessoal: **mẽhtãmjaja** - vós

Exemplos:

mẽhtãmjaja mra - *vós andais*

3) **Terceira pessoa:** aquela de que se fala.

a) **do singular:** corresponde aos pronomes: **htãm/něj** - *ele/ela*;

Exemplo:

Htãm/něj tẽ - *ele/ela anda*

b) **do plural:** corresponde aos pronomes pessoais: **htãmja/nėja** - *eles/elas*

Exemplos:

htãmja/něj mra *eles/elas andam*

c) Modo

É a propriedade que possui o verbo de indicar a atitude do falante em relação ao ouvinte. De modo geral, em Apinajé, há três modos: indicativo, subjuntivo e imperativo.

a) **indicativo:** expressa uma atitude de certeza em relação ao fato.

Exemplos:

Pa apku - *eu como(presente)*

Kot pa apku - *eu comerei(futuro)*

Na pa pre ra apku - *eu comi (passado)*

b) **subjuntivo:** exprime um fato possível, hipotético ou duvidoso. Assim, a localização expressa pelos tempos do subjuntivo é menos nítida que a dos tempos do indicativo.

Exemplos:

Krī rax mā - *que eu vá à cidade (presente)*

Kot pa we ma krī rax mā mō - *se eu fosse à cidade(pretérito imperfeito)*

Xà pa ma krī rax mā tē - *quando eu for à cidade (futuro)*

c) **imperativo:** O fato é anunciado, expressando uma ordem, um pedido ou um conselho.

Exemplos:

Apē - *Mostre*

Are - *Deixe*

Akrē - *Coma*

Aprōt - *Corra*

Ropkro pīr kêt nē - *Não mate a onça*

Ahkre kêt nē - *Não mostre*

Pixô krēr kêt nē - *Não coma a banana*

Nas formas imperativas de 3ª pessoa do singular, a preposição **mā** faz parte do radical do pronome de 3ª pessoa **ka / kām**, e o verbo que está no imperativo é usado com a consoante glotal.

Exemplos:

Kām hkuxô – *descasque para ele / ela.*

Kām hkapa – *tire para ele / ela.*

Kām hkay – *costure para ele / ela.*

Kêp hkapa – *tirei dele / dela.*

Kêp hkapī – *em torno dele / dela.*

d) Tempo

É a característica que tem o verbo de localizar o fato ocorrido no tempo, em relação ao mo-

mento em que se fala. Em Apinajé os três tempos básicos são: **presente, passado, futuro.**

a) Presente: a ação ocorre no momento em que se fala:

Exemplo: *pa pixô krē - eu como banana*

b) Passado: a ação ocorreu num momento anterior àquele em que se fala:

Exemplo: *na pa pre ra pixô krē - eu comi banana*

c) Futuro: a ação poderá ocorrer depois do momento em que se fala.

Exemplo: *kot paj pixô krē - eu comerei banana*

3.22. Formas Nominais do verbo

Há em Apinajé três formas nominais do verbo que não expressam exatamente o tempo em que se dá a ação expressa.

a) Infinitivo: corresponde ao nome do verbo: *kapēr* (falar), *kapĩ* (derramar), *kapi* (escolher).

b) Gerúndio: Em Apinajé, o gerúndio corresponde às formas longas do verbo que, geralmente, apresentam a terminação **nh**: *rēnh* (remando), *hanēnh* (apertando), *pumunh* (vendo), *rēnh* (cortando) *kuranh* (batendo), *kapōnh* (varrendo) *axàr* (entrando).

c) Particípio: corresponde ao nome adjetivo: *tỳ* (morto), *kapēr* (falado), *gôrē* (remado), *mēõ* (comido), *mur* (chorado), *kaxpre* (amarrado), *mēgjêxà* (entrado), *krãhta* (cortado), *hanê* (apertado).

3.23. Voz do Verbo

Na língua Apinajé, o verbo se distribui em três vozes:

a) Voz ativa: quando o sujeito é agente, isto é, ele realiza a ação verbal.

Exemplos:

mryxwỳnh na karà pĩ - o caçador matou o veado

Na ropkror xore pĩ - a onça matou a raposa

Mryxwỳnh na ropkrorjê pĩ - o caçador matou as onças

Ropkrorjaja na xorejê nhĩmex - as onças mataram as raposas.

b) **Voz passiva:** quando o sujeito sofre a ação expressa pelo verbo. O sujeito é paciente.

Exemplos:

Karà na ty mryxwýnh na kupĩ - o veado foi morto pelo caçador

Xore na ty ropkror na kupĩ - a raposa foi morta pela onça

c) **Voz reflexiva:** quando o sujeito é agente e paciente, ou seja, ele pratica e recebe a ação verbal.

Exemplos:

Kamêr na mêmô kakjê - Kamêr se feriu

Kunũm na amnhĩ kyx - Kunũm se feriu

Kamêr na amhĩ kyx - Kamêr se cortou

3.24. Modelo da Conjugação verbal em Apinajé

Andar - Presente Modo indicativo	Andar – Passado Modo Indicativo	Andar – Futuro Modo Indicativo
pa tẽ ka tẽ htãm/ nẽj tẽ mẽhpajaja mra mẽhtãmjaja mra htãmja/nẽja mra	pa ra tẽ ka ra tẽ htãm/ nẽj ra tẽ mẽhpajaja ra mra mẽhtãmjaja ra mra htãmja/nẽja ra mra	kot paj tẽ kot kaj tẽ kot htãm/ nẽj tẽ kot mẽhpajaja mra kot mẽhtãmjaja mra kot htãmja/nẽja mra
Comer – presente Modo indicativo	Comer – Passado Modo Indicativo	Comer – Futuro Modo Indicativo
pa apku ka apku htãm/ nẽj ku mẽhpajaja kuku mẽhtãmjaja kuku htãmja/nẽja kuku	pa ra apku ka ra apku htãm/ nẽj ra kuku mẽhpajaja ra kuku mẽhtãmjaja ra kuku htãmja/nẽja ra kuku	kot paj kukrẽ kot kaj ra akrẽ kot htãm/ nẽj krẽ kot mẽhpajaja kukrẽ kot mẽhtãmjaja ra kukrẽ kot htãmja/nẽja ra kukrẽ
Sair – presente Modo indicativo	Sair – Passado Modo Indicativo	Sair – Futuro Modo Indicativo
pa ixkato ka akato htãm/ nẽj kato mẽhpajaja kato mẽhtãmjaja kato htãmja/nẽja kato	pa ra ixkato ka ra akato htãm/ nẽj ra kato mẽhpajaja ra hijapôj mẽhtãmjaja ra hapôj htãmja/nẽja ra hapôj	kot paj ixkato kot kaj akato kot htãm/ nẽj kato kot mẽhpajaja hijapôj kot mẽhtãmjaja hapôj kot htãmja/nẽja hapôj

3.25. Advérbio Apinajé

É a palavra que modifica um *verbo*, *adjetivo* ou outro *advérbio*.

a) Advérbio modificando um verbo:

Exemplos:

jãã na pa gõr - *eu dormi ontem*

inhõx rax nẽ - *eu dormi muito*

b) Advérbio modificando adjetivo:

Exemplos:

kamàt hô rax - *noite muito escura*

arĩgro kagro rax - *dia muito quente*

gô hakry rax - *água muito fria*

c) Advérbio modificando advérbio:

Exemplos:

my kapẽr mex kumrẽx - *o homem falava muito bem*

kuwênh kàr mex kumrẽx - *o pássaro cantava muito bonito*

3.26. Classificação dos Advérbios Apinajé

Os advérbios são classificados de acordo com a circunstância que expressam.

Circunstância	Advérbio
De afirmação	ỳ, hāmri, mex kumrēx
De dúvida	konēn, apu, koparĩ, mamrĩ
De intensidade	axte, rax, tỳx, mex kumrēx, mex tỳx, rax kumrēx, grire
De lugar	parpê, mỳri, hatar, hatari, jarí, nēj, muj, krekamã, kapôt, mutar, tâhã, awrỳ, pum, kukamã, kurĩm, kumē, nhỹri,
De modo	ã, omnuj, kot anhyr, amnhĩ prêprêk, amnhĩm aprĩ, mex, kĩnh tỳx.
De negação	kokỹ, konēn, kwarĩ
De tempo	kuj, hāmri, jãã, jarãhã, apkatim, kormã, kukamã, apunhã, kwrỹhtã, omỹkry, kamã, kamàt, arĩgro, na ra anē, anhyrmã, ohatuj, koparĩk

3.27. Advérbio Interrogativo

Em Apinajé, há advérbios que são usados nas interrogativas. São chamados advérbios interrogativos de **causa, lugar, modo e tempo**:

a) **Causa: pērapu?** Por quê?

Exemplos:

pērapu pur ma amōr kêt ? - *Por que não foi à roça ?*

pērapu na ka ma tē ? - *Por que você saiu?*

b) **Lugar: nhỹrĩ ?** - Onde?;

Nhỹhỹm? - Para onde? / De onde?

Exemplos:

nhỹrĩ na ka gōr? - *Onde você dormiu?*

nhỹrĩ na anhõr kwỹ? - *Onde é sua casa?*

nhỹrĩ na ka hte apa? - *Onde você mora?*

c) Modo: tanhmã ? - Como ?

Exemplos:

tanhmã na ka amnhĩta nẽ akato? - *Como você saiu?*

tanhmã na ka? - *Como você está?*

d) Tempo: nhỹrmã ? - quando ?

nhỹrmã na ka pøj ? - *quando você chegou*

nhỹrmã htãm pøj? - *quando ele chegou?*

nhỹrmã kotja htãm mõ - *quando ele virá*

3.28. Expressões Adverbiais Apinajé

Axte – mais uma vez.

Exemplos: Axte inhmã ho pyxire nẽ hipêx - *faça mais uma vez para mim.*

Apkahtim – amanhã.

Exemplos: Apakahti pa rĩ ma tẽ - *vou só amanhã.*

Jarãhã – hoje.

Exemplos: Varãhã kot pai ma mrum tẽ - *hoje vou para caçada.*

Kamàt kãm – de / à noite.

Exemplos: Kojã kamàt pa rĩ gõr - *só vou dormir à noite.*

Kwỹhtã – de manhã (cedo).

Exemplos: Kojã kwỹhtã pa apku - *comerei de manhã bem cedo*

Amỹkru hkõt de / à tarde.

Exemplos: Amykry kôt pa rĩ gre - *cantarei só à tarde*

Mraati – nada.

Exemplos: Mraati te kot anhỹr tãã – *nada me interessa*

Jar – aqui.

Exemplos: Jar na nõ? - *Está aqui?*

Atar – aí.

Exemplos: atar hakrêr rē - *põe o lixo aí*

Mã – não (feminino).

Exemplos: Mã kwarĩ ja na omnuj – *não, este é muito ruim*

Nã – não (masculino).

Exemplos: Nã pa ixtēm kêt – *não vou sair*

Kwarĩ – jamais.

Exemplos: Kwarĩ kot pa mry kêt nē - *Jamais irei caçar*

ỳ - sim.

Exemplos: ỳ, na pa ixprõt. – *Sim, eu corri*

Kêt nē – não.

Exemplos: Harôj kur kêt nē – *Eu não como arroz*

Xà wehe – realmente.

Exemplos: Xà wehe, tãm kot ma pur mã tē - *realmente, ele vai para roça.*

Observação: Na língua Apinajé, a partícula enfática **nē** só é usada no final de frase, após o advérbio de negação **kêt** ou do advérbio de intensidade **tỳx**.

3.29. Graus do Advérbio

O advérbio, assim, como o adjetivo, não é flexionado no grau comparativo. Para indicar esse grau, utilizam-se as formas: **prĩ nẽ te**(tão... quanto), **prĩ nẽ pa**(mais... que), **ki prĩ nẽ pa** (menos... que)

1) O grau comparativo:

a) de igualdade:

Exemplo:

My na amnhĩm prĩ nẽ tẽ te kot rop pa pyræk - *O homem anda tão devagar quanto o cachorro.*

Tãm na ãm roxo kot hipêxà jakrem – *Ele é tão grande quanto o pai.*

b) de superioridade:

Exemplo:

My na amnhĩm prĩ nẽ pa ho rop jakre - *O homem anda mais devagar do que o cachorro.*

Pẽgireja na ãm htũm tỳx o kot ajakrem - *Este menino é mais esperto do que você*

c) de inferioridade:

Exemplo:

My na ki amnhĩm prĩ nẽ pa ho rop jakre - *O homem anda menos devagar que o cachorro.*

Màxỳreja na ãm htũm kanre - *Esta menina é menos esperta do que você.*

2) Grau Superlativo: o grau superlativo de classifica em:

a) absoluto sintético: o grau do absoluto sintético em Apinajé é realizado através da partícula **ki**, antes do advérbio.

Exemplos:

ki jawỳỳ - (*pertíssimo*)

ki awry - (*longíssimo*)

ki otôô - (*muitíssimo*)

ki axkamẽ - (*juntíssimo*)

b) absoluto analítico: o advérbio aparece modificado por outro advérbio que, normalmente, é usado com o auxílio do advérbio de intensidade **tỳx**.

Exemplos:

prêk tỳx - (*muito alto*)

awry tỳx - (*muito longe*)

mex tỳx - (*muito bonito*)

rax tỳx - (*muito grande*)

prĩre tỳx - (*muito baixo*)

kĩn tỳx - (*muito feliz*)

3.30. Preposição

É uma palavra invariável que relaciona dois termos. Assim, um termo completa ou explicita o sentido do outro.

Para Ham (1979), em Apinajé existem três preposições **hã**, **kãm**, **pê**, com sentido de **sobre** e **em**, significando elevação física ou lugar. Equivalente a **acima de**; ocorre após o substantivo ao qual se refere.

a) **hã** – sobre

Exemplos:

pĩ hpo hã – *sobre a cadeira.*

mêsti hã – *sobre a mesa.*

b) **Kãm** – sobre / em

Exemplos:

kuhpĩp kãm – *sobre a esteira.*

Par kãm- *na cama.*

c) **Pê** – sobre / em

Exemplos:

pykapê – *no chão.*

gàpê – *no pátio.*

Para a autora (idem), a preposição **kamã**, que significa *dentro*, é uma palavra relacional, que geralmente vem após o substantivo.

Exemplos: *kawà kamã – dentro do cesto.*

A preposição **kamã** também pode ocorrer da seguinte forma:

a) Entre o sujeito e o objeto:

Exemplos:

Na pa kawà kamã pixôjê pumu – *Eu vi bananas dentro do cofo.*

Na pa kawà kamã mry pumu. – *Eu vi carne dentro do cofo.*

b) Entre o objeto e o verbo:

Exemplos: *na pa pixôjê kawà kamã omu – eu vi bananas dentro do cofo.*

c) Iniciar sentença enfática:

Exemplos: *kawà kamã na pa pixôjê pumu – no cofo, eu vi bananas.*

As preposições, na língua apinajé, são classificadas em **essenciais e acidentais**:

a) **Essenciais:** são as palavras que sempre funcionam como preposição. São elas:

Exemplos: *hpãnhã (após), ato/kôt (com), kamã (por), parpê (sobre), hapunhã (atrás), mẽmo arĩgro hã (até) kutã (contra), ja (desde), axà (entre), mẽ kutã (perante), amarkati (sem), mỳri (sobre).*

b) **Acidentais:** são as palavras que, embora pertençam a outras classes gramaticais, podem exercer o papel de preposição.

Exemplos: *Utà/ apytà (salvo) kota anhỹr kêt nhỹm (senão), omu (visto) kapôt ã/ akato (fora)*

3.31. Locuções prepositivas

São chamadas de locuções prepositivas duas ou mais palavras que exercem o valor de uma preposição. *Parpê na (abaixo de), mỳri na (acima de), na kamã ixprãm nẽ/ na kãm aprãm nẽ (a fim de), hapur na/jarũm pum na (atrás de), hikô hã na (junto de) kapem na (em frente de), mỳri, nom kurũm awry hã na (em cima de, longe de), kôt kuhê pa (de acordo com), kot ãnhỹr já mỳrapê na (por causa de).*

3.32. Conjunção

É a palavra invariável que liga duas orações ou termos semelhantes de uma mesma oração.

Na língua Apinajé existem poucas conjunções, mas a conjunção **nhũm** exerce várias funções nessa língua. Assim, Waller (1976) afirma que a conjunção **nhũm** apresenta estreita vinculação com as categorias informacionais no nível de discurso e ocorre em diversos ambientes discursivos em função diametralmente oposta.

3.33. Classificação das conjunções Apinajé

Os autores Faraco & Moura (1991), Savioli (1990), André (1990), Nicola & Infante (1991) e Sacconi (1991) consideram dois processos básicos de construção de frase: **a coordenação e a subordinação**.

A coordenação: é o tipo de construção em que os termos se ordenam numa mesma sequência. Na coordenação, cada termo tem valor por si, não dependendo, pois, de outro termo. Daí ser chamada de **coordenada ou independente**.

Na língua Apinajé, há duas conjunções coordenativas aditivas **nẽ** e **nhũm**.

a) A conjunção **nẽ** é usada quando o sujeito é o mesmo nas duas orações ou em sequências de palavras.

Exemplos:

Na pa omu nẽ haprô - *Eu o vi e comprei*

Panhĩ nẽ kupẽ - *Índio e não indígena*

Rop nẽ xore - *Cachorro e raposa*

b) A conjunção **nhũm** é usada quando os sujeitos das orações forem diferentes.

Exemplos:

Na pa omu nhũm prõt - *Eu o vi e ele correu*

Na pa ma tẽ nhũm ty - *Eu fui embora e ele morreu*

3.34. Conjunções Coordenativas:

a) **Aditivas:** estabelecem uma relação de soma: **nẽ, nhũm**

Exemplos:

Kagà pumu nẽ apê – *estudo e trabalho*

Na my harẽ nhũm ni gre – *o homem canta e a mulher dança*

b) **Alternativas:** estabelecem uma relação de alternância entre dois termos ou duas orações. São elas: **rỳ, xê, nhũm, ku, tokyx, arẽ**

Exemplos:

Kotja wrỳ kotja apê - *ora chove ora venta*

Kagà pumu rỳ apê - *ou estuda ou trabalha*

c) Adversativas: estabelecem uma relação de oposição entre dois termos ou duas orações. São elas: **nom, nhũm**

Exemplos :

Na te apê nom ôt kêt nê - *Ele trabalha, mas não dorme*

Tãm na mrym tẽ, nom na mẽmoj pĩr kêt nê - *ele foi caçar, mas não matou nada*

d) Explicativas: estabelecem uma relação de explicação. A segunda oração explica ou justifica a ideia expressa num período. São elas: **pêrapu, hãmri, nhũm.**

Exemplos:

Na pahi ijano pa gà hpê ixkato – *Saia do pátio porque o cacique mandou*

Ma ixkre wỳr tẽ, no na ka ra akàkagro – *vá para casa porque você está com febre*

e) Conclusivas: estabelecem uma relação de conclusão ou consequência entre dois termos ou duas orações.

Exemplos:

Tãm na ma mrym tẽ, nê ãm mry nhĩmex rax kumrêx – *ele foi caçar, pois matou muitas caças.*

Tãm na pur mã tẽ, nê pãy ho mõi rax kumrêx – *ele foi para roça, pois trouxe muito milho*

3.35. Conjunções Subordinativas

As conjunções subordinativas ligam orações dependentes, ou seja, subordinam uma à outra. Podem ser classificadas em: **causais, comparativas, condicionais, conformativas, consecutivas, concessivas, finais, proporcionais, temporais e integrantes.**

a) Causais: iniciam oração que indica circunstância de causa.

pêrapu - *porque*

tanhmã kute - *porquanto*

ite pre/axte pre/na pa pre - *uma vez que*

tanhmã - *como*

Exemplos: Tãm na axpã pa ixte pre kaxyw – ele estava bêbado por isso queria se amarrar

b) Comparativas: estabelecem uma relação de comparação.

tanhmã - *o que?*

mojo na ri - *do que*

kute - *quanto*

ỳ kot anhỹr - *assim como*

mex kot anhỹr - *bem como*

Exemplos: Tãm na apkur rax o ni jakre - ele come mais do que a mulher

c) Concessivas: estabelecem uma relação de concessão. Indicam uma contradição a outra oração, mas essa contradição não impede que o fato se realize.

kormã ri - *ainda que*

na kwryk par mẽ - *embora*

tãã ri - *mesmo que*

kot anhỹr tã ri - *por mais que*

krixpêm ri - *por pouco que*

krixpêm ma - *por mais que*

Exemplos: Pur mã mỗ na wrỹk tãã ri – mesmo que chova, irei para roça

d) Condicionais: estabelecem uma relação de condição.

nẽ- *se*

anẽ - *caso*

amrãti ri - *sem que*

kot pěr - *contanto que*

kot anhỹrja ri - *desde que*

kaxpěr kam ri - *a não ser que*

Exemplos: Kot na wrỹk kêt, pa ma pur mã mỗ - Se não chover, irei à roça.

e) Conformativas: estabelecem uma relação de conformidade, adequação ou acordo.

tanhmã kutexà - *conforme*

tanhmã kutexà - *segundo*

apuri - *consoante*

tanhmã - *como*

Exemplos: *Wajaga xà pumunh kot na ka ra axà – Segundo o pajé, você está doente*

f) Consecutivas: Iniciam uma oração que indica uma consequência do fato expresso na oração anterior.

Exemplos: *Tanhmã na tēm to nē amnhījaprã – Tamanho foi a queda que ele desmaiou*

g) Finais : iniciam uma oração que indica circunstância de finalidade

memoj kaxyw - *para que*

mo na ri - *a fim de que*

ri - *que*

tanhmã kute - *por enquanto*

kute - *quando*

Exemplos: *Kagà pumunh kamã nhôm kom rêr prã – Ele estuda a fim de passar*

h) Proporcionais: iniciam uma oração que indica um fato que foi realizado ao mesmo tempo que outro ou que vai realizar-se ao mesmo tempo que outro.

Hã akre - *à medida que*

Hã apē - *à proporção que*

Hã axi - *ao passo que*

Axte kute - *quanto mais*

Axte nē - *quanto menos*

Axte hipy - *quanto maior*

Axte hagrire - *quanto menor*

Axte - *quanto que*

Exemplos: *Ixte kagá pumunh kot ixà pumunh – À medida que estudo, aprendo*

i) Temporais: iniciam uma oração que indica uma circunstância de tempo

paj - *quando*

ixahã - *enquanto*

wỳr ri - *antes que*

apur ri - *depois que*

kormã ri - *logo que*

axymã ri - *assim que*

krit pêm ri - *até que*

rãhã ri - *sempre que*

inhmã ri - *tanto que*

Exemplo: **pahi na mẽ grer wỳr tẽ nhũm mẽgrer ra hapêx** – *quando o cacique chegou, a festa tinha acabado*

j) Integrante: introduzem oração que completa o sentido da outra.

ri - *que*

we - *se*

Exemplos:

Omu kotja we wrỳ - *veja se está chovendo*

Hêxta wenẽ kot ka we ma jarãhã mrym tẽ - *espero que você vá caçar hoje*

3.36. Interjeição

É a palavra invariável usada para expressar estados emotivos e sentimentos. Para Nicola & Infante (1991), de todas as classes de palavras, a interjeição é a que mais depende da entonação e do contexto. Assim, uma mesma interjeição pode ser usada para expressar as mais diversas emoções e sentimentos.

3.36.1. Classificação:

As interjeições são classificadas de acordo com o sentimento ou apelo que expressam. Desta forma, o significado de cada interjeição depende sempre do contexto em que ela aparece e da entonação com que é proferida. A seguir relacionamos as principais conjunções da língua Apinajé e os estados emocionais correspondentes. Essa classificação não pode ser rigorosa.

Significado	Interjeição Apinajé
De alegria	Na ! (oba!), hamri ! (ah! / oh !)
De animação	Kwa amã ma kêt na !(coragem!), kwa kuj !(vamos !)
De aplauso	Hã amỹ ra ! (viva !), hã anhĩkra tatak ! (bravo!)
De desejo	Hêxta wa nẽ(tomara), axymãnh(espero)

Significado	Interjeição Apinajé
De espanto	Kwa ka ijaê! (puxa !), kwa(opa!),mêmoj(quê!), waanê(nossa!)
De invocação	Anhîkrê nà ! (silêncio !),
De dor	Há kêj! (ai !), kwa ke ! (ui !), pÿr jare (que pena)
De medo, terror	Koky ! (ui !), tk! (cruzes !), xôwehe(credo)
De impaciência	ÿ ! (hem!), mo na ! (hum!), kwa nà (puxa!)

3.37. Sintaxe

A sintaxe é a parte da gramática que descreve as regras pelas quais se combinam as unidades significativas em frase ou oração. Segundo Nicola & Infante (1991), a sintaxe estuda as relações que as orações estabelecem entre si, formando períodos, ou seja, a sintaxe procura detectar a maneira de as partes da linguagem se estruturarem para formar os enunciados comunicativos

3.38. Frase, Oração e Período

a) **Frase:** são unidades comunicativas que exprimem ideias, emoções, ordens, apelos, enfim, estabelecem comunicação.

Exemplos:

Kuwy! - *Fogo!*

Kawaxpê! - *Calma!*

Anhîkrê! - *Para !*

Akapêr kê! - *Silêncio!*

Kuma! - *Escuta!*

Aprôt Kê! - *Não corra!*

Maatêm Kê! - *Não vá embora!*

Kamêr Na Jarãhã Apê - *Kamêr trabalha hoje*

Mikûm Na Pur Kãm Xa - *Mikûm está na roça*

3.39. Tipos de frase

As frases podem ser classificadas de acordo com seu sentido global, sendo elas:

a) **Declarativa:** declara alguma coisa a respeito de alguém.

Exemplo:

Kunũm na gwra ho prõt. - *Kunũm corre com a tora*

b) Interrogativa: ocorre quando o emissor da mensagem faz uma pergunta.

Exemplos:

Na na wrỳ̀ ? - *Está chovendo?*

Nohkre na ra pøj ? - *Nohkre já chegou?*

c) Exclamativa: o emissor expressa uma admiração, surpresa, espanto pelo fato de alguém fazer alguma coisa.

Exemplos:

Kamàt kãm kry! - *Que noite fria!*

Gwra pytĩ ! - *Que tora pesada!*

d) Imperativa: o emissor da mensagem expressa uma ordem ou pedido.

Exemplos:

Mēhkanexà ho oxkõ ! *Beba o remédio !*

akapēr kêt nē ! *Fique calado !*

ho axkõ pa ! *Beba tudo !*

As frases também podem ser divididas em **nominais e verbais**:

a) Nominais: possuem como núcleo um nome e podem apresentar um verbo de ligação.

Exemplos:

Mēmoj kutã axih tỳx nē - *A luta é grande*

Kôkôj ahpỹnhã õ pĩhpa hã krĩ - *Cada macaco no seu galho*

b) Frases verbais: possuem como base os verbos, que nunca poderão ser verbos de ligação.

Exemplos:

Na wrỳk rax nē - *Chove muito*

Na wrỳk rã hã nē - *Chove direto*

Jãã na katõtõk tỳx nē - *Trovejou ontem*

Na mēmyjaja ma pur ma pa - *Os homens foram para roça*

3.40 Oração

É a frase ou parte da frase que se organiza em torno de um verbo.

Exemplos:

Inhmã pixô gô - *Eu quero banana*

Inhmã xore puma - *Eu tenho medo de raposa*

Na pa inhmã prãm - *Estou com fome*

Na pa inhmã ixàp kur prãm - *Eu tenho vontade de comer*

Na língua Apinajé existem dois tipos de oração, classificadas por Ham (1979) como: diretas e oblíquas.

As orações diretas referem-se, geralmente, às atividades, voltadas para as ações específicas do dia-a-dia, tais como:

Exemplos:

Pa ma pur mã tẽ - *eu vou à roça*

Panhijaja na mẽ apênh o kuhê – *os índios estão trabalhando*

Na pa pixô ku – *eu comi banana*

Já as orações oblíquas se referem a um costume, condição, ou estado. Porém não a uma ação específica, conforme exemplos a seguir.

Exemplos:

Ixkra na mẽ piitãh kĩnh – *meus filhos estão felizes*

Inhmã kaga – *estou com preguiça*

Ixte pixô japrôr – *eu compro banana*

Atô na ra gôr – *teu irmão está dormindo*

As orações transitivas oblíquas sempre exigem um prefixo relacional obrigatório, com a função de sujeito.

Exemplos:

Inhmã rãráj xành – *eu gosto de laranja*

Kãm mômõre xành – *ele / ela gosta de balinha*

Na pa pyka kapô – *eu varro a terra*

Na ka pyka kapõnh – *você varre a terra*

Na pyka kapô – *ele / ela varre a terra*

As orações que possuem o sujeito inclusivo, expressam uma intenção ou pedido.

Exemplos:

Pu ma - *Vamos (dual)*

ỳ puma - *Sim, vamos*

Pu nhỹ - *Vamos sentar (dual)*

ỳ, pu nhỹ - *Sim, vamos sentar*

Pu mē apku? - *Vamos comer (plural)*

ỳ, pu mē apku - *Sim, vamos comer*

Na língua Apinajé, as orações imperativas possuem livre escolha de objeto, mas nunca se apresentam com um sujeito explícito.

Exemplos:

Prõt – *corra!*

Pixô kuxô – *descasque banana*

Inhmã rārāj kuxô – *descasque a laranja para mim*

Assim, a oração imperativa afirmativa em Apinajé pode ocorrer:

a) Apenas com verbo transitivo:

Apy – *pegue!*

Akrē – *coma*

Nhỹ - *sente!*

Ama – *escute*

b) Com verbo transitivo, acompanhado das palavras relacionais **kām / mǎ**, significando **para**.

Inhmã haprô – *compre – o/a para*

Kām hkuxô – *descasque – o/a para*

Neste caso a preposição **kām / mǎ** refere-se ao objeto indireto.

3.41. Período

O período é a frase constituída de uma ou mais orações, formando um todo, com sentido completo.

Exemplos:

Inhmã pixô xành - *Eu gosto de banana*

Na pa kôkôj pumu nhũm prôt - *Eu vi o macaco e ele correu*

a) **Simples:** é aquele constituído por apenas uma oração.

Exemplos:

Ni na kape kapô - *A Mulher varre o terreiro*

Panhĩ na tũn pĩ - *O índio matou o tatu*

b) **Composto:** é aquele constituído por duas ou mais orações.

Exemplos:

Pa inhmã rãrãj xành nẽ pixô xành - *Eu gosto de laranja e gosto de banana*

Na pa gre nẽ gáp gre - *eu cantei e dancei no pátio*

Na pa gáp gre nom inhgrer kêt nẽ - *Cantei no pátio, mas não dancei*

3.42. Termos Essenciais da Oração:

São aqueles que sustentam a mensagem transmitida por meio de uma oração. São eles: **sujeito e predicado.**

a) **Sujeito:** é o termo que denota o ser a respeito de quem ou do que se faz uma declaração.

Exemplo: **Na pa pixô japrô** - **Sujeito: Pa** - *Eu compro banana*

b) **Predicado:** é tudo aquilo que se declara a respeito do sujeito.

Exemplo: **Rap õ py.** **Predicado: rap õ py** - *pegue um lápis*

Observação: Embora o sujeito e o predicado sejam considerados termos essenciais, existem em Apinajé orações que apresentam somente predicado, visto que o verbo não se refere a nenhum sujeito gramatical. Isso se dá com verbos que indicam fenômeno da natureza. São eles: **na wrỳ** (chover), **katõtôk** (trovejar), **haxênh** (relampejar) e **kôk apêr** (ventar).

Exemplos:

Na wrỳ - *está chovendo*

Na wrỳk rax nẽ - *Chove muito*

Na wrỳk rã hã nẽ - *Chove direto*

Jãã na katõtôk - *Trovejou ontem*

3.43 Classificação do Sujeito

a) **Sujeito Simples:** é o sujeito determinado, que possui apenas um núcleo, ligado diretamente ao verbo. Esse núcleo pode estar no singular ou plural, pode, também, ser representado por um substantivo ou pronome.

Exemplos:

Kōkōj na pixô ku - *O macaco come banana*

Māti na hte mry i ku - *A ema come osso*

Na pa omu - *eu o vi*

b) Sujeito Composto: é o sujeito determinado, que possui mais de um núcleo, ou seja, mais de uma palavra relacionada diretamente ao verbo.

Exemplos:

Pa nē tām na pa wa ma pur mā mō - *Ela e eu fomos para roça*

Kamêr nē Kosêt na wa gwra ho prōnt - *Kamêr e Kosêt correm com a tora*

c) Sujeito Indeterminado: ocorre quando o sujeito não pode ser identificado claramente nem pelo contexto nem pela terminação do verbo.

Exemplos:

Na pa inhmā harôj prām - *precisa – se de arroz*

Na pa ixàpênh rax nē - *Trabalham muito*

Na pa gáp gre - *Cantam no pátio*

Krīm na pa te ixpa - *Vive-se na ladeia*

d) Sujeito Inexistente: ocorre sempre que a oração for formada apenas por predicado, articulando-se a partir de um **verbo impessoal**.

Exemplos:

Na katôtōk - *Está trovejando*

Na haxênh - *Está relampejando*

Na na wrÿ - *Está chovendo*

Na amÿkry - *É tarde*

Na krī kamā kry nē - *Faz frio na aldeia*

3.44 Predicado

Para classificar o predicado de uma oração, deve-se levar em consideração a predicação verbal.

3.44.1 Classificação do Predicado

O predicado de uma oração pode possuir um ou dois núcleos. De acordo com os núcleos, o predicado classifica-se em: **verbal, nominal e verbo-nominal**.

a) Predicado Verbal:

É aquele que tem como núcleo significativo um verbo **transitivo** ou **intransitivo**.

Exemplos:

Na kamàt kãm na wryk rax nẽ - *Choveu muito à noite*

Na apkahti - *O dia amneceu*

Na gwra ho prõt - *Ele correu com a tora*

Na gáp gre - *Ela canta no pátio*

Em Apinajé os prefixos que se referem à primeira ou à segunda pessoa, podem figurar como objeto nos verbos transitivos e como sujeito nos verbos intransitivos.

1) Verbos transitivos – nessa língua, os verbos transitivos podem vir acompanhados de um prefixo de primeira ou segunda pessoa, junto ao verbo, com função de objeto direto.

Exemplos:

Na pa apumu – *eu vejo você*

Na ka ijapêr – *você me procura*

2) Verbos intransitivos – os verbos intransitivos sempre exigem o sujeito representado por um prefixo pronominal, além de requerem um pronome pessoal.

Em Apinajé, a forma verbal de terceira pessoa será usada com a glotal junto ao verbo, quer o sujeito venha explícito ou implícito.

Exemplos:

Na hprô – *ele comprou*

Na harĩ – *ele pula*

b) Predicado Nominal: é aquele que tem como núcleo um nome. Esse nome atribui uma qualidade ou estado do sujeito. É formado sempre por um verbo de ligação ou estativo.

Exemplos:

Nija ãm mutre - *A mulher é bonita*

Na prĩreja arĩ à nẽ - *A criança continua doente*

Na kukryt ty - *A anta está morta*

Na kagà jahkre xwýnh kaprĩ nẽ - *A professora está triste*

c) **Predicado Verbo-nominal:** é aquele que apresenta dois núcleos significativos, sendo um **verbo**, que indica ação e um **nome**, que indica qualidade ou estado do sujeito ou do objeto.

Exemplos:

Na à nẽ pøj - *Ela chegou doente*

Na apkahĩ nẽ arĩgro tỳx nẽ - *O dia amanheceu ensolarado*

Na myja pøj nom arĩk ry nẽ - *O homem chegou atrasado*

3.45. Verbos estativos

Os verbos estativos em Apinajé possuem formas simples e não são conjugadas. São regidas por palavras relacionais, que funcionam como preposição, omitindo um sujeito prefixado. Os chamados verbos intransitivos requerem a preposição **mã**, indicando sentido de estado habitual ou temporal.

Exemplos:

Inhmã kry – *estou com frio*

Inhmã kaga – *estou com preguiça*

Inhmã prãm – *estou com fome*

Inhmã kôr – *estou com sede*

Xà amã kry – *você está com frio?*

Xà amã kôr – *você está com sede?*

Kosêt mã kry – *Kosêt está com frio*

Nokre mã kaga – *Nokre está com preguiça*

Kamêr mã kôr – *Kamêr está com sede*

Nas formas imperativas de 3ª pessoa do singular, a preposição **mã** faz parte do radical do pronome de 3ª pessoa **ka** – **kãm** e o verbo, que está no imperativo, é usado com a consoante glotal.

Exemplos:

Kãm hkuxô – *descasque para ele / ela*

Kãm hkapa – *tire para ele / ela*

Kãm hkay – *costure para ele / ela*

Kêp hkapa – *tirei dele / dela*

Kêp hkapĩ – *entorno dele / dela*

Neste caso, as preposições **kãm** / **mã** referem-se ao sujeito.

3.45.1 Verbos transitivos estativos

Esta é uma forma especial de verbo transitivo, ligado a oração estativa. Possui as características das orações transitivas, incluindo a mesma ordem de palavras. O objeto é preenchido por uma frase nominal ou prefixo no verbo. Neste caso, o sujeito será prefixado e acompanhado da posposição **mã**.

Exemplos:

Inhmã hkĩnh - *eu gosto dele / dela*

Inhmã akĩnh - *eu gosto de você*

Inhmã uma - *eu tenho medo*

Inhmã môx pyma - *eu tenho medo de vaca*

Inhmã Rop pyma - *eu tenho medo de cachorro*

Inhmã pixô xành - *eu gosto de banana*

Observação: O verbo **hkĩnh** – *gostar* – é usado com significado de *afeto, amar*; já o verbo **xành** *gostar* – é usado quando se refere à *comida, alimento*.

Na língua Apinajé, os verbos transitivos classificam-se de duas formas, dependendo do modo como indicam o objeto, vindo implícito ou explícito. Assim, nessa língua, os verbos apresentam duas formas de raiz. Uma forma longa, que ocorre apenas quando o verbo vier seguido de outras palavras na oração, e uma forma curta, em que o verbo ocorre na posição final da oração.

Assim, os verbos que ocorrem na forma longa indicam, através do prefixo, que o objeto está implícito. Já na forma curta ocorre tanto com objeto implícito como explícito, conforme constamos abaixo:

Exemplos:

Pa xore pĩ - *eu mato a raposa*

Ka xore pĩ - *você mata a raposa*

Pa hpĩr kêt nẽ - *não mato*

Pa mỳnh ket nẽ - *não pego*

Os verbos que apresentam a forma curta indicam, muitas vezes, que o objeto está explícito através de um prefixo ou pela mudança na raiz, como podemos constatar abaixo.

1. Forma curta – ocorre quando o verbo aparece no final da oração.

a) Objeto implícito:

Pa umĩ – *eu (o) asso*

Pa haprô – *eu (o) compro*

Pa omu – *eu (o) vejo*

b) Objeto explícito:

Paja xumĩ – *eu asso isto*

Paja japrô – *eu compro isto*

Paja pumu – *eu vejo isto*

2. Forma longa – a forma longa ocorre, quando o verbo vem seguido por outras palavras na oração, geralmente por uma palavra de sentido negativo.

a) Objeto implícito:

Pa umĩr kêt nẽ - *eu não (asso)*

Pa haprôr kêt nẽ - *eu não (o) compro*

Pa omunh kêt nẽ - *eu não (o) vejo*

b) Objeto explícito:

Pa ja xumĩr kêt nẽ - *não asso isto*

Pa ja japrôr kêt nẽ - *não compro isto*

Pa ja pumunh kêt nẽ - *não vejo isto*

3.46 Termos Integrantes da Oração

São aqueles que completam o sentido dos verbos e dos nomes. Por isso são indispensáveis na oração. Os complementos verbais são classificados em quatro: **objeto direto, objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva.**

a) **Objeto direto:** é o termo da oração que completa o sentido de um verbo transitivo direto.

Exemplos:

Na rop xore pĩ - *O cachorro matou a raposa*

Na myja kukryt pĩ - *O homem matou a anta*

Prĩre na mry ku - *A criança come carne*

Rop pumu - *Veja o cachorro*

b) **Objeto indireto:** é o termo que completa o sentido do verbo transitivo indireto.

Exemplos:

Inhmã mry xành - *eu gosto de carne*

Panhĩa na htem wagà kêt hamaxpêr - *O índio confia no pajé*

Mêni na te mjên kêt hamaxpêr - *A mulher confia no marido*

Mêmy na te prô kêt hamaxpêr kêt nẽ - *O homem não desconfia da esposa*

c) **Complemento Nominal:** é o termo da oração que completa o sentido de um nome.

Exemplos:

Kãm ropkror pyma - *Medo de onça*

Inhmã kagã pyma - *Eu tenho medo de cobra*

Harôj o wênê - *A venda do arroz*

d) **Agente da Passiva:** é o termo da oração que pratica a ação do verbo na voz passiva.

Exemplos:

Na kukryt ty nom mry xwýnh na kupĩ - *A anta foi morta pelo caçador*

Pĩ karer na prĩre kukwýr - *A vara foi quebrada pelo menino*

Na panhija kagã kunha - *O índio foi mordido pela cobra*

Ni na menh nhy guj rax nê - *A mulher foi atacada pelas abelhas*

3.47 Termos Acessórios da oração

São aqueles cuja função é secundária, podendo ser também dispensáveis ao sentido da oração. São três: **adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto.**

a) **Adjunto adnominal:** é o termo da oração que determina e caracteriza o substantivo.

Exemplos:

Ka na ano grãgrã - *teus olhos são verdes*

Na mêmjaja hapôj - *aqueles meninos saíram*

Mêmy hamêx krut nê xwa - *dois meninos tomam banho*

My prêk - *Homem alto*

Ni prĩ - *Mulher baixa*

Em Apinajé o objeto possessivo, isto é, o genitivo se configura na ordem inversa, segundo os exemplos abaixo:

Par i – *osso do pé*

Môx krã – *cabeça da vaca*

Tôn i – *osso de tatu*

Tep i – *osso de peixe*

b) **Adjunto Adverbial:** é o termo da oração que modifica o sentido do verbo, do adjetivo ou do próprio advérbio.

Exemplos:

Koja apkahti ma mō - *Viajará amanhã*

Tām na à tỳx kumrēx - *Ele está muito doente*

Tām na grer mex kumrēx - *Ele canta muito bem*

3.47.1 Classificação dos adjuntos adverbiais

São inúmeras as circunstâncias que o adjunto adverbial pode expressar. Portanto, deve-se aceitar qualquer classificação que demonstre compreensão clara da circunstância expressa pelo adjunto adverbial.

a) causa:

Kuwênh na prām kupī - *O pássaro morreu de fome*

b) companhia:

Ixkuri arīk - *Fique comigo*

Ma pu mō - *vá comigo*

c) condição:

Inhmar kêt nē a tēm kêt nē - *Não saia sem eu mandar*

d) dúvida:

Kop arīk jarā hã akupỹnh mōr japêr - *Talvez ela volte hoje*

e) finalidade:

Na mēnhkīnh kaxyw gà kapō - *Limpou o pátio para a festa*

f) instrumento:

Panhī na pohê kakô - *O índio toca com o pífono*

g) intensidade:

Na pa tep rax pī - *Eu matei um peixe muito grande*

Na pa tep rax kanhê - *Eu peguei um peixe muito grande*

i) lugar:

Panhīja na krī kama pa - *Os índios moram na aldeia*

j) meio:

Na gôx kãm pâr kãm pa - *Eu ando de barco*

Na pâr kãm rê - *Atravessou o rio de canoa*

Na pâr kãm rimra - *Andou de carro*

l) modo:

Panhĩ na amnhĩ krã kôt - *O índio ficou à vontade*

Mry xwỳnh arĩ mry jamâr o nhỹ - *O caçador esperou a caça pacientemente*

m) negação:

Ni na mẽõ nhĩpêx kêt nẽ - *A índia não fez comida*

Na prĩre wỳr kêt nẽ - *A criança não tomou banho*

n) afirmação:

ỳ, na ra hipêx - *Sim, já fez*

o) tempo:

Hãmri koja tê nẽ xwa - *Agora ela vai tomar banho*

Apkahti koja ma pur mã tê - *Amanhã, irei à roça*

Jãã na pre prĩre à nẽ - *Ontem a criança estava doente*

p) Palavras relacionais com valor adverbial

Mõ – *significa ir embora.*

Exemplos: pa ma mõ – *eu já vou embora*

wỳr – *significa em direção a, até a.*

Exemplos: pa ma awỳr tê - *eu vou à minha roça*

Mã – *significa à, até a.*

Exemplos: pa ma ixpur mã tê – *eu vou até minha roça*

3.47.2. Aposto:

É uma palavra ou expressão que explica um termo da oração. Essa palavra ou expressão apresenta um caráter substantivo.

Exemplos:

Kamêr, pahiti na ma krĩ rax mã tê - *Kamêr, o cacique da aldeia, foi para cidade*

Kamêr nẽ Kunũm na wa ma mrym tê - *Os dois, Kamêr e Kunũm, foram caçar*

Kàxpore, inhõ, àpênh, pa kwarĩ inhmã kĩnh - *Dinheiro, amor, trabalho, nada eu quero*

3.48. Vocativo

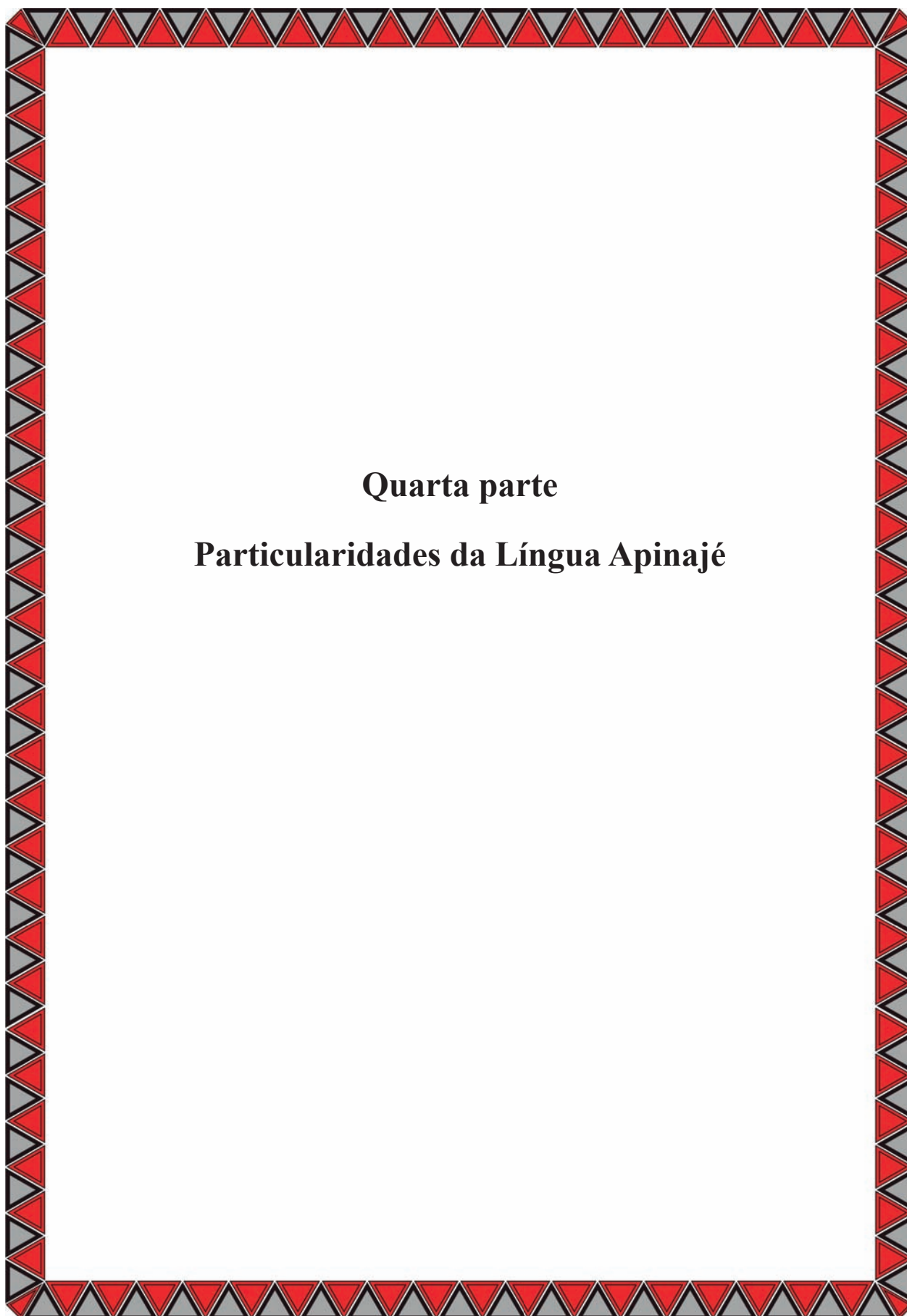
É o termo isolado dentro da oração que serve para indicar o elemento a quem nos dirigimos.

Exemplos:

Pahi, amnẽ tẽ - *Cacique, venha cá*

Na pre ni mexre, kupĩp kãm nõ - *Estava, linda índia, deitada na esteira*

Prĩre pĩhpo kàx ã xa - *Menino, sai do banco*



Quarta parte
Particularidades da Língua Apinajé

4. Particularidades da língua Apinajé

4.1. Expressões Apinajé

Nesta seção, utilizamos alguns dados de Ham(1976)

Mo na ja?	“O que é isto?”
Mo na ata?	“O que é isso?”
Tanhmã na anhĩxi te?	“Como você se chama?”
Tanhmã na hixi te?	“Como ele/ela se chama?”
Inhĩxi pê na	“Meu nome é”
Tanhmã na hã kute?	“Quanto custa”
Ku Pênh ket nẽ !	“Não mexa!”
Mo na ka ri ho onẽ ?	“O que está fazendo”
Mo na pa ri ho onẽ?	“O que estou fazendo?”
Nhỹri na kãm kato?	“Onde achou?”
Nhỹri na anãja?	“Onde está sua mãe?”
Nhỹri na Kosêtja?	“Onde está Kosêt?”
Nhỹri na atôja ?	“Onde está seu irmão ?”
Inhõtswa.	“Estou com sono.”
Ikkêgrà.	“Estou cansada.”
Ikkagro.	“Estou com calor.”
Inhmã kry.	“Estou com frio”
Inhmã kôr	“Estou com sede”
Inhmã prãm	“Estou com fome.”
Inhmã kaga.	“Estou com preguiça”
Ixà.	“Estou doente”
Tanhmã?	“O quê?”
Mex	“Bom/bonito”
Mex katorxà	“Muito bom/bonito”
Mex kumrẽx	“Muito bom/bonito”
Omnuj	“Ruim/feio”
Kormã	“Ainda não”
Axte	“Mais uma vez”
Hãmri	“Chega/obrigado”
Apkahtim	“Amanhã”
Jarãhã	“Hoje”
Kamàt kãm	“De noite/ à noite”
kwỳ htã	“De manhã”
Amỹkry hkôt	“De tarde/ à tarde”

Mraati	“Nada”
No pẽrapu ?	“Por quê?”
Mẽmoj ?	“O quê?”
Nhỹhỹm ?	“Para onde?”
Nhỹhỹnh ?	“De onde?”
Nhỹri ?	“Onde ?”
Mẽhõja ?	“Quem? (plural)”
Mĩ	“Pegue”
Jar	“Aqui”
Atar	“Aí”
Mã	“Não (feminino)”
Nà	“Não(masculino)”
Kwarĩ	“Jamais/não”
ỳ	“Sim”
Na pa amar kêt nẽ	“Não entendo o que você diz”
Konẽn	“Não sei”
Xà ka?	“O que está querendo?”
Pa omu	“Deixe-me ver”
Inhmã agõ	“Dê-me”
Ma tẽ	“Saia/vá”
Akupỹm axi	“Devolva”
Nhỹ	“Sente-se”
Nohkre mã harẽ	“Diga à Nohkre”
Taxymãnh	“Espere aí”
Axà	“Entre”
Amnhĩ nhĩ hkra kuhõ	“Lave as mãos”
Xà wehe !	“Realmente!”
Mê ?	“Ou não?”
Ka!	“Olá (Saudação feminina)”
Pa!	“ Olá (Saudação masculina)”

4.2. Perguntas e respostas Apinajé

a) Perguntas e respostas afirmativas

Xà na ka pixô japrô?	“Ele comprou banana?”
ỳ, na pa haprô.	“Sim, ele comprou”
Xà na anhõ kawà japrô?	“Ele comprou o cofo?”

ÿ, na pa haprô.	“Sim, ele comprou”
Xà na ka anhõ kuwênh pumu?	“Ele viu o pássaro?”
ÿ, na pa omu.	“Sim, ele viu.”
Xà na ka na pumu?	“Ele viu a chuva?”
ÿ, na pa omu.	“Sim, ele viu.”
Xà axà?	“Está doente?”
ÿ, axà	“Sim, estou”
Xà na ra Kamêr kawà nhĩpêx?	“Kamêr fez o cofo?”
ÿ, na ra hipêx.	“Sim, já fez”
Xà na ka ra mry hkrê?	“Você já comeu carne?”
ÿ, na pa ra kukrê.	“Sim, já comi”
Xà na ka ixpumu?	“Você me viu?”
ÿ, na pa apumu.	“Sim, eu vi você”
Xà na ka ixma ?	“Você me ouviu?”
ÿ, na pa ama.	“Sim, eu ouvi você”
Xà na Kosêt hprôt ?	“Kosêt correu?”
ÿ, na hprôt.	“Sim, correu.”
Xà na Aminhõ xa?	“Aminhõ ficou em pé?”
ÿ, na xa.	“Sim, ficou em pé.”

b) Perguntas afirmativas e respostas negativas:

Xà anhõ mry ?	“Há/tem carne ?”
Mã, nhõ mry hkê?	“Não, não há carne”
Xà anhõ jàt ?	“Há batata doce?”
Mã, inhõ jàt kêt	“Não, não há batata doce.”
Xà anhõ mry tôn ?	“Há carne de tatu?”
Mã, inhõ mry tôn kêt.	“Não, não há carne de tatu.”

Observação: neste caso, podemos constatar que a palavra **nhõ** passa a exercer significado de **ter/haver**, **mã**(fala feminina) e **nà** (fala masculina) passam a ter sentido negativo (não), acompanhado da partícula negativa **kêt**, no final da frase

4.3. Algumas Sentenças transitivas Apinajé

a) Oração estativa: nesse tipo de oração, o objeto é preenchido por uma frase nominal ou verbo prefixado, como também por um sujeito prefixado. Assim, a posposição será **mã**, que indica estado temporário.

Exemplos:

Inhmã akĩnh - *eu gosto de você (estado temporário)*

Inhmã rop kĩnh - *eu gosto de cachorro (estado temporário)*

b) Oração transitiva: é formada por um sujeito e um verbo. O sujeito pode ser um pronome, uma frase nominal ou um marcador de pessoa prefixado ao verbo.

Exemplos:

Pa pumu - *eu vi*

Ka gõr - *você dormiu*

Jãã na ka tẽ - *ontem você foi*

Pa gre - *eu cantei*

Ka anhõx kêt - *você não dormiu*

c) Oração estativa simples: é formada por um verbo que tem a forma simples, não conjugada. O sujeito ocorre junto à posposição e é o mesmo da oração transitiva, **mã**.

Exemplos:

Inhmã prãm - *estou com fome - estado temporário*

Inhmã kry - *estou com frio - estado temporário*

d) Oração adjetiva: a característica que distingue a oração adjetiva é a classe de verbo. Nas frases nominais, todos os membros dessa classe ocorrem com adjetivos e como modificadores adverbiais nas frases verbais.

Exemplos:

Rop mex - *o cachorro é bonito*

Tãm na kregrire - *Aquilo/ele/ele é estreito/afunilado*

Na pa hipija àm nẽ - *Eu estou com vergonha*

4.4. Orações não verbais Apinajé

Estas orações se distinguem pela presença ou ausência de sujeito

a) oração equacional: este tipo de oração é composta de um sujeito e de um complemento. Nesse caso, o sujeito é representado por uma frase nominal ou por um pronome demonstrativo.

Exemplos:

Ja na rop - *Isto é um cachorro*

Mũj na mē prĩre - *Aquelas são crianças*

Ja na inhõr kwỹ - *Esta é minha casa*

Inhõ ikre na - *A casa é minha*

b) Oração identificativa: é constituída de um sujeito e um complemento, mas nesse caso há um relator posposicional **pê**, que funciona como cópula (verbo ser). O sujeito pode ser representado por uma locução nominal ou por prefixo ligado ao **pê**.

Exemplos:

Pa ixpê panhĩ - *Eu sou índio*

Pa ixpê Kamêr - *Eu sou Kamêr*

c) Oração temporal: é constituída por uma só palavra não conjugada.

Exemplos:

Nà kamàt - *é noite*

Kormã kagro - *está quente*

Kormã hakry - *está frio*

Kormã ùm - *está escuro*

Na amykry - *é tarde*

Kormã kamàt - *está tarde*

4.5. Orações Imperativas

As orações imperativas, em Apinajé, são marcadas pela ausência de sujeito. A forma imperativa ocorre somente na segunda pessoa do singular. Assim, as formas afirmativas e negativas do imperativo são basicamente as mesmas. A forma negativa **kêt nē** vem após o verbo para efetuar a negação da frase ou sentença, contribuindo para que o verbo não apareça no final da oração, nesse caso, de modo geral, ocorre a forma longa do verbo.

Exemplos:

Ropkror pĩ - *mate a onça*

Penh pa - *beba tudo*

Gre - *cante*

Agrer kêt - *não cante*

Grer - *canta*

Penh par kunrēx - *bebei tudo*
Karà pīr kêt nē - *não mate o veado*
Ropkror pīr kêt nē - *não mate a onça*
Aprôt kêt - *não corra*

a) Resposta para o imperativo negativo

Exemplos:

Kwarī, pa ho anhỹr kêt nē - *não, eu não faço*
Kwarī, pa kot pa ho anhỹr kêt nē - *não, eu não farei*
Kwarī, pa pīr kêt nē - *não, eu não o mato*
Kwarī, pa krēr kêt nē - *não, eu não o como*
Nà na pa omunh kêt nē - *não, eu não o vi*
Nà pa penh kêt nē - *não, eu não bebo*
Nà pa inhõx kêt nē - *não eu não dormi*

b) Resposta para imperativo Afirmativo.

Exemplos:

ỳ, kyj - *Sim, vamos*
Ã, kyj - *Então, vamos*
ỳ, inhõ pixô - *Sim, tenho banana*
ỳ inhõ mry - *Sim, tenho carne*
ỳ inhõ kàxpore - *Sim, tenho dinheiro*
ỳ inhõ pōy - *Sim, tenho milho*

4.6. A Negação Apinajé

A negação Apinajé, de modo geral, é representada pela partícula **kêt nē**, que ocorre no final da oração, após o verbo.

Exemplos:

Tām na ropkror pumunh kêt nē - *Ele não viu a onça*
Panhĩ na tôn pīr kêt nē - *O índio não matou o tatu*
Prĩre na mry krēr kêt nē - *A criança não come carne*

A forma negativa afeta o verbo que só pode ser representado pela forma longa. Assim, todos os constituintes da oração podem ser negados, o sujeito, o objeto direto ou indireto, o verbo ou qualquer um dos constituintes da oração.

Exemplos:

Nà, gáp kêt - *não, no pátio*

Nà, Panhĩ kêt - *não, um índio*

Nà, Prĩre kêt - *não, uma criança*

Pa na pa kuxê o tòn pĩr kêt nê - *eu não matei o tatu com a espingarda*

Pahi na kĩnh kêt nê - *o cacique não está feliz*

4.7. Frases Nominais Apinajé

Os constituintes das orações com frases nominais apresentam uma série de posposições, que fazem relação com pessoas, coisas, ações e locais, conforme apresentaremos a seguir:

a) O sujeito dos verbos que indicam medo, fome, atração, frio é marcado por duas posposições: **mã**, que indica estado temporário.

Exemplos:

inhmã kry - *estou com frio*

Inhmã prãm - *estou com fome*

Inhmã akĩnh - *eu gosto de você*

Inhmã maa - *eu tenho medo*

b) O sujeito em oração de identificação é marcado com a posposição **pê**, que funciona como cópula(verbo de ligação) **Exemplos:**

Ixpê panhĩ - *eu sou indígena*

Ixpê kupê - *eu sou não indígena*

4.8. Os Genitivos Nominais Apinajé

Em Apinayé não existe posposição correspondente à preposição *DE* do português, que exprime uma relação de posse como “*casa de Pedro*”, ou outras relações como “*facas de prata*” (relação de matéria) etc. Basta, para exprimi-las em Apinayé, juntar os dois substantivos em ordem inversa à do português, como faz o inglês, por exemplo, em “*Peter’s house*” (“*casa de Pedro*”) ou como faz o alemão em “*Volkswagen*” (“*carro do povo*”). Tal relação que leva, em português, a preposição *DE* e que exprime posse, pertença, origem, qualidade, atribuição de algo a alguém é a que chamaremos “*relação genitiva*”. Chamaremos o primeiro termo da relação genitiva de *genitivo* ou *determinante*.

Os genitivos em Apinajé se apresentam de duas formas:

a) Os nomes obrigatoriamente possuídos ocorrem com prefixos de pessoas possuidores obrigatórios, indicando partes de corpo ou termos de parentesco.

Exemplos:

Ixno - *meu olho*

Ixte - *minha perna*

Atõ - *sua irmã*

Ixprõ - *minha esposa*

Kamêr kra - *filho de Kamêr*

b) Nos nomes obrigatoriamente possuídos, o possuidor é seguido por uma partícula marca-dora de posse **õ** ou **nhõ**, seguida pelo objeto possuído.

Exemplos:

Anhõ kagà - *meu livro*

Kosêt nhõ kuxê - *o arco de Kosêt*

Õ kuhpîp - *a esteira dele/dela*

Como pudemos observar, a construção genitiva em Apinajé expressa dois tipos de relação: uma de posse, que acontece entre termos de parentesco e parte do corpo, e outra que é a parte-todo, que acontece entre termos que designam elementos culturalmente integrados à língua. Assim, no primeiro caso, existe uma marca morfológica de posse, já no segundo os dois termos são justapostos.

Exemplos:

rop krã - *cachorro cabeça - cabeça do cachorro*

Inhîpêxà nhõ pur - *do meu pai roça - a roça do meu pai*

Inhõ kuxê - *arco meu - meu arco*

Pixô pâr - *banana pé - pé de banana*

Kukryt kà - *de anta couro - couro de anta*

4.9. Nominalização em Apinajé

Em Apinajé, os verbos podem ser nominalizados de várias formas, conforme descreveremos a seguir:

a) **Com o nominalizador xà:** que indica coisa, local ou evento:

Exemplos:

Tep kanhêr - *pescar*
Tep kanhêrxà - *pescaria*
Tep pynênhxà - *rede de pescar (local de pescar)*
Tep rênhêrxà - *anzol*
Mêkrax prexà - *cinto*

b) Como o **nominalizador - xwỳnh**, que indica agente(aquele que faz), de modo geral faz referência a um ser humano, mas pode também se referir a animal que ocupa espaço de gente.

Exemplos:

Na pa ixkre jamâr mex nê - *Eu cuidei da casa*
Ixkre pumunh xwỳnh - *Aquele que cuida da casa (cuidador)*
Prôt xwỳnh - *Corredor*
Nějti na te kapõ - *Aquele que varre*
Kapõnh xwỳnh - *Varredor*
Něj na te akre - *Aquele que planta*
Akre xwỳnh - *Plantador*
Něj na te tep kanhê - *Aquele que pesca*
Tep kanhêr xwỳnh - *Pescador*
Pur pumunh xwỳnh - *aquele que cuida da roça (cuidador)*
Mêgrer pumunh xwỳnh - *aquele que cuida da festa (cuidador)*
Tâm kot mrõ - *aquele que mergulha*
Mrõr xwỳnh - *mergulhador*
Tâm kot axrenh - *aquele que luta*
axrenh xwỳnh - *lutador*

c) Como **nominalizador negativo - kêt xwỳnh**, que nominaliza certas classes de verbo e indica pessoa enquanto nega o significado do verbo.

Exemplos:

Uma - *obedecer*; **Umar kêt xwỳnh** - *aquele que não obedece*
Prôt - *correr*; **prôt kêt xwỳnh** - *pessoa que não corre*
Hêx - *Mentir*; **hêx kêt xwỳnh** - *pessoa que não mente*
Tep kanhêr - *pescar*; **tep kanhêr kêt xwỳnh** - *pessoa que não pesca*

4.10. Algumas funções dos nome e verbos Apinajé:

a) palavras que só funcionam como verbos:

Exemplos:

omu - *olhar*

Karê - *roçar*

Haprô - *comprar*

Gõr - *dormir*

Harĩ - *pular*

Apku - *comer*

Kagà - *escrever*

Oxkô - *beber*

b) Palavras que só funcionam como substantivos:

Exemplos:

pry - *estrada*

gôj - *panela*

gô - *água*

pur - *roça*

mry - *carne*

gà - *pátio*

mêõ - *comida*

kupêxê - *roupa*

mêhparkà - *sapato*

c) Verbos usados apenas para mulher:

Exemplos:

kapô – *varrer*

amnhĩhtãÿr – *carregar na barriga*

mêõ krexê – *fazer colar*

õkre pôj – *cantar*

ajôk – *pintar*

xwÿkupu nhĩpêx – *fazer paparuto*

akrã hã ãm – *carregar na cabeça*

d) Verbos usados apenas para homens:

Exemplos:

kanhê – *pescar*

mry – *caçar*

pīkà – *derrubar roça*

karê – *brocar/roçar*

krak – *atirar*

hoaxkrex – *lutar*

prôt – *correr*

gôru – *carregar água*

krākênh – *cortar cabelos*

atu – *carregar no ombro*

e) Verbos usados tanto para homens como para mulheres:

Exemplos:

kupêxê kahō - *lavar roupa*

mêõ nhīpêx - *fazer comida*

kir - *moquear*

kapō - *varrer*

gwra ho prôt - *correr com tora*

amnhī kati - *brincar*

f) Particularidade do verbo *carregar*:

Exemplos:

atu - *carregar nas costas*

amỳ - *carregar nos braços*

akrã hã ãm - *carregar na cabeça*

anhōkwa kôt amỳ - *carregar na barriga*

anhīkre hã ãm - *carregar no ombro*

g) Palavras que funcionam como substantivo e verbo:

Exemplos:

prôt – *correr – corrida*

ty – *morrer – morte*

kamrô – *menstruar – menstruação - sangue*

mry – *caçar – caça*

h) Formas longas do verbos Apinajé:

Exemplos:

pumunh – *vendo*

omunh – *olhando*

têm – *caindo*

kapõnh – *varrendo*

kĩnh – *gostando*

grer – *cantando*

mur – *correndo*

grer – *dançando*

apkur – *comendo*

hipêx – *correndo*

harĩ – *pulando*

kapêr – *falando*

i) Verbos que indicam lugar ou posição do objeto ou pessoa

Exemplos:

nhỹ - *sentado* - **mêsti hã na nhỹ** - *sentado na mesa*

Xa - *em pé* - **mêsti hã na xa** - *em pé na mesa*

Nõ - *deitado* - **mêsti hã na nõ** - *deitado na mesa*

j) Nominalizador xê:

A partícula nominalizadora **xê** indica coisa ou objeto de uso:

Exemplos:

mêpaxê – *enfeite do braço*

mêõkrexê – *enfeite do pescoço*

mêtexê – *enfeite da perna*

l) Partícula interrogativa xà/ xô:

A partícula interrogativa **xà** é usada pelos Apinajé mais velhos; já os mais novos estão usando **xô**:

Exemplo:

Xà anhõ pixô ? - *Tem banana?*

Xô anhõ rārāj? - *Tem laranja?*

m) Partícula de plural -jê:

Na língua Apinajé, a partícula de plural **-jê** é usada para os nomes que assumem a função de objeto direto da oração.

Exemplos:

Mryxwýnh na ropkrojê pĩ – *o caçador matou as onças*

Ropkrorjaja na xorejê nhĩmex – *as onças mataram as raposas*

n) Partícula -jaja

A partícula **-jaja** é usada para nomes que assumem a função de sujeito da oração.

Exemplos:

Panhĩjaja na mẽ apênh o kuhê – *os índios estão trabalhando*

Ropkrorjaja na xore nhĩmex – *as onças mataram a raposa*

o) Palavra negativa feminina mã/ma:

A palavra de valor negativo **mã** é usada pelas mulheres Apinajé mais velhas, visto que as mais novas estão usando **ma**.

Exemplo:

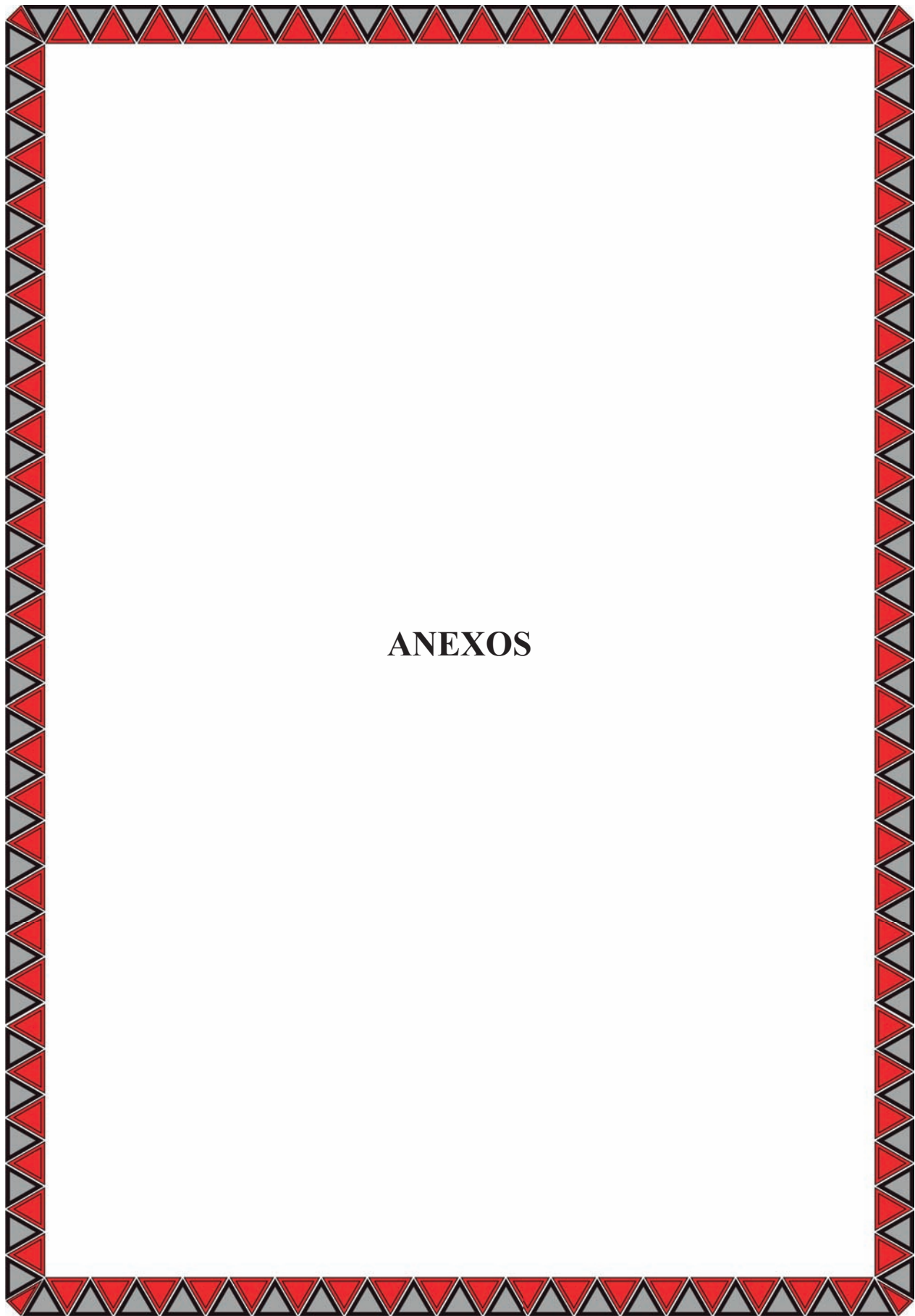
mã inhõ pixô kêt – *não tem banana*

ma inhõ pixô kêt – *não tem banana*

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. *Contato dos Apinayé de Riachinho e Bonito com o português: aspectos da situação sociolingüística*. Dissertação (Mestrado em Letras e Lingüística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999. 132 p.
- _____. *Contribuição da fonologia ao processo de educação indígena*. Tese de Doutorado em letras – Universidade Federal Fluminense. Niteroi, 2007. 255 p.
- _____. A estrutura dos nomes em apinayé. In: CABRAL, Ana Suelly Arruda; RODRIGUES, Aryon Dall’Ina (Orgs). *Línguas Indígenas Brasileiras, Gramática e História*. Belém: EDUFPA, 2002. Atas do I Encontro Internacional da ANPOLL.
- _____. *Projeto de apoio pedagógico à educação indígena Apinayé*. Araguaína: UFT/SEDUC/FUNAI/ADR-Araguaína, 2005.
- ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. A estrutura do verbo em Apinayé. In: D’ANGELIS, Wilmar da Rocha(Orgs.). *Línguas indígenas americanas. Revista LIAMES*. Campinas, SP: UNICAMP, 2004.
- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. Considerações sobre a relação entre fonologia e sistemas de escrita. In: SEKI, Luci (Org.). *Lingüística indígena e educação na América Latina*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- ABERCROMBRIE, David. *Elements of general phonetics*. Ediburgo: Edinburgh University Press, 1967.
- ANDRÉ, Hildebrando A de. *Gramática ilustrada*. São Paulos: Moderna 1990
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio e Janeiro: Lucerna, 2003.
- BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henri Holt, 1933.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos lingüísticos*. 13. ed. São Paulo: Pontes, 2003.
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. *Contribuições da lingüística para o ensino de línguas*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.
- COLLISCHON, Gisela. O acento em português. In: BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPURCS, 1996. p.131-157.
- CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. *Relatório geral* de 14 de fev. de 1979, Tocantinópolis.
- COUTO, Hildo Honório. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da Universidades Brasília, 1996
- DA MATA, Roberto. *Um mundo dividido: a estrutura social dos índios Apinayé*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. 5.ed. São Paulo: Cutrix, 1998.
- FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco Marto de. *Gramática: fonética, fonologia, sintaxe e estilística*. São Paulo: Ática 1991

- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. *Parecer Técnico nº 001* de 28 de abril de 1997, Brasília.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. *Relatório Geral* de junho de 2007, Araguaína-TO.
- GIRALDIN, Odair. *Axpên pyràk: história cosmológica, onomástica e amizade formal Apinayé*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2000. Campinas, 2000, 252 p.
- HAM, Patrícia. *Apinayé phonemic statement*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1961.
- _____. *Aspectos da língua Apinayé*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1979.
- _____. *Morfofonêmica Apinayé*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1967.
- HOOVER, JOAN. *An introduction to natural generative phonology*. New York: Academic Press, 1976.
- INFANTE, Ulisses; NICOLA José de. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 7. ed. São Paulo: Scipione, 1991
- KAHN, D. *Syllable: based generalizations in English Phonology*. 1976. Cambridge. Tese, (Tese de Doutorado) Mass: MIT. Cambridge, 1976
- LADO, Robert. *Introdução à lingüística aplicada*. Petrópolis: Vozes. 1971. Tradução de Vicente Pereira de Sousa.
- MACAMBIRA, José Rebouças. *Fonologia do português*. Secretaria de Cultura e Desporto, Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, Fortaleza, 1985.
- MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*. Brasília: MEC, 1998.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Os Apinayé*. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 1983
- PIKE, Kenneth. *Phonemics a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: University of Michigan Press. 1947
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- _____. Conferência feita na inauguração do Laboratório de Línguas Indígenas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em 8 de julho de 1999.)
- SACCONI, Luiz Antônio. *Nossa gramática: prática*. 11. ed. São Paulo: Atual, 1991
- SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 Lições*. São Paulo: Ática, 1990
- SILVA, Thais Cristóvão. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 4. ed. São Paulo: Contexto: 2001
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995
- WALLER, Helen. *A Conjunção nhũm na narrativa apinayé*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1976.
- WEISS, Helga Elisabeth. *Fonologia articulatória: guia e exercício*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1988.
- Almanaque Abril – Enciclopédia Brasileira em multimídia, Abril Multimídia, 1997***
<http://www.socioambiental.org/pib/portugues/linguas/trablang.shtm>, 2009.



ANEXOS

ANEXO 2

Reservas Indígenas



Os textos conferem com os originais, sob a responsabilidade do autor.



ESTA PUBLICAÇÃO FOI ELABORADA PELA EDITORA DA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS E
IMPRESSA NA GRÁFICA E EDITORA AMÉRICA LTDA

Rua Colônia, qd. 240-C, It. 26 a 29, Chácara C2, Jardim Novo Mundo
CEP. 74.713-200, Goiânia, Goiás, Brasil.
Secretaria e Fax (62) 3946-1814 – Livraria (62) 3946-1080

